

EXERCÍCIOS DA FRATERNIDADE DE COMUNHÃO E LIBERTAÇÃO

UMA PRESENÇA NO OLHAR



RIMINI 2015

UMA PRESENÇA NO OLHAR

EXERCÍCIOS DA FRATERNIDADE
DE COMUNHÃO E LIBERTAÇÃO



RIMINI 2015

Tradução de Paulo Pacheco e Solange Siquerolli
Revisão de Maria Ramos Ascensão

© 2015 Fraternità di Comunione e Liberazione

«Por ocasião do curso anual dos Exercícios espirituais para os membros da Fraternidade de Comunhão e Libertação, que tem lugar em Rimini, Sua Santidade, o Papa Francisco, espiritualmente partícipe, envia o seu cordial pensamento e os seus melhores votos, esperando para os numerosos participantes e para todos os que estão ligados via satélite, abundantes frutos de descoberta interior da fecundidade da fé cristã, sustentada pela certeza da presença do Cristo ressuscitado. O Santo Padre invoca os dons do Divino Espírito para um generoso testemunho da perene novidade do Evangelho, na senda traçada pelo benemérito sacerdote, monsenhor Luigi Giussani. E enquanto pede que perseverem na oração pelo Seu ministério universal, invoca a celeste proteção da Virgem Santa e transmite, de coração, ao senhor e a todos os presentes, a implorada bênção apostólica, estendendo-a, de bom grado, a toda a Fraternidade e seus entes queridos.»

Cardeal Pietro Parolin, Secretário de Estado de Sua Santidade,
15 de abril de 2015

Sexta-feira 24 de abril, noite

À entrada e à saída:

Ludwig van Beethoven, Sinfonia n. 6 em fá maior, op. 68 “Pastoral”

Riccardo Muti – Filarmónica da Scala

“Spirto Gentil” n. 11, Philips

■ INTRODUÇÃO

Julián Carrón

De nada temos mais necessidade, no início deste nosso gesto, do que de gritar e pedir o Espírito, para que remova em nós tudo aquilo que está parado, tudo aquilo que não está disponível, toda a nossa distração e para que abra toda a nossa espera, como me escreve uma de vocês: «É uma daquelas manhãs em que não te consegues levantar a não ser que vás à Sua procura. E vais à missa pedindo ao Senhor para O encontrar ali, em casa, onde todos os dias começa o desafio da vida. Não sabes ainda como estar diante do teu filho, por isso tudo é injusto e tudo é raiva, tudo é pergunta; não sabes, mas arde no coração aquele pedido de amor, ainda hoje. Na espera daqueles três dias, os Exercícios da Fraternidade, tão preciosos e indispensáveis, tudo arde com um pedido, uma falta: um pedido daqueles rostos ainda procurados, em caminho como tu; um pedido de um abraço que querias que fosse para sempre, e que ainda procuras, para aqueles que amas, para o mundo inteiro; sede de ouvir, “fazer memória”, recordar, que nunca basta. Arde ainda aquele amor a Cristo, à sua companhia, que procuras ainda aos cinquenta anos e do qual nunca estás plena».

É com este pedido, com esta espera que se torna pedido, que invocamos o Espírito, para que leve à sua realização esta nossa frágil tentativa de nos dispormos a acolher aquilo que o Senhor nos dará nestes dias.

Vinde Espírito Santo

«Por ocasião do curso anual dos Exercícios espirituais para os membros da Fraternidade de Comunhão e Libertação, que tem lugar em Rimini, Sua Santidade, o Papa Francisco, espiritualmente participe, envia o seu cordial pensamento e os seus melhores votos, esperando para os numerosos participantes e para todos os que estão ligados via satélite, abundantes frutos de descoberta interior da fecundidade da fé cristã, sustentada pela

certeza da presença do Cristo ressuscitado. O Santo Padre invoca os dons do Divino Espírito para um generoso testemunho da perene novidade do Evangelho, na senda traçada pelo benemérito sacerdote, monsenhor Luigi Giussani. E enquanto pede que perseverem na oração pelo Seu ministério universal, invoca a celeste proteção da Virgem Santa e transmite, de coração, ao senhor e a todos os presentes, a implorada bênção apostólica, estendendo-a, de bom grado, a toda a Fraternidade e seus entes queridos. Cardeal Pietro Parolin, Secretário de Estado de Sua Santidade».

Como o telegrama do Santo Padre assinala, no início dos nossos Exercícios estamos ainda imersos na luz da noite de Páscoa. Toda a noite de Páscoa foi dominada pela luz do Círio Pascal, a luz que Jesus ressuscitado introduziu para sempre na história. É à luz deste fato que a Igreja olha para tudo, pode olhar para tudo. Porque é apenas quando surge definitivamente a luz da Ressurreição de Jesus que podemos compreender aquilo que não conseguiríamos entender sem ela: o significado último de tudo. Por isso, naquela noite, exatamente a partir do presente, daquele momento em que é dominada pela luz da Ressurreição (que dita o método para olhar para tudo), a Igreja faz-nos olhar para toda a história que, a partir da criação, adquire toda a sua luminosidade: é a história em que se revela finalmente aos nossos olhos a positividade última da realidade.

À luz da Ressurreição, podemos olhar de frente para a pergunta mais urgente do homem: vale verdadeiramente a pena ter nascido? É a pergunta que nos assalta quando a vida, apesar de toda a sua beleza, de toda a sua promessa, nos encurrala: por que razão vale a pena ter nascido? Para esta pergunta que o homem se faz sobre a própria vida, só é possível encontrar uma resposta cheia de significado à luz da noite de Páscoa. Porque não teria valido a pena termos nascido se não tivéssemos a esperança duma vida plena, para sempre. Como nos recorda a carta aos Hebreus, viver seria uma condenação, porque viveríamos todos no medo da morte, sob aquela espada de Dâmocles que pende sobre nós. Em vez disso, nós podemos reconhecer a positividade última da criação, da vida do homem, da vida de cada um de nós, à luz da vitória de Cristo, porque ali encontra resposta completa a grande pergunta de significado da nossa vida. De fato, diz o canto da Proclamação: «De que nos valeria ter nascido/ se não nos resgatasse o seu amor?».¹ Sem a Ressurreição de Cristo, o que seria a vida, qual seria o seu significado?

A luz que domina a noite de Páscoa permite-nos compreender toda a história da salvação, da libertação da escravidão do Egito a toda a his-

¹ Proclamação pascal, in *Missal Romano, Vigília pascal*.

tória dos profetas, uma história que não tem outro objetivo senão o de nos fazer entrar na lógica do desígnio de Deus que se revelou lentamente no tempo.

As leituras bíblicas da Vigília Pascal mostraram-nos a paixão que Deus tinha pelos homens, para se interessar pela sorte dum povo insignificante como o de Israel, mostrando a todos que Ele não é indiferente ao sofrimento dos homens. Deus começa a responder dum modo concreto, particular, a este sofrimento e não abandona mais os Seus filhos. E mesmo que muitas vezes possam sentir-se abandonados, como uma mulher abandonada com a alma aflita, Deus chega até eles através dos profetas, como por exemplo Isaías: «Na verdade, como se pode repudiar a esposa da juventude?». Porém, diz o Senhor, «por um curto momento Eu te abandonei, mas, com grande amor, volto a unir-me contigo. [...] Por um instante escondi de ti a minha face; mas Eu tenho por ti um amor eterno. É o Senhor teu redentor quem o diz». Deus tranquiliza o seu povo: «Ainda que os montes sejam abalados e tremam as colinas, o meu amor por ti nunca mais será abalado, e a minha aliança de paz nunca mais vacilará, quem o diz é o Senhor, que tanto te ama».²

Quando é que estas palavras adquirem verdadeiramente significado, a não ser com aquele facto, o facto potente da ressurreição de Cristo? Caso contrário, não passariam de palavras bonitas para um consolo sentimental, mas no fundo não constituiriam uma reviravolta crucial, decisiva, não introduziriam na vida algo de verdadeiramente novo. Só o facto da Ressurreição projeta sobre ela toda a luz necessária e a enche de significado. E então podemos perceber por que é que Jesus tinha dito aos seus discípulos: «Felizes os olhos que veem o que estais a ver. Porque – digo-vos – muitos profetas e reis quiseram ver o que vedes e não o viram, ouvir o que ouvis e não o ouviram».³ Os profetas faziam parte desta história, tinham vivido parte desta história, desejaram ver a sua realização, mas não a viram. Por isso Jesus nos diz: «Bem-aventurados vós que o viram!»; diz-nos a nós, que o vimos, que vimos cumprir-se o Seu desígnio!

Por isso a Igreja, naquela noite de Páscoa, tem a luz para olhar para tudo, para toda a escuridão, para tudo aquilo para que os homens se recusam a olhar porque não têm resposta, a começar pelo nosso mal. Porque «eis a noite em que a coluna luminosa dissipou as trevas do pecado. Eis a noite que arranca ao mundo corrompido, cego pelo mal, os

² *Is* 54,6-8.10.

³ *Lc* 10,23-24.

que hoje, em toda a terra, puseram a sua fé no Cristo. [...] Eis a noite em que o Cristo, quebrando os vínculos da morte, sai vitorioso do sepulcro». Diante desta luz, o povo explode num grito de alegria: «De que nos valeria ter nascido se não nos resgatasse o seu amor?». À luz deste acontecimento a Igreja e todos nós, se o Senhor nos dá verdadeiramente a graça dum mínimo de consciência, podemos dizer: «Oh! imensa comiseração da vossa graça, imprevisível amor para conosco: a fim de resgatar o escravo, entregais o vosso Filho!».⁴

Com Cristo ressuscitado no olhar, a Igreja é de tal modo capaz de olhar para tudo, que ousa dizer algo sobre o nosso pecado que, aos olhos da nossa razão, parece paradoxal: “Ó culpa tão feliz!”. É um novo olhar sobre o mal que, de repente, é percebido como um bem: «Bendita culpa, que nos vale um semelhante Redentor! ». Continua a Proclamação Pascal: «Oh! noite santa, só tu mereceste conhecer o tempo e a hora em que Cristo ressuscitou dos infernos». E este é o mistério daquela noite: «O poder santificante desta noite expulsa o mal [não apenas o podemos olhar, como podemos ver a sua derrota], lava as culpas, devolve a inocência aos pecadores, a alegria aos aflitos».⁵

Como podemos não ficar gratos, se nos deixarmos iluminar pela luz que o evento da Ressurreição introduz para sempre na vida e na história? Por isso, não existe nenhuma circunstância que uma pessoa possa atravessar, não existe nenhuma dificuldade ou mal que uma pessoa tenha sobre os ombros que deva ser censurado, que possam ser tão grandes a ponto de não poderem ser olhados, desafiados, à luz da vitória de Cristo ressuscitado. À luz da Ressurreição, podemos olhar para tudo, amigos, porque nada é excluído desta vitória. Peçamos a o Senhor para sermos suficientemente simples para aceitar esta luz: que ela penetre nos recantos mais íntimos e escondidos do nosso ser!

Aquilo que celebramos na noite de Páscoa é somente um facto do passado, uma recordação devota, um gesto ritual que repetimos todos os anos? A esta pergunta não é possível responder apenas com uma reflexão ou com um raciocínio abstrato. Nenhum pensamento poderia satisfazer a urgência pungente desta pergunta, nenhum raciocínio conseguiria atenuá-la. O que pode documentar a verdade, isto é, a realidade daquilo que celebramos na Páscoa? Só um facto: o evento de um povo, como aquele que vimos na Praça de São Pedro. Um povo que confirma e que grita a realidade da Ressurreição.

⁴ Proclamação pascal, in *Missal Romano, Vigília pascal*.

⁵ *Ibidem*.

Mas para poder absorver, com toda a sua densidade, aquilo que aconteceu na Praça de São Pedro, temos que olhar para um outro facto, um outro evento de povo, acontecido há dois mil anos, que testemunha e confirma a ressurreição de Jesus: o Pentecostes. «Quando chegou o dia do Pentecostes, encontravam-se todos reunidos no mesmo lugar. De repente, ressoou, vindo do céu, um som comparável ao de forte rajada de vento, que encheu toda a casa onde eles se encontravam. Viram então aparecer umas línguas, à maneira de fogo, que se iam dividindo, e poisou uma sobre cada um deles. Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar outras línguas, conforme o Espírito lhes inspirava que se exprimissem. Ora, residiam em Jerusalém judeus piedosos provenientes de todas as nações que há debaixo do céu. Ao ouvir aquele ruído, a multidão reuniu-se e ficou estupefacta, pois cada um os ouvia falar na sua própria língua. Atónitos e maravilhados, diziam: “Mas esses que estão a falar não são todos galileus? Que se passa, então, para que cada um de nós os ouça falar na nossa língua materna? Partos, medos, elamitas, habitantes da Mesopotâmia, da Judeia e da Capadócia, do Ponto e da Ásia, da Frígia e da Panfília, do Egito e das regiões da Líbia cirenaica, colonos de Roma, judeus e prosélitos, cretenses e árabes ouvimo-los anunciar, nas nossas línguas, as maravilhas de Deus! Estavam todos assombrados e, sem saber o que pensar, diziam uns aos outros: “Que significa isto?”. Outros, por sua vez, diziam, troçando: “Estão cheios de vinho doce.”»⁶

Como vemos, logo desde o início, desde o primeiro instante, não basta ter à nossa frente o facto, apesar de tão imponente. É preciso a nossa liberdade para reconhecer o significado que o próprio facto grita. Para o descobrir é preciso um homem que esteja verdadeiramente disposto a tomar consciência de todos os fatores daquele evento, «com aquela inteligência positiva, com aquela inteligência pobre, pronta à afirmação afetuosa do real, em que consiste o terreno no qual se exalta a fé».⁷ Só assim uma pessoa podia encontrar resposta para a pergunta que aquele facto provocava – “O que significa esta reunião de pessoas?” – e verificar a razoabilidade das possíveis interpretações, como aquela de que aqueles homens estavam embriagados.

É a esta pergunta, à urgência desta pergunta, à pergunta que nasce do facto impressionante do Pentecostes, que Pedro responde com o seu discurso, relatado nos Atos dos Apóstolos: «Homens da Judeia e todos

⁶ At 2,1-13.

⁷ L. Giussani, *La familiarità con Cristo*: Meditazioni sull'anno litúrgico. Cinisello Balsamo (Mi): San Paolo, 2008, p. 105.

vós que residis em Jerusalém, ficai sabendo isto e prestai atenção às minhas palavras. Não, estes homens não estão embriagados como imaginais, pois apenas vamos na terceira hora do dia [um tanto ou quanto cedo para estarem embriagados!]; Mas tudo isto é a realização do que disse o profeta Joel: *Nos últimos dias – diz o Senhor – derramarei o meu Espírito sobre toda a criatura. Os vossos filhos e as vossas filhas hão-de profetizar; os vossos jovens terão visões, e os vossos velhos terão sonhos. Certamente, sobre os meus servos e as minhas servas derramarei o meu Espírito, nesses dias, e eles hão-de profetizar. Farei ver prodígios, em cima, no céu, e sinais, em baixo na terra: sangue, fogo e uma coluna de fumo. O sol será transformado em trevas e a lua em sangue, antes de vir o Dia do Senhor, grande e glorioso. E então, todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo.* Homens de Israel, escutai estas palavras: Jesus de Nazaré, Homem acreditado por Deus junto de vós, com milagres, prodígios e sinais que Deus realizou no meio de vós por seu intermédio, como vós próprios sabeis, este, depois de entregue, conforme o desígnio imutável e a previsão de Deus, vós o matastes, cravando-o na cruz pela mão de gente perversa. Mas Deus ressuscitou-o, libertando-o dos grilhões da morte, pois não era possível que ficasse sob o domínio da morte. David diz a seu respeito: *‘Eu via constantemente o Senhor diante de mim, porque Ele está à minha direita, a fim de eu não vacilar. Por isso o meu coração se alegrou e a minha língua exultou; e até a minha carne repousará na esperança, porque Tu não abandonarás a minha vida na habitação dos mortos, nem permitirás que o teu Santo conheça a decomposição. Deste-me a conhecer os caminhos da Vida, hás-de encher-me de alegria com a tua presença.’* Irmãos, seja-me permitido falar-vos sem rodeios: o patriarca David morreu e foi sepultado, e o seu túmulo encontra-se, ainda hoje, entre nós. Mas, como era profeta e sabia que Deus *lhe prometera*, sob juramento, *que um dos descendentes do seu sangue havia de sentar-se no seu trono*, viu e proclamou antecipadamente a ressurreição de Cristo por estas palavras: *‘Não foi abandonado na habitação dos mortos e a sua carne não conheceu a decomposição.’* Foi este Jesus que Deus ressuscitou, e disto nós somos testemunhas. Tendo sido elevado pelo poder de Deus, recebeu do Pai o Espírito Santo prometido e derramou-o como vedes e ouvis. David não subiu aos céus, mas ele próprio diz: *‘O Senhor disse ao meu Senhor: Senta-te à minha direita, até Eu pôr os teus inimigos por estrada dos teus pés.’* Saiba toda a casa de Israel, com absoluta certeza, que Deus estabeleceu como Senhor e Messias a esse Jesus por vós crucificado». «Ouvindo estas palavras, ficaram emocionados até ao fundo do coração e perguntaram a Pedro e aos outros Apóstolos: «Que havemos de fazer, irmãos?». Pedro

respondeu-lhes: “Convertei-vos e peça cada um o batismo em nome de Jesus Cristo, para a remissão dos seus pecados; recebereis, então, o dom do Espírito Santo”»⁸

Só a ressurreição de Cristo pode dar uma explicação adequada daquele fato. Diante da sua impotência, Pedro não pode deter-se num nível fenoménico ou sociológico de interpretação. Em Pedro prevalece aquela tensão exasperada de dizer o Seu nome: só Cristo ressuscitado, pela força do Seu Espírito, pode ser a explicação adequada do povo nascido da Páscoa. Pedro está todo dominado pela presença de Cristo ressuscitado e pode olhar para a realidade sem ficar na aparência, vencendo qualquer tipo de interpretação redutora. Ele não consegue olhar para nada a não ser com a presença de Cristo ressuscitado no olhar.

Amigos, só um olhar assim nos pode introduzir à compreensão adequada, sem reduções, daquilo que aconteceu na Praça de São Pedro. Nós fazemos parte do povo nascido da Páscoa de Cristo. Cada um de nós pode fazer a comparação entre a consciência com que viveu o evento de povo acontecido em Roma, no dia 7 de março, e a consciência de Pedro diante do evento de povo no Pentecostes.

Por isso os dias de Páscoa, amigos, são o paradigma do viver cristão. Tentemos imaginar como as aparições de Jesus ressuscitado, um dia a seguir ao outro – como nos recorda a liturgia – deviam arrebatá-los os apóstolos! O que era para eles a vida, se não o impor-se da Sua presença viva, se não o viver com a Sua presença no olhar? Já não podiam apagá-Lo dos seus olhos.

«O Mistério não é o desconhecido; é o desconhecido desde que se torna conteúdo de experiência sensível. É um conceito muito importante: por isso se fala do mistério da Encarnação, do mistério da Ascensão, do mistério da Ressurreição. Deus como Mistério seria uma imagem intelectual se nos detivéssemos na frase tal como ela é dita “Deus é Mistério”»⁹

Sublinha com força Dom Giussani: «O Deus vivo é o Deus que se revelou na Encarnação: na morte e na ressurreição de Cristo. O Deus verdadeiro é Aquele que esteve entre nós, que se tornou sensível, palpável, visível, audível. [...] tornou-se experimentável, tornou-se presença na história do homem. [...] A Ressurreição é o culminar do mistério cristão. Tudo foi feito para isto, porque isto é o início da glória eterna de Cristo: “Pai, chegou a hora, glorifica o teu Filho”. Tudo e todos temos um sen-

⁸ Act 2,14-38.

⁹ L. Giussani, *La familiarità con Cristo*, op. cit., p. 69.

tido neste acontecimento: Cristo ressuscitado. A glória de Cristo ressuscitado é a luz, a cor, a energia, a forma da nossa existência, da existência de todas as coisas».¹⁰

Cada um pode ver como é que viveu os dias de Páscoa. Para os discípulos, foi o prevalecer da presença de Cristo ressuscitado no olhar e na consciência. E para nós? O que aconteceu em nós? Na nossa vida há facilmente uma fuga, uma falta de memória, um deixar de lado, como diz logo a seguir Dom Giussani: «A centralidade da Ressurreição de Cristo é diretamente proporcional à nossa fuga, como que de um desconhecido»; para nós, muitas vezes, é como se Cristo faltasse, como se fosse um “desconhecido”, não é uma presença assim tão familiar, que nos atrai e nos enche da Sua presença. «Proporcional à nossa falta de memória, à timidez com que pensamos na palavra e como que saltamos para fora dela: a tudo isto é diretamente proporcional ao caráter decisivo da Ressurreição, como proposição do facto de Cristo, como conteúdo supremo da mensagem cristã, em cujo conteúdo se torna realidade aquela salvação, aquela purificação do mal, aquele renascimento do homem para que Ele veio».¹¹

Continua Dom Giussani: «É no mistério da Ressurreição que se encontra o culminar e o cume da intensidade da nossa autoconsciência cristã, por isso da autoconsciência nova de mim mesmo, do modo como olho para todas as pessoas e todas as coisas» a começar por mim mesmo! Não há outro olhar, amigos! Não há um outro olhar verdadeiro sobre nós, sobre a realidade, sobre as coisas, sobre as pessoas, sobre a história, depois da ressurreição de Cristo como evento histórico, a não ser aquele olhar que tem na Sua presença a luz para olhar para tudo. Porque «é na Ressurreição», sublinha Dom Giussani, «que está a pedra angular da novidade do relacionamento entre mim e eu mesmo, entre mim e os homens, entre mim e as coisas. Mas isto é a coisa de que mais nos defendemos. É como se fosse a coisa – se quiserem, numa forma respeitosa – mais deixada de lado, respeitosamente deixada na sua aridez de palavra intelectualmente entendida, entendida enquanto ideia, exatamente porque é o culminar do desafio do Mistério à nossa medida. [...] O cristianismo é a exaltação da realidade concreta, a afirmação do carnal, tanto que Romano Guardini diz que não há nenhuma religião mais materialista [ou seja, mais ligada à realidade concreta, à carne] do que o cristianismo; é a afirmação das circunstâncias concretas e sensíveis, graças às quais uma pessoa não sente uma nostalgia de grandeza quando se vê limitada

¹⁰ *Ibidem*, pp. 69, 71.

¹¹ *Ibidem*, p. 71.

naquilo que tem que fazer: aquilo que tem que fazer, ainda que pequeno, é grande, porque lá dentro vibra a Ressurreição de Cristo. “Imersos no grande Mistério”. É desperdiçar algo do Ser, delapidar o Ser da sua grandeza, da sua potência e da sua senhoria; é lentamente esvaziar de conteúdo e fazer murchar o Ser, Deus, o Mistério, a Origem e o Destino, se não nos sentimos imersos neste Mistério, no grande Mistério: a Ressurreição de Cristo. *Imersos* como o eu está imerso no “tu” pronunciado com todo o teu coração, como a criança quando olha para a mãe, como a criança ouve a mãe.»¹²

É preciso por isso que «a inteligência da criança [...]seja recuperada em nós », para podermos olhar para as coisas de forma verdadeira. «Chama-se ‘fé’ à inteligência humana quando, permanecendo na pobreza da sua natureza original [como uma ânfora vazia de manhã], é toda preenchida por outro, já que em si é vazia, como braços escancarados que ainda têm que agarrar a pessoa que esperam. Não me posso conceber senão imerso no Teu grande Mistério: a pedra rejeitada pelos construtores deste mundo, ou por cada homem que imagina e projeta a sua vida, tornou-se a pedra angular e só sobre ela é possível construir. Este Mistério – Cristo ressuscitado – é o juiz da nossa vida; Ele, que a julgará toda no fim, julga-a dia a dia, de hora a hora, de momento em momento, sem solução de continuidade. Quero sublinhar que este “vê-Lo” como o Ressuscitado [...] é um juízo: ressuscitaste, ó Cristo». «Este reconhecer o que aconteceu com Ele, com Ele morto, é um juízo [...], [ou seja] um ato do intelecto que rompe o horizonte normal da racionalidade e agarra e testemunha uma Presença que, de todos os lados, ultrapassa o horizonte do gesto humano, da existência humana e da história. [...] É por graça que nós podemos reconhecê-Lo ressuscitado e que nós podemos imergir-nos no Seu grande Mistério; é por graça que nós podemos reconhecer que, se Cristo não tivesse ressuscitado, tudo era vão, vã era a nossa fé, ou seja, dizia São Paulo, vã era a nossa afirmação positiva, segura, alegre, vã era a nossa mensagem de felicidade e de salvação, e “vós estais ainda nos vossos pecados”, ou seja, na mentira, no não ser, no não conseguir ser».¹³

Dom Giussani não usa meios-termos: «Sem a ressurreição de Cristo só há uma alternativa: o nada. Nós nunca pensamos nisto. Por isso passamos os dias com aquela cobardia, com aquela mesquinhez, com aquele descuido, com aquela instintividade obtusa, com aquela distração

¹² *Ibidem*, pp. 71-72, 76.

¹³ *Ibidem*, pp. 76, 78.

repugnante em que o eu [...] se dispersa. Assim, quando dizemos “eu”, dizemo-lo para afirmar um pensamento nosso, uma medida nossa (também chamada “consciência”) ou um instinto nosso, uma vontade nossa de ter, uma nossa pretensa, ilusória, possessão. Fora da ressurreição de Cristo, tudo é ilusão: jogamos. Ilusão é uma palavra latina que tem como raiz última a palavra “jogo”: somos jogados, jogados dentro, iludidos. É-nos fácil olhar todo o imenso rebanho dos homens na nossa sociedade: é a grande, imensa presença das pessoas que vivem na nossa cidade, das pessoas que vivem perto de nós [...], das pessoas mais estreitamente próximas de nós em casa. E nós não podemos negar que experimentamos esta mesquinhhez, esta sordidez, esta negligência, esta distração, este esquecimento total do eu, este reconduzir-se do eu no sentido da afirmação violenta e presunçosa ou do pensamento que vem, [...]ou do instinto que pretende agarrar e possuir algo que ele decide que lhe dá prazer, que é satisfatório e útil. [...] Nunca a palavra pedir, rezar, implorar, se torna tão decisiva como diante do mistério de Cristo ressuscitado.»¹⁴

Por isso, prossegue Dom Giussani, «para imergirmos no grande Mistério temos que suplicar, pedir: pedir, esta é a maior riqueza. [...] O realismo mais intenso e mais dramático é pedi-Lo».¹⁵ Como escrevia Santo Agostinho: «Se o teu desejo está diante dele [o Mistério], ele que vê no segredo o escutará [...] O teu desejo é a tua oração [o teu pedido]; se o desejo é contínuo, também a oração é contínua. [...] Se não queres cessar de orar, não cesses de desejar».¹⁶

Que gratidão imensa e sem limites ouvir de novo estas coisas, dar-mo-nos conta de que, mais uma vez, Cristo Se faz tão evidentemente presente! Nenhuma notícia é comparável a esta: Cristo presente ainda tem piedade de nós. É assim que Ele continua a ser o primeiro, que Ele nos *primerea*. Com esta Presença no olhar, podemos olhar e julgar tudo; podemos ter um olhar cheio desta luz sobre o nosso tempo, sobre o vazio, sobre a violência, sobre a tribulação, sobre o sofrimento.

Este olhar também nos pode ajudar a perceber toda a densidade do que vivemos na Praça de São Pedro. São tantos os sinais do acontecimento que foi Roma para nós, como muitos de vocês escreveram. Vocês, como eu, sabem isso bem. «No regresso de carro» – dizia resumidamente um de vocês – «juntamente com amigos, havia um clima diferente: era flagrante que a todos nós, naquele dia, tinha acontecido alguma coisa».

¹⁴ *Ibidem*, pp. 78-79, 81.

¹⁵ *Ibidem*, p. 81.

¹⁶ Santo Agostinho, *Exposição sobre os Salmos*, Salmo 37,14.

São muitos os sinais de que o dia 7 de março não foi apenas um golpe sentimental, mas que determinou um olhar novo sobre a vida.

O que aconteceu na Praça de São Pedro? O Papa não nos falou, apenas. Com ele vivemos um gesto que – para usar a sua expressão – nos “descentrou”, nos reportou uma vez mais ao centro e nos fez experimentar Cristo em ação. Não há outro ponto de partida para olhar para tudo o que aconteceu ali, a não ser esta experiência. O Papa Francisco fez acontecer aquilo de que nos falou: um encontro, um encontro cheio de piedade, de misericórdia. É o mesmo método da noite de Páscoa. Por isso, é à luz da experiência feita que podemos perceber aquilo que nos disse, incluindo o seu chamamento à conversão para não perder o centro, Cristo, em tudo o que fazemos.

Notei nalgumas pessoas algum espanto diante deste apelo à conversão. Mas, amigos, seríamos presunçosos se pensássemos que não temos necessidade de conversão, que não há nada em nós que deva ser mudado. Quem de nós não tem necessidade de conversão? Por isso, ao ouvir as várias reações, veio-me à cabeça um trecho da Carta aos Hebreus que cita os Provérbios, que julgo que nos poderá ajudar a ler o discurso do Papa com a atitude certa: «Deste modo, também nós, circundados como estamos de tal nuvem de testemunhas, deixando de lado todo o impedimento e todo o pecado, corramos com perseverança a prova que nos é proposta, tendo os olhos postos em Jesus, autor e consumidor da fé. Ele, renunciando à alegria que lhe fora proposta, sofreu a cruz, desprezando a ignomínia, e sentou-se à direita do trono de Deus. Considerai, pois, aquele que sofreu tal oposição por parte dos pecadores, para que não desfaleçais, perdendo o ânimo. Ainda não resististes até ao sangue na luta contra o pecado. Esquecesteis a exortação que vos é dirigida como a filhos: *Meu filho, não desprezes a correção do Senhor, e não desanimes quando és repreendido por Ele, porque o Senhor corrige os que ama e castiga tudo o que reconhece como filho (Pro 3,11-12)*. É para vossa correção que sofreis. Deus trata-vos como filhos; e qual é o filho a quem o pai não corrige? Mas, se estais isentos da correção, da qual todos participam, então sois todos bastardos e não filhos. [...] Deus corrige-nos para nosso bem, para nos fazer participantes da sua santidade. É certo que toda a correção, no momento em que é aplicada, não parece ser motivo de alegria, mas de tristeza; mais tarde, porém, produz um fruto de paz e de justiça nos que foram exercitados por ela».¹⁷

¹⁷ Hb 12,1-11.

Prestem atenção à diferença entre algumas das nossas reações ao discurso do Papa e a reação de Dom Giussani depois do reconhecimento da Fraternidade de Comunhão e Libertação, no dia 11 de fevereiro de 1982. Assim, cada um pode fazer a comparação.

«O ato da Santa Sé “erige e confirma em pessoa jurídica para a Igreja universal a associação leiga denominada *Fraternidade de Comunhão e Libertação*, declarando-a, para todos os efeitos, Associação de Direito Pontifício e estabelecendo que seja reconhecida por todos como tal”. [Mas] o texto do decreto [de reconhecimento] vinha acompanhado por uma carta do Cardeal Rossi, endereçada a Dom Giussani, na qual se fazia uma lista de “recomendações” entre as quais: “a coerente afirmação do próprio carisma deve evitar ‘tentações de autossuficiência’; o reconhecimento da natureza eclesial da Fraternidade implica ‘uma sua plena disponibilidade e comunhão com os Bispos, com o chefe e Supremo Pastor da Igreja’; [...] [os sacerdotes devem estar] ‘ao serviço da Unidade’; [...] [e todos] os membros não devem impedir que ‘a fé mantenha toda a sua força de irradiação sobre a vida’ “e assim por diante. Giussani recordará ter dito ao Cardeal Rossi, que lhe lia a carta, que gostaria de publicá-la, e de ter ouvido o purpurado responder: “Não, não a publique! Porque os mal-intencionados poderão interpretar mal as recomendações que nela estão escritas”. Pelo contrário, para Giussani, a carta “é precisamente um exemplo da maternidade com a qual a Igreja consegue”, quando há pastores como o Cardeal, “acompanhar os seus filhos”. Nesse momento, o Cardeal consente a publicação».¹⁸

Por que é que temos tanto medo de acolher os apelos do Papa e de reconhecer os nossos erros? É um sinal de que a nossa consistência ainda está naquilo que fazemos, naquilo que temos, ou seja, que nos afastamos de Cristo. Por isso nunca há paz em nós, nem alegria: porque não colocamos a consistência naquilo que nos aconteceu, n’Ele que nos aconteceu.

Por que razão o Papa e Dom Giussani não têm este medo? Porque, para eles, a certeza está noutra coisa, não no que fazem e no que têm. Oçam o que diz Giussani – parece-me um juízo crucial para começar bem estes dias de Exercícios e para olhar para tudo à luz da ressurreição de Cristo: «Normalmente nós procuramos [...] [a] consistência, naquilo que fazemos ou naquilo que temos, que é a mesma coisa. Assim, a nossa vida nunca tem aquele sentimento, aquela experiência da certeza plena, que a palavra “paz” indica, aquela certeza e aquela plenitude [...], aquela certeza plena, [...] sem a qual não há paz, [...] não há alegria.

¹⁸ A. Savorana, *Vita di Don Giussani*, Bur, Milão 2014, pp. 602-603.

No máximo, chegamos à complacência naquilo que fazemos, à complacência conosco mesmos. E estes fragmentos de complacência naquilo que fazemos, ou naquilo que somos não resultam em nenhuma alegria e nenhuma felicidade, nenhum sentido de plenitude seguro, nenhuma certeza e nenhuma plenitude». Aquilo que perdemos é isto! «A certeza é algo que ocorreu a nós, aconteceu a nós, entrou em nós, foi encontrado por nós: [...] a consistência da nossa pessoa [...] [é] é algo que nos aconteceu [...], “Um que nos aconteceu». [...] “Vivo, não eu, mas é este [Cristo] que vive em mim”».¹⁹

O Papa e Dom Giussani podem olhar para tudo porque estão certos de Cristo e da Sua misericórdia. O Papa pode mesmo dizer: «E por isso, algumas vezes, me ouviram dizer que o lugar, o lugar privilegiado do encontro com Jesus Cristo, é o meu pecado».²⁰ Não conseguimos imaginar nada de mais libertador para podermos olhar para nós mesmos, para podermos olhar para tudo aquilo que somos, até para aquilo que não conseguiríamos olhar! Que experiência fez o Papa para conseguir dizer isto diante do mundo? «O lugar privilegiado do encontro é a carícia da misericórdia de Jesus Cristo para com o meu pecado».²¹ É a certeza de Cristo que está na base da sua audácia. A mesma audácia da Igreja que, na noite de Páscoa, grita a todo o mundo: «Bendita culpa, que nos vale um semelhante Redentor!». Não devemos censurar nada; nada está excluído deste olhar, deste abraço cheio de piedade.

A censura de nós mesmos, o medo, a falta de audácia confirmam então o quanto nós já nos afastamos de Cristo, o quanto estamos distantes d'Ele e centrados em nós mesmos: não é Cristo o centro da vida! Com efeito, só alguém que não se tenha afastado de Cristo é que não tem medo de olhar para tudo, até mesmo para o próprio mal. Quanta necessidade temos de sermos descentrados de nós mesmos para que Ele volte a ser o centro e nos permita olhar para tudo, para tudo mesmo! «Jesus Cristo é sempre o primeiro, antecipa-se a nós, espera-nos, Jesus Cristo precede-nos sempre; e quando nós chegamos, Ele já estava à espera».²² Quem é que consegue imaginar um presente maior do que este para para si, para a própria vida? Algo de mais útil para começar estes dias?

Mas não acaba aqui, não é apenas isto. Porque sem a experiência da misericórdia eu não só não encontro paz, como, sobretudo, não conhe-

¹⁹ L. Giussani, *La familiarità con Cristo*, op. cit., pp. 25-26.

²⁰ Francisco, *Discurso ao Movimento de Comunhão e Libertação*, 7 de março de 2015.

²¹ *Ivi*.

²² *Ivi*.

ço verdadeiramente Cristo. «As pessoas honestas» – diz Péguy – «não apresentam aquela abertura produzida por uma ferida assustadora, por uma inesquecível miséria, por um lamento invencível, por um ponto de sutura eternamente mal ligado, por uma mortal inquietação, por uma invisível recôndita ansiedade, por uma secreta amargura, por uma precipitação perpetuamente mascarada, por uma cicatriz eternamente mal curada. Não apresentam aquela abertura à graça que é essencialmente o pecado. [...] As “pessoas honestas” não se deixam banhar pela graça».²³

Disse-nos o Papa: «Só quem foi acariciado pela ternura da misericórdia, conhece verdadeiramente o Senhor».²⁴ Sem a experiência da misericórdia, não conhecemos Cristo! À parte o engano e a ingenuidade de nos pensarmos sem pecado, se não experimentamos e não reconhecemos a Sua misericórdia nunca poderemos – nunca! – saber quem é Cristo. A falta de experiência da Sua misericórdia confirma o quanto nos “afastamos”, o quanto estamos descentrados, desviados de Cristo.

Que consolo, então, reler a cena do fariseu e da mulher pecadora, para começar estes dias!

«Um fariseu convidou-o para comer consigo. Entrou em casa do fariseu, e pôs-se à mesa. Ora certa mulher, conhecida naquela cidade como pecadora, ao saber que Ele estava à mesa em casa do fariseu, trouxe um frasco de alabastro com perfume. Colocando-se por detrás dele e chorando, começou a banhar-lhe os pés com lágrimas; enxugava-os com os cabelos e beijava-os, unguindo-os com perfume. Vendo isto, o fariseu que o convidara disse para consigo: “Se este homem fosse profeta, saberia quem é e de que espécie é a mulher que lhe está a tocar, porque é uma pecadora!” Então, Jesus disse-lhe: “Simão, tenho uma coisa para te dizer.” “Fala, Mestre” – respondeu ele. “Um prestamista tinha dois devedores: um devia-lhe quinhentos denários e o outro cinquenta. Não tendo eles com que pagar, perdoou aos dois. Qual deles o amará mais?” Simão respondeu: “Aquele a quem perdoou mais, creio eu.” Jesus disse-lhe: “Julgaste bem.” E, voltando-se para a mulher, disse a Simão: “Vês esta mulher? Entrei em tua casa e não me deste água para os pés; ela, porém, banhou-me os pés com as suas lágrimas e enxugou-os com os seus cabelos. Não me deste um ósculo; mas ela, desde que entrou, não deixou de beijar-me os pés. Não me ungieste a cabeça com óleo, e ela ungiu-me os pés com perfume. Por isso, digo-te que lhe são perdoados os seus muitos

²³ Ch. Péguy, *Nota congiunta su Cartesio e la filosofia cartesiana*. In: PÉGUY, Charles. *Lui é qui*. Milão: BUR, 1997, pp. 474-475.

²⁴ Francisco, *Discurso ao Movimento de Comunhão e Libertação*, 7 de março de 2015.

pecados, porque muito amou; mas aquele a quem pouco se perdoa, pouco ama.” Depois, disse à mulher: “Os teus pecados estão perdoados.” Começaram, então, os convivas a dizer entre si: “Quem é este que até perdoa os pecados?” E Jesus disse à mulher: “A tua fé te salvou. Vai em paz.”²⁵

Quem conhece melhor Jesus? Quem pode experimentar um amor maior e viver aquela moralidade de que nos falava o Papa? Aquele a quem muito é perdoado, ama muito. Como podia aquela mulher amar assim tão intensamente? Graças à consciência que tinha de já ter sido perdoada de tudo, porque tinha conhecido aquele homem. Que audácia! A audácia que lhe vem de ter sido perdoada faz com que entre naquela casa e faça aquele gesto sem precedentes. Havia um lugar onde tinha sido acolhida com todo o seu mal, onde se tinha sentido abraçada por um olhar cheio de misericórdia. Por isso, não tinha medo de olhar para o seu próprio pecado. Descentrada de si e do seu pecado, determinada pelo olhar de Cristo, aquela mulher já não podia olhar para nada sem Cristo no olhar. Esta é a libertação que Cristo traz à nossa vida, qualquer que seja o nosso mal.

Peçamos para que Cristo domine de tal forma estes dias, que possamos regressar a casa “livres”.

Um gesto desta dimensão não é possível sem o contributo de cada um de nós. “Como?”, perguntava-se Dom Giussani nos Exercícios da Fraternidade de 1992. “Com uma única coisa com o silêncio. Que pelo menos por um dia e meio [...] saibamos descobrir e deixar penetrar o silêncio! Nesse silêncio, pensamento e coração, percepção daquilo que nos rodeia e, exalta-se por isso um abraço fraterno, amigável, com as pessoas e as coisas. Que por um dia e meio durante um ano inteiro, nos entreguemos ao esforço, à dificuldade deste silêncio!». Vamos perder o melhor, se não dermos espaço à possibilidade de que aquilo que acontece nos penetre até ao mais íntimo de nós. «O silêncio não é o não falar; o silêncio é estar preenchido, no coração e na mente, pelas coisas importantes, aquelas em que normalmente nunca pensamos, apesar de serem elas o motor secreto pelo qual fazemos tudo. Nada daquilo que fazemos nos basta, é satisfatória [...], exaustiva a razão para o fazer [...]. [Pelo contrário] o silêncio [...] coincide com aquilo a que chamamos memória», para deixar entrar este olhar. «Por isso insistimos para que o silêncio seja respeitado na sua natureza [...], mas também para que seja salvo o contexto para o qual a memória pode ser útil: o não falar inutilmente. Recomendamos o silêncio acima de tudo durante as deslocações», para que assim, quando entrar-

²⁵ Lc 7,36-50.

mos no salão, «a memória seja favorecida pela música que escutarmos ou pelos quadros que vemos; estaremos assim predispostos a olhar, a escutar, a sentir com a mente e com o coração aquilo que, de alguma forma, Deus nos irá propor». E concluía: «Temos que sentir uma grande compaixão pelo que nos é proposto e pela forma como nos é proposto; a intenção é boa, quer o teu bem, quer-te bem. Seria muito triste o não poder fazer outra coisa, mas aquilo que fazemos juntos neste dia e meio não é senão um aspeto do grande gesto amoroso com que o Senhor – ainda que tu não te dê conta – conduz a tua vida para aquele Destino que é ele».²⁶

²⁶ L. Giussani, *Dar a vida pela obra de um Outro*, Exercícios espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação. Apontamentos das meditações – Rimini 1992, supl. de *CL-Litterae Communionis*, n. 6, 1992, pp. 4-5.

SANTA MISSA

Liturgia da Missa: Act 9,1-20; Sl 116 (117); Jo 6,52-59

HOMILIA DO PADRE STEFANO ALBERTO

Pode-se pensar que se está cheio de zelo pelo Senhor, como Saulo, e não ver nada. Pode-se pensar fazer tudo pelo Senhor, como Saulo, e estar distantes de Cristo. Quanto mais se pensa ser justo, tanto mais se age e mais se faz o mal. Saulo prepara-se para perseguir mulheres, crianças, famílias. Mas acontece algo de absolutamente imprevisível. E o mais impressionante é que o Senhor Jesus Se manifesta dentro da resistência de Saulo, dentro do orgulho de Saulo, dentro da fúria do perseguidor. Jesus agarra-o e muda a sua vida. Não há – ouvimos isto – um outro modo para mudar: aceitar esta identificação do Senhor com a nossa vida, com o nosso mal; aceitar este dom total que Ele oferece a cada um de nós.

Não podemos interpretar aquilo que ouvimos Jesus dizer na sinagoga de Cafarnaum: «Aquele que comer a minha carne viverá por mim». «Aquele que comer a minha carne»: esta identificação de Cristo chega a ser comida e bebida para nós pecadores, para nós pobrezinhos. Esta identificação de Cristo com aquele que agarra é o método com o qual Ele vence a história, com o qual venceu o grande perseguidor tornando-o o maior missionário da história da Igreja: Saulo torna-se Paulo. «Quem comer da minha carne viverá por mim».

Na grande pergunta de Jesus a Saulo – «Por que *me* persegues?» «Mas eu persigo os Teus!» – está todo o método. A iniciativa de Cristo identifica-se com aquele que ele escolhe e agarra. Não somos salvos por quem nós escolhemos, por quem pensamos. A potência redentora de Cristo, o perdão de Cristo, a inteligência nova de Cristo, a força nova de Cristo, em Paulo tem o rosto de Ananias, no início temeroso de receber esta missão.

E, para nós, qual é o rosto de Cristo? Esta é a grande alternativa possível: resistir, como os doutores em Cafarnaum – «Como pode este homem dar-nos de comer a sua carne?» – ou aceitar a simplicidade, a radicalidade, a potência vivificante deste método – «Quem vos acolhe, acolhe-me. Quem acolhe quem eu envio entre vós, acolhe-me. Quem ouve quem eu escolhi entre vós, ouve-me. E quem não o ouve, não me ouve».

Uma presença no olhar é o que cada um de nós deseja e grita. Mas para que isto aconteça devemos simplesmente reconhecer e acolher o olhar daquela Presença.

Sábado 25 de abril, manhã

À entrada e à saída:

Franz Schubert, Sonata para violoncelo e piano, D 821
Mstislav Rostropovich, violoncelo – Benjamin Britten, piano
“Spirto Gentil” n. 18, Decca

Padre Pino. «Jesus Cristo precede-nos sempre; e quando nós chegamos, Ele já estava à espera.»¹

Angelus

Laudes

■ PRIMEIRA MEDITAÇÃO

Julián Carrón

O centro é só um, Jesus Cristo

«São dizia: “O Senhor abandonou-me, o Senhor esqueceu-se de mim». Acaso pode uma mulher esquecer-se do menino que amamenta, não ter carinho pelo fruto das suas entranhas? Ainda que ela se esquecesse dele, Eu nunca te esqueceria».²

Este é o olhar que nos é dado cada manhã, que nos permite olhar para tudo de forma diferente. O que perdemos quando não acolhemos, cada manhã, esta positividade última – «Nunca te esqueceria» – como ponto de partida para entrar no real! Quanto mais uma pessoa se dá conta disto, melhor percebe que «se há uma coisa que vale / é habitar na tua casa», onde lhe volta a ser dada esta consciência todos os dias; «tudo o resto é banal».³ É com este olhar que podemos olhar para tudo.

1. “Um estranho obscurecimento do pensamento”

a) Um passo necessário de cada vez que nos encontramos é identificar o problema, a situação em que nos encontramos, como Dom Giussani in-

¹ Cfr. Francisco, *Discurso ao Movimento de Comunhão e Libertação*, 7 de março de 2015.

² Cfr. *Is* 49,14-15.

³ C. Chieffo, «Errore di prospettiva», *Canti*, Società Cooperativa Editoriale Nuovo Mondo, Milão 2014, p. 225.

cansavelmente nos educou a fazer: para poder caminhar, é preciso darmos conta do contexto no qual somos chamados a viver, dos desafios que nos dizem respeito, das reduções em que tropeçamos. Porque não existe vida em abstrato, não há caminho, não há vocações e testemunhos fora da história, fora das circunstâncias e dos condicionamentos em que nos encontramos, das fraquezas e das cedências que mais nos caracterizam, dos perigos que corremos com mais frequência.

Portanto, a primeira contribuição que nos damos está no juízo, na consciência dos dados, da realidade em que o Mistério nos faz viver. Porque a primeira e mais grave dificuldade em que nos encontramos não é, em primeiro lugar, de caráter moral, mas cognitivo – como estamos a ver na Escola de Comunidade, no início do terceiro capítulo do *Porquê a Igreja*.

Um facto – que todos vimos, no qual todos participámos –, o gesto de Roma, ajuda-nos a perceber o tipo de dificuldade que caracteriza o contexto no qual vivemos e ao qual chamámos, nos últimos meses, a partir da intervenção sobre a Europa, “colapso das evidências”. Com efeito, nem mesmo um gesto tão imponente e público – que teve lugar na presença de todos e de uma forma, pelo menos aparentemente, inesquecível – conseguiu deter a enorme quantidade de interpretações, até mesmo opostas entre si. Porquê? É aqui que vem ao de cima esta dificuldade de que falamos, relativamente às evidências. Roma é apenas um exemplo evidente daquilo que acontece em cada coisa que vivemos.

«O que é a evidência?», perguntava-se Dom Giussani. «A evidência é uma presença inexorável». E acrescentava: «O acolher de uma inexorável presença! Eu abro os olhos a esta realidade que se me impõe».⁴ A evidência implica assim dois termos: dum lado a presença, a imposição do facto, da realidade; do outro, o nosso abrir de olhos à realidade, o darmos conta dela. Na evidência estão sempre em jogo dois fatores: a realidade e o eu de cada um de nós.

Falar de “colapso das evidências” não significa, então, afirmar que a realidade desapareceu (foi até muito evidente para todos que a Praça de São Pedro era “realidade”) ou que a estrutura humana diminuiu, que se alterou a ontologia: quer dizer que diminuiu o nosso reconhecimento dela, a nossa capacidade de vê-la e de captá-la no seu significado, na sua natureza, no seu rosto autêntico. O que está em questão é o “dar-se conta” daquilo que temos à nossa frente, daquilo que somos. Por isso – e é este o ponto – não basta a objetividade do que acontece diante de nós. Para a reconhecer, é preciso uma outra coisa, é preciso uma abertura, uma disposição do

⁴ L. Giussani, *O sentido religioso*, Verbo, Lisboa 2002, p. 143.

sujeito, uma “genialidade” em nós, como diz Dom Giussani: o sentido das coisas que vêm ao nosso encontro, da realidade que nos alcança, é captado, com efeito, na mesma proporção da evolução do sentido religioso, ou seja, na mesma proporção do sentido do eu que cada um tem.

Assim, diante de “Roma”, diante da “vida religiosa” que é a Igreja, devemos registrar, acima de tudo, «uma dificuldade de interpretação, um esforço devido à não disposição do sujeito relativamente ao objeto que tem de julgar: uma dificuldade de interpretação causada por uma situação não evoluída do sentido religioso». Isto pode acontecer diante da Igreja tal como se apresenta hoje e, de forma análoga, diante da modalidade com a qual a Igreja nos alcança através do movimento. É sintomático que hoje em dia, quem tenha dificuldades com a Igreja tenha também dificuldades com o movimento. «A ausência de educação do sentido religioso natural leva-nos, demasiado facilmente, a sentir como distantes de nós realidades que, no entanto, estão enraizadas na nossa carne e no nosso espírito».⁵

A nossa dificuldade de inteligência, a nossa dificuldade em compreender, é filha, ao mesmo tempo, duma influência do contexto, do clima que respiramos, e duma não educação do sentido religioso; por isso depende também da nossa cumplicidade, do nosso empenho, duma nossa superficialidade presunçosa.

b) Devido a um «estranho obscurecimento do pensamento»,⁶ em nós e à nossa volta ruíram muitas evidências; e entre elas ruii até a *evidência do eu*, também em nós, que não somos impermeáveis às solicitações que recebemos. E o sentido do eu que cada um de nós tem é o critério necessário para se relacionar com tudo: para perceber um filho, tal como para captar a profundidade de um poema ou o alcance do que te diz um amigo ou a tua mulher. Sem isso, não estás tu, mas apenas aridez nos relacionamentos. Quem sou eu? O que é que verdadeiramente desejo? Hoje, foi precisamente isto que se tornou obscuro. Cada um de nós percebe em si um impulso, um anseio, uma vontade de ser, de se realizar, de se afirmar. Mas de que é feito este impulso, para onde se dirige, o que é que o pode verdadeiramente satisfazer? Nada é menos evidente do que isto. Sabemos aquilo que os outros querem de nós – como “temos” que ser, o que “devemos” pensar –, mas não sabemos aquilo que somos, já não é evidente para nós. O conteúdo da palavra “eu” é muitas vezes apenas uma convenção social.

⁵ L. Giussani, *Porquê a Igreja*, Verbo, Lisboa 2004, p. 15.

⁶ Bento XVI, *Luz do mundo. O Papa, a Igreja e os sinais dos tempos. Uma conversa com Peter Seewald*, LEV, Cidade do Vaticano 2010, p. 47.

Eis como Giorgio Gaber o exprime: «Procuo um gesto, um gesto natural / para estar seguro de que este corpo é meu. / Procuo um gesto, um gesto natural / inteiro como o nosso eu. // E em vez disso não sei nada, estou em pedaços, já não sei quem sou / só percebo que continuamente me condiciono / tens que ser como um homem como um santo como um deus / para mim há sempre os como e não sou eu...». ⁷ E no entanto, ainda que esteja em pedaços, não posso – não posso! – arrancar de mim o facto de que quero estar eu todo inteiro em cada gesto que vivo.

O homem contemporâneo (ou seja, cada um de nós) parece ter-se tornado um estranho para si mesmo, nada lhe é menos evidente do que o conteúdo da palavra «eu», do que as suas dimensões essenciais; move-se como se não tivesse uma bússola profunda. É este o grande drama. Tudo o resto são consequências. Por isso, dizia Giussani há alguns anos: «Não [existe] [...] mais nenhuma evidência real a não ser a moda». ⁸ Aquela natureza do eu – exigências e evidências originais –, que deveria ser a bússola para nos orientarmos na vida, é ofuscada e substituída pela moda. E se nós não nos damos conta de que a questão é que esta bússola, que esta natureza do eu volte a ser capaz de reconhecer a realidade, nada, nenhuma ação que imaginarmos poderá oferecer um contributo real à situação do homem.

O que diminui é, antes de mais, a capacidade de colher a evidência com referência a si mesmo, e logo, o exercício da razão, do sentido crítico. Consequentemente, aumenta a condescendência com os esquemas, os hábitos gregários, e diminui a autonomia do juízo, da tomada de posição. É a razão pela qual Dom Giussani afirma que não se trata duma fragilidade ética, «mas de energia da consciência», ⁹ a energia com a qual olhamos para os filhos, com a qual olhamos para a mulher ou o marido, com a qual olhamos para as circunstâncias, com a qual olhamos para a realidade, para os desafios da vida. Porque o “colapso das evidências” não é uma filosofia abstrata, mas uma situação existencial em que todos – como ponto de partida – nos encontramos, cujas raízes se afundam num longo percurso (que já referimos outras vezes e que está documentado no terceiro capítulo do *Porquê a Igreja*).

c) Hoje, mais do que nunca, nós só podemos reconquistar aquela clareza que nos falta a partir da experiência. A situação não se resolve “estudando” uma antropologia ou uma moral: é a partir da experiência que temos

⁷ *Cerco un gesto, un gesto naturale*, letra e música de G. Gaber e A. Luporini, 1973.

⁸ L. Giussani, *L'io rinasce in un incontro (1986-1987)*, Bur, Milão 2010, p. 182.

⁹ *Ibidem*, p. 181.

que aprender quem somos, perceber aquilo que está à altura do problema da vida e aquilo que não está. Por isso não se trata de substituir um discurso por outro, mas de nos apoiarmos numa atenção à nossa experiência, de nos ajudarmos a olhar. O que é que sobressai de mim, da minha natureza, naquilo que vivo, observando-me em ação? O caminho para a verdade é uma experiência. Se queres fazer um caminho que te leva cada vez mais a uma clareza, tens de viver dum modo tal – quer dizer, dum forma tão séria – que te permita conquistar a partir da tua experiência aquela clareza que te falta. Porque a experiência é a fonte de toda a evidência. «A experiência [com efeito] é o tornar-se evidente da realidade».¹⁰

Logo, é preciso redescobrir a partir da experiência que a vida – a minha, a tua – é feita de um desejo de felicidade que nada consegue realizar, aplacar, de uma sede de significado total, exaustivo, em ausência do qual o homem se perde e pode desencadear-se a pior violência. Temos que descobrir em nós o desejo d’ «a bela / Felicidade, que só anseia e busca / A natureza mortal» – de que fala Leopardi –, e que este desejo «de ser abençoado» atormenta os homens «Sempre já desde o dia em que o mundo nasceu».¹¹ Não é preciso tomarmos como boas, de forma passiva, as afirmações que ouvimos ou que lemos, não podemos ser juguete das teses dos outros. Não é preciso dar como adquirido o desejo de felicidade só porque é Leopardi que fala dele. Não é Leopardi, o poeta, que diz que o homem é atormentado pelo desejo da felicidade e da verdade: é a nossa própria vida que o grita! E por isso podemos ler Leopardi (ou outros) e reencontramo-nos nele, sentimo-nos expressos por ele de forma mais completa do que seríamos capazes de fazer. No mesmo sentido, não estaríamos aqui, agora, tomando partido, a dizer que o homem é ineludível exigência de um significado: é a vida que o diz de forma dramática, a vida pesada e sofredora, o mal-estar profundo de tantos jovens hoje. Porque «não se vive do nada. Ninguém pode estar de pé, ter uma relação construtiva com a realidade, sem alguma coisa pela qual valha a pena viver, sem uma hipótese de significado».¹²

d) E o que nos ajuda a sair deste estranho obscurecimento, de que falava Bento XVI, deste ofuscamento? Quais são os aliados da descoberta de si, de uma tomada de consciência de si?

¹⁰ L. Giussani, *In cammino (1992-1998)*, Bur, Milão 2014, p. 315.

¹¹ G. Leopardi, «Al Conte Carlo Pepoli», vv. 23-24; 28-29.

¹² J. Carrón, «O desafio do verdadeiro diálogo depois dos atentados de Paris», *Corriere della Sera*, 13 de fevereiro de 2015, p. 27

Como pode emergir e tornar-se potente o reconhecimento daquilo que somos? A consciência da nossa humanidade tem que ser, de facto, como diz Dom Giussani, «constantemente solicitada e ordenada»,¹³ quer dizer, «educada», para surgir e permanecer. O que é que educa o sentido religioso?

O grande “aliado é a realidade” – dito com uma palavra sintéica da qual devemos descobrir toda a riqueza – é a realidade («A interpelação não é sequer diretamente feita por Deus [...]. A interpelação que põe em ato o sentido religioso do espírito humano vem de Deus através da realidade criada»¹⁴).

“Realidade” quer dizer tudo aquilo que existe, tudo aquilo que acontece, as solicitações que recebemos, as circunstâncias através das quais passamos, os choques da vida, os desejados e os indesejados (pensemos, por exemplo, nos acontecimentos trágicos destes dias e em todos os que abalam a vida de cada um): quantas vezes nos demos conta de que precisamente aqueles choques que não queríamos nos escancararam para uma consciência incomparável de nós mesmos, que sem esses choques não teria existido, introduziram o nosso eu numa profundidade de descoberta de si anteriormente desconhecida. Então, percebemos o quanto tem razão Dom Giussani, quando diz que «a condição única para ser sempre e verdadeiramente religioso é viver sempre intensamente o real. A fórmula do itinerário para o significado da realidade é viver o real sem cortes, ou seja, sem negar ou esquecer coisa alguma. De facto, não seria humano, isto é, razoável, considerar a experiência limitadamente à superfície, na crista da onda, sem descer às profundezas do seu movimento».¹⁵

Escreve-me uma amiga: «Depois das intervenções de ontem à noite no jantar dos Bancos de Solidariedade, intui um pouco melhor por que razão nestes últimos meses estou a viver a caritativa com mais alegria; e não percebia porquê, dadas as circunstâncias. Em novembro, foi diagnosticada uma leucemia à filha de um amigo meu: é com ele que há dez anos levo os pacotes de alimentos a três famílias da nossa zona e, inicialmente, além da dor por esta notícia, pensei de forma egoísta no quanto seria duro sem a sua ajuda; fazer esta caritativa tinha-se tornado um pouco uma rotina e, aparentemente, era bom para mim assim. Passada esta fase inicial de desânimo, aconteceu que me perguntei de forma séria o que queria dizer fazer caritativa, o que é que a realidade me pede neste mo-

¹³ L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*, Verbo, Lisboa 2002, p. 94.

¹⁴ L. Giussani, *O sentido de Deus e o homem moderno*, Diel, Coimbra 1997, p. 24.

¹⁵ L. Giussani, *O sentido religioso*, op. cit., p.151.

mento e o que significa partilhar a minha necessidade com a necessidade das famílias que visito mensalmente, com os meus alunos, a minha família, os amigos. A realidade, paradoxalmente, tornou-se mais interessante, sim, interessante! Ver como o meu amigo e a sua mulher olham para a sua filha faz-me pensar que há um olhar bom que vem antes e que é aquele que eu também desejo para mim. Saio de casa alegre, não porque as coisas correm bem, ou correm como eu quero, mas porque sou mais eu, é maior a minha humanidade, tenho curiosidade de ver como o bom Deus me surpreende e a certeza de que foi Ele a dar-me a possibilidade de encontrar exatamente aquelas famílias ali, e de viver cada gesto com aqueles amigos ali, que são para mim o rosto bom de Jesus».

A beleza do caminho que fazemos é que tudo isto faz parte da aventura da renovada descoberta de quem somos, do despertar constante do nosso eu. Como vemos, é a experiência que me faz dar conta de quem sou verdadeiramente. Não a imagem que eu fiz de mim, não a redução que operei daquilo que sou. Que erro grosseiro fazemos sempre: identificar aquilo que somos com aquilo que pensamos ser, como se fosse o teu pensamento a dizer-te quem és e não a experiência! Por isso, é na experiência da vida que acontece a descoberta da realidade e do meu eu.

Do âmagô de todas as nossas tentativas de nos ajustarmos, de nos calarmos a nós mesmos, reaparece, inexorável, o «abismo da vida»¹⁶, de que fala Miguel Mañara, a profundidade do nosso eu. As nossas tentativas revelam-se insuficientes, falíveis, mesmo quando têm sucesso e tudo corre bem – não apenas quando acontece uma doença ou um desastre, mas também quando tudo correu pelo melhor. Porque, como dizia Leopardi, «No imo do peito, grave, duro, imoto / Como coluna adamantina, o tédio / Imortal se firmou e nada pode / Contra ele o juvenil vigor».¹⁷ Podemos fazer de tudo, mas um tédio invencível, grave, bem quieto, imóvel como uma coluna de aço, instala-se no coração, e contra ele nada pode, nem mesmo a nossa juventude. «Como a erva amarga da rocha do tédio»¹⁸, dizia ainda Miguel Mañara depois de todas as suas aventuras.

Se, portanto, por um lado, nós sentimos hoje uma enorme dificuldade para recuperar as evidências perdidas (estamos na situação existencial descrita pelo exemplo que Giussani dá no *Porquê a Igreja*, daqueles alpinistas que tinham muita dificuldade em chegar à abordagem da parede ro-

¹⁶ O.V. Milosz, *Miguel Mañara, Mefiboseth, Saulo di Tarso*, Jaca Book, Milão 2001, p. 28.

¹⁷ G. Leopardi, «Al Conte Carlo Pepoli», vv. 72-73.

¹⁸ O.V. Milosz, *Miguel Mañara*, op. cit., p. 27.

chosa, para se colocarem na posição certa para começar a escalada), por outro lado, exatamente na experiência do tédio e da desilusão, da tristeza ou do peso da vida, começa a delinear-se em contraluz esta sede que é o eu, a realidade do coração, a nossa consistência última. Com efeito, em toda a desilusão, em todo a tédio, há alguma coisa que se faz anunciar; apesar de tudo estar em ruínas, há qualquer coisa que permanece. Através daquela desilusão e daquele tédio, daquela percepção de inconsistência e de precariedade, a evidência do meu eu como desejo de felicidade faz o seu caminho. É impressionante ver alguns exemplos disto.

Tocou-me uma canção de Vasco Rossi, *Dannate Nuvole* (Nuvens danadas) na qual o autor e cantor fala um pouco da experiência que faz de si mesmo e da vida: «Quando caminho sobre estas / Nuvens danadas / Vejo as coisas que fogem / Da minha mente / Nada dura, nada dura / E isto, tu o sabes / Porém / Nunca te habituas [porquê? o que é que, em nós, teimosamente, nos impede de nos habituarmos?] // Quando caminho neste / Vale de lágrimas / Vejo que tudo se deve / Abandonar / Nada dura, nada dura / E isto, tu o sabes / Porém / Nunca te habituas // *Quem sabe porquê?* (3v) [é das vísceras da experiência que fazemos que nasce este “quem sabe porquê?”] // Quando oiço dizer a «verdade» / Fico confuso / Não estou seguro / Quando me vem à mente / Que não existe nada / Só fumo / Nada de verdadeiro / Nada é verdadeiro, nada é verdadeiro / E talvez o saibas [mas se nada é verdadeiro...] / Porém / Tu continuarás [mas como?] // *Quem sabe porquê?* (3v) // Quando me vem à mente / Que não existe nada / Só fumo / Nada de verdadeiro / Nada dura, nada dura / E isto, tu o sabes / Porém / Tu não te renderás // *Quem sabe porquê?* 9v) // Quando me vem à mente / Que não existe nada».¹⁹ O que descobre um homem na própria experiência, mesmo quando fala de forma tão negativa da vida? O que é que resiste apesar da sua filosofia, do seu niilismo («nada é verdadeiro», «nada dura»)? Mas nunca te rendes, «quem sabe porquê?». Pode estar tudo em ruínas, eu posso pensar qualquer coisa que me venha à cabeça, deixar-me arrastar por aquilo que todos dizem, deixar-me envolver até pelo meu niilismo, mas há em mim qualquer coisa que derrota o niilismo: eu não me rendo. «Tu não te renderás // *Quem sabe porquê?*».

E quando uma pessoa tenta evitar esta tomada de consciência, nem isto pode anular a evidência daquilo que somos. Guccini descreve isto bem em *Canzone per Piero*: « Eu digo sempre ‘não quero saber’, mas é como um vício sutil, e quanto mais penso / mais encontro em mim este

¹⁹ *Dannate Nuvole*, letra e música de V. Rossi, 2014.

vazio imenso, e como remédio apenas o dormir./ E, depois, cada dia, torno a despertar e fico incrédulo, não queria levantar-me,/ mas vivo ainda e estou ali esperando...». O quê? «As minhas perguntas, o meu nada, o meu mal...».²⁰ Quanto mais se vai ao fundo, tanto mais se se depara com a surpresa daquilo que não tínhamos reconhecido no início: o dado! Apesar de toda a nossa confusão, alguma coisa resiste como dado! Eu encontro-o ali, à minha frente. E assim se repetem, depois dum longo e trabalhoso percurso, as evidências que caracterizam o nosso eu.

Pode-se também arranjar coisas para fazer para não pensar, mas a dor explode no peito, como canta Amy Winehouse em *Wake Up Alone* (Acordo sozinha): «Corre tudo bem durante o dia, mantenho-me ocupada / Suficientemente empenhada para não ter que pensar onde ele está / Estou tão cansada de chorar, / Quando me recomponho dou uma reviravolta total // Fico a pé, limpo a casa, pelo menos não estou a beber / Ando para lá e para cá e assim não tenho que pensar em pensar / Aquele silenciosa sensação de contentamento que toda a gente experimenta / Desaparece mal o sol se põe // Ele torna-se feroz nos meus sonhos, agarra as minhas entranhas / Inunda-me de terror [...] / E acordo sozinha // Se eu fosse o meu coração, eu preferia estar inquieto / [...] / Esta dor no meu peito, agora que o meu dia terminou/ [...] Inunda-me de terror».²¹

À realidade, ao apelo que põe em movimento a nossa humanidade e a consciência de nós mesmos, ao complexo de acontecimentos, de solicitações e de provocações a que chamamos «realidade», pertence também e sobretudo, de modo original e essencial, a trama dos encontros que caracterizam a nossa e vida e permitem o seu desenvolvimento. Como diz Giussani, «o homem desenvolve-se por relação, por contato com outro. O outro é tão originariamente necessário para que o homem se torne verdadeiro, como é necessário para que o homem se torne verdadeiro, se torne cada vez mais ele mesmo».²²

Se observarmos como é que, em nós, vem ao de cima e se afirma o eu, a consciência de nós mesmos, devemos dizer: o nosso eu emerge na medida da provocação que o alcança e que aceita. O eu, o sentido religioso, a própria humanidade, ativa-se a partir da solicitação que recebe da realidade, e acima de tudo daquele ponto na realidade que se revela

²⁰ *Canzone per Piero*, letra e música de F. Guccini, 1974.

²¹ *Wake Up Alone*, letra e música de A. Winehouse e P. O'Duffy, 2006.

²² L. Giussani, *Introduzione alla realtà totale. Il rischio educativo*, supl. de *Tracce-Litterae Communionis*, n. 4, abril de 2006, p. 5.

indispensável ao desenvolvimento de si e de todas as suas estruturas, quer dizer: o outro, os outros, as relações fundamentais, o contexto humano, os encontros que assinalam a acompanham o seu crescimento e o seu estar no mundo. É a este nível de profundidade que se coloca a educação, a sua necessidade e a sua determinante influência.

Como sublinha Giussani, a «experiência humana original», ou seja, o sentido religioso, aquele complexo de evidências e de exigências devido às quais eu sou homem, «só existe ativamente dentro da forma de uma provocação. Não existe, se não age». E continua: «A nossa consciência original não age, a não ser dentro da forma de uma provocação, quer dizer, dentro da modalidade na qual é solicitada. [...] Se a estima que é provocada em mim é pela mentalidade mundana, eu encaro o problema do meu pai, da minha mãe, da mulher, do homem, dos filhos, de tudo, através da mentalidade mundana que me provocou. Se o encontro que faço, pelo contrário, é com Cristo, é com a Sua Presença, então eu vou ao encontro de tudo com a minha experiência humana provocada, acionada por isto, tendo dentro a promessa, a esperança dada por este encontro. A nossa experiência original está diante de todas as coisas por uma promessa que tem dentro de si, que lhe foi feita. Aquilo a que chamo “provocação” é como que uma forma que a faz agir».²³

Os encontros que fazemos representam a forma da provocação que “faz agir”, que faz existir de forma ativa, que ativa a experiência original que existe em nós. Por isso Dom Giussani nos falou sempre daquela lei que vale para todos e para qualquer homem em qualquer época ou cultura: «O eu renasce num encontro».²⁴ Um homem vive dum modo muito mais completo o percurso da descoberta de si, de uma tomada de consciência daquilo que é e daquilo que o realiza, quanto mais é alcançado por uma provocação adequada e a aceita.

O que é que «repropõe a vida aos nossos olhos e ao nosso coração com seriedade?». O que é que nos permite reapropriarmo-nos de nós mesmos, alcançar uma clareza verdadeira sobre o nosso destino e sobre a estrada que a ele conduz? Como diz Dom Giussani, «só um acontecimento, só o encontro com Cristo».²⁵ A reconquista da evidência do eu, de uma clareza a respeito de mim, da profundidade do desejo, a redenção da própria capacidade da evidência, em última instância só se tornam possíveis através dum acontecimento, dum encontro.

²³ L. Giussani, *Dall'utopia alla presenza (1975-1978)*, Bur, Milão 2006, p. 193.

²⁴ Cfr. L. Giussani, *L'io rinasce in un incontro (1986-1987)*, op. cit., p. 182.

²⁵ L. Giussani, *In cammino (1992-1998)*, op. cit., p. 142.

Se nós ganhámos, ou podemos recuperar uma consciência mais completa do nosso coração, do complexo de exigências e de evidências em que ele consiste, é graças àquela «provocação» que é o encontro com Cristo, com a Sua presença real na história (não uma imaginação, mas um acontecimento agora, um encontro vivo). Quanto mais estamos conscientes disto, mais percebemos que, na época do «colapso das evidências», o problema radical é que a vida seja, que seja comunicada aquela provocação adequada que pode favorecer a real redenção de uma perção de nós mesmos. São determinados encontros, com efeito, graças à provocação que representam, que colocam de forma completa em ação a consciência original de nós mesmos, que fazem emergir o nosso «eu» das cinzas do nosso esquecimento, das nossas reduções. Os acontecimentos de Paris, primeiro, e o encadear-se contínuo da violência e da perseguição nos nossos tempos mais recentes, estão diante de nós para ilustrar a urgência deste testemunho, de presenças que provocam o despertar do humano. Os cristãos que vivem na sua própria pele a fúria da violência são disso um exemplo que nos enche de gratidão.

Conta uma de vocês: «Este foi um ano um pouco difícil, dei-me conta que no fim andei a pairar! [...] A audiência em Roma, a assembleia dos Bancos de Solidariedade, a Escola de Comunidade mostraram-me pessoas alegres e a trabalhar a sua própria vida e fizeram-me sentir uma inveja louca, ao ponto de me fazer dizer: também eu quero ter aquele olhar! Também eu desejo aquele abraço! Estes gestos ajudaram-me a retomar a sério a minha necessidade e a desejar procurar em cada momento quem pode responder a esta necessidade. Jesus reconquistou-me! É uma loucura dar-se conta de como os mesmos gestos, as mesmas situações, podem mudar quando uma pessoa está desejosa, quando uma pessoa está necessitada... a realidade provoca, mas se eu não estou lá, pode acontecer o que quer que seja que eu não me dou conta! Não é que antes Jesus não estivesse lá, mas eu não o via porque nem sequer o procurava! Recomecei a ir entregar o pacote de alimentos, porque o problema já não é arranjar tempo para fazer este gesto (uma nova obrigação no dia!), mas sim fazer-me ajudar por este gesto a ter sempre presente a minha própria necessidade. Tendo este desejo de ser abraçada por Ele em cada momento, de manhã, mesmo antes de começar a preparar os pequenos-almoços e começar logo a organização do dia, pedi ao meu marido para rezar comigo o *Angelus*, para que todo o dia seja vivido “na certeza de que Ele vem ao encontro de cada um de nós como Ele acha melhor”, tal como me escreveu um amigo».

Ou outro que escreve: «Nestes últimos dias, não conseguia francamente perceber por que é que os meus amigos davam tanta importância

ao encontro de Roma com o Papa, e ao mesmo tempo, gestos como o *Dona Cibo* (recolha de alimentos, nt.) e a assembleia dos Bancos de solidariedade escaparam-me. Coisas bonitas, mas eu julgava que a minha satisfação estava noutra coisa. Na segunda-feira de Pascoela, quando fui dar uma volta, encontrei no parque perto de minha casa dois amigos meus com os seus quatro filhos, um dos quais, que não tem ainda três anos, tem uma leucemia; depois de dois anos dado como curado, agora a situação alterou-se de forma dramática e para ele não existem esperanças de cura. Quando os vi ao longe, desejei fortemente mudar de caminho para evitar encontrá-los; pensava mesmo que evitando-os, deixava-os sossegados, mas era eu que queria ficar sossegado, que não queria enfrentá-los. Depois, no entanto, fui ter com eles e a sua serenidade miraculosa impressionou-me. Enquanto o miúdo e os seus irmãos se divertiam no escorrega, a mãe disse-me: “Que belo sol que está hoje!”. Nos dias seguintes, esta sua frase continuava a vir-me à cabeça: quem é que pode fazer dizer, a uma mãe que sabe que o seu filho tem que morrer, “que belo sol”? Podia maldizer tudo. Em vez disso, aqueles meus dois amigos estavam mais felizes do que eu! O encontro com eles é como se me tivesse aberto os olhos para o verdadeiro valor do encontro com o Papa: estava ali com muitos para encontrar Quem pôde fazer com que aquela mãe dissesse: “Que belo sol!”. Eu só tenho que ser leal».

Não é uma imaginação, mas um acontecimento agora, como sempre nos dissemos, que faz renascer a consciência da nossa humanidade: «Quando encontrei Cristo descobri-me homem».²⁶

2. “Uma mão que o oferece agora”

Depois do encontro, tudo poderia parecer em ordem. Nós encontrámo-Lo... Mas todos sabemos por experiência, que não é assim. Vimos isso ao estudar o terceiro capítulo do *Porquê a Igreja*, no qual Dom Giussani nos ajuda de imediato a dar-mo-nos conta desta nossa dificuldade de captar «o significado de palavras diretamente ligadas à experiência cristã».²⁷ Também a este nível, resumindo, há um colapso das evidências, uma dificuldade em perceber aquilo que nos aconteceu de modo esmagador, persuasivo, imponente e único. Para cada um de nós, o encontro com Cristo foi a maior evidência da sua vida. Nenhuma outra é comparável a esta. E

²⁶ Cfr. Mario Vittorino, «In Epistola ad Ephesios», *Liber secundus*, in *Marii Victorini Opera exegetica*, cap. 4, v. 14.

²⁷ L. Giussani, *Porquê a Igreja*, op. cit., p. 39.

no entanto, quantas vezes nos afastamos de Cristo, sem nem sequer nos darmos conta. E surpreendemos também em nós – depois do encontro e diante deste – aquele obscurecimento, aquela tendência a decair, a perder-nos, a ofuscar, ou a ofuscar-nos, que já referimos. Encontramos em nós uma facilidade para o ofuscamento, para o esquecimento, a ponto de já não conseguir ver as coisas evidentes, graças a uma espécie de fragilidade, de obtusidade. E a coisa mais surpreendente é que isto pode acontecer – e acontece – também nas relações com a Igreja ou com o Movimento.

Também aqui se repropõe e reaparece, portanto, a ligação entre o facto e o reconhecimento do mesmo, entre a presença inexorável e o dar-se conta dela (do seu significado, do seu alcance), entre a verdade e a liberdade.

A experiência da audiência com o Papa em Roma teve o valor pedagógico de um gesto em que cada um pôde surpreender-se em acção, verificando se estava naquela posição de sintonia original (de que fala o *Porquê a Igreja*) que permite perceber, ou se estava bloqueado por uma obtusidade, por uma dificuldade insuperável em perceber. Todos puderam ver o que aconteceu na Praça. Ainda não tinha terminado o encontro, e já tinham começado as diferentes reacções e interpretações do acontecimento e das palavras do Papa. Naquele preciso momento, cada um pôde ver se a experiência vivida era de tal forma clara e consistente que se aguentava diante das várias interpretações, as de dentro e as de fora. Nem mesmo um acontecimento desta dimensão, a participação num gesto tão imponente e integralmente humano, poupou – nem poderá nunca poupar – a ninguém a dificuldade de avaliar a experiência vivida e, a partir dela, ajuizar qual das interpretações em causa dava a explicação adequada do facto.

A experiência vivida em Roma comprova que a participação no gesto não coloca a palavra “fim” sobre a questão, sobre aquilo que acontece. Como para o cego de nascença: a cura não foi o fim, mas o ponto de partida, o início da luta para reconhecer a verdade, a realidade do que lhe tinha acontecido. Quem, portanto, ao sair da Praça, esperava que um juízo oficial “do movimento” resolvesse as questões e clarificasse tudo, pôde verificar até que ponto não é assim (neste caso, nem sequer faltou um juízo oficial assim que acabou o gesto, na forma de um comunicado de imprensa; mas isto não chega).

Evidencia-se aqui o nexó entre o primeiro e o segundo ponto do percurso que estamos a fazer: assim como uma clareza total a respeito do nosso eu só se torna possível através dum acontecimento, dum encontro, do mesmo modo, para nos darmos conta de que depois do encontro nos perdemos, nos esquecemos da estrada, temos necessidade de que volte a

acontecer o encontro, isto é, o mesmo acontecimento do início, tão profundo é o nosso desejo, tão desmesurada é a nossa «fraqueza mortal», como diz a liturgia. Não nos damos conta disso sozinhos. Precisamos de um outro, de uma presença integralmente humana.

Em que é que podemos reconhecer esta presença? Do facto de que ela nos descentra das nossas reduções, das nossas distrações, para nos reconduzir ao centro, Cristo. E como é que nos descentra, como é que nos reconduz a Cristo? Acontecendo. Simplesmente acontecendo. O cristianismo é sempre um acontecimento. Sem que isso reaconteça constantemente, na primeira curva saímos logo da estrada. Por isso é duma ingenuidade grosseira pensar que nós já sabemos, como se o “já saber” pudesse evitar o desvio, o sair da estrada. Mas é um consolo ver que isto já acontecia aos apóstolos com Jesus: eles, que foram os primeiros a fazer o encontro excepcional com a presença viva de Cristo, afastavam-se constantemente, exatamente como nós.

a) O afastamento dos discípulos

Em muitos episódios do Evangelho somos colocados diante do afastamento dos discípulos e do contínuo reconduzi-los ao centro por parte de Jesus.

Citámos muitas vezes, ao longo destes anos, o regresso dos discípulos, que Ele tinha enviado para pregar, para anunciar o Reino. Regressam todos “eufóricos”, mas já “afastados”, debruçados sobre outra coisa, e Jesus tem que os reconduzir ao centro: «Não vos alegréis porque os espíritos vos obedecem; alegrai-vos antes por estarem os vossos nomes escritos no Céu»,²⁸ isto é, foram escolhidos.

E ainda: «Disse-lhe João: “Mestre, vimos alguém expulsar demónios em teu nome, alguém que não nos segue, e quisemos impedi-lo porque não nos segue”». Como veem, eles também tinham alguns problemas de autoreferencialidade... «Mas Jesus disse-lhes: “Não o impeçais, porque não há ninguém que faça um milagre em meu nome e vá logo dizer mal de mim: quem não é contra nós é por nós.»²⁹

Os episódios continuam: «Aproximou-se então de Jesus a mãe dos filhos de Zebedeu» e pediu-lhe: «Ordena que estes meus dois filhos se sentem um à tua direita e outro à tua esquerda, no teu Reino». Não é que os outros discípulos fossem assim tão diferentes de nós... «Ouvindo isto, os outros dez ficaram indignados com os dois irmãos». E Jesus repreendeu-

²⁸ Lc 10,20.

²⁹ Mc 9,38-40.

-os: «Sabeis que os chefes das nações as governam como seus senhores, e que os grandes exercem sobre elas o seu poder. Não seja assim entre vós. Pelo contrário, quem entre vós quiser fazer-se grande, será o vosso servo».³⁰

Às vezes, o obscurecimento dos que seguiam Jesus chega a tal ponto que «como estavam a chegar os dias de ser levado deste mundo, Jesus dirigiu-se resolutamente para Jerusalém e enviou mensageiros à sua frente. Estes puseram-se a caminho e entraram numa povoação de samaritanos, a fim de lhe prepararem hospedagem. Mas não o receberam, porque ia a caminho de Jerusalém. Vendo isto, os discípulos Tiago e João disseram: “Senhor, queres que digamos que desça fogo do céu e os consuma?”. Mas Ele, voltando-se, repreendeu-os».³¹ Até ao fim, continuavam a afastar-se d’Ele.

Poderíamos continuar toda a manhã a contar episódios deste género, relatados no Evangelho. Até à última cena: um instante depois de ter confessado a Jesus que O amava (“Amas-Me?”. “Sim”) e de ter ouvido Jesus dizer-lhe: “Segue-Me”, «Pedro voltou-se e viu que o seguia o discípulo que Jesus amava» e disse ao Mestre: «“Senhor, e que vai ser deste?”. Jesus respondeu-lhe: “E se Eu quiser que ele fique até Eu voltar, que tens tu com isso?”».³²

Sem se dar conta disso, de forma insensível, os apóstolos afastavam-se do centro, desequilibravam-se, colocavam noutra coisa a sua consistência. Que consolo ver que somos como eles e que Jesus não se espantava com o seu desvio, mas os reconduzia, de cada vez, ao centro! «Ainda que o teu pai e a tua mãe te abandonassem, eu nunca te abandonaria!»

b) O nosso afastamento

Também a nós acontece o mesmo que aos discípulos (o problema, atenção, não é afastarmo-nos, mas sim negarmos que nos afastámos, porque também nos acontece isso). Por isso, tal como aos discípulos, também para nós é preciso o encontro com uma presença presente, que nos descentre de nós mesmos para nos fazer regressar ao centro, Cristo. É o que Giussani fez connosco. Se percorrermos a nossa história, como fizemos com a história dos discípulos, encontramos-nos diante dos mesmos factos, do mesmo afastamento e estamos também nós na presença de um homem que constantemente nos reconduz ao centro.

³⁰ Mt 20,20-21.24-26.

³¹ Lc 9,51-55.

³² Jo 21,17.19-22.

As chamadas de atenção que encontramos ao longo da nossa história são exemplificações que podem ajudar-nos a verificar em que medida as tentações identificadas por Dom Giussani são tentações também nossas hoje, que nos dizem respeito no presente. Regressemos a alguns dos momentos em que Dom Giussani nos reconduziu ao centro.

Nos primeiros Exercícios da Fraternidade de 1982, logo a seguir ao reconhecimento pontifício, Dom Giussani começa a falar expondo tudo. As pessoas tinham chegado “eufóricas” – poderíamos dizê-lo – porque a Igreja tinha finalmente reconhecido o Movimento. Mas Giussani confessa: «Estou, de certa maneira, um bocado atrapalhado e confuso ao começar porque me vêm insistentemente à memória os nomes dos meus primeiros alunos». ³³ Para introduzir o motivo da atrapalhão, cita uma frase de João Paulo II: «Não haverá fidelidade [...] se não se encontrar no coração do homem um pedido, para o qual só Deus oferece resposta, ou melhor, para o qual só Deus é a resposta». ³⁴ Depois observa: «Dos bancos da escola, onde nos encontrámos, até à companhia de hoje [...], é a seriedade deste pedido humano que surpreendo em mim esta manhã, sentindo-o em toda a sua exigência, em toda a sua força, e em toda a precariedade de consistência que ele tem na vida de um homem». Eis, então, porque se sentiu tremer: «O que me faz tremer, esta manhã, é a surpresa de que é mesmo possível uma grande distância de mim próprio, porque a minha pessoa é aquilo em que deve tornar-se: o homem é um projeto, a sua definição vem do cumprimento desse projeto. O pensamento desta manhã faz com que me surpreenda tão normalmente distante daquilo que, embora intencionalmente e tão insistentemente retomo, torno a meditar e relanço aos outros para meditar». Portanto, ajuíza a vida de muitos na Fraternidade: «Vocês cresceram, mas enquanto asseguraram uma capacidade humana na vossa profissão, foi também possível, um distanciamento de Cristo [...], o nosso coração está como que isolado, ou melhor, Cristo fica como que isolado do coração, salvo nos momentos de certas obras (um momento de oração ou um momento de compromisso, quando há um encontro geral, ou uma Escola de comunidade para fazer, etc.)». Mas existe, como consequência deste, um posterior afastamento, «que se revela num embaraço que existe entre nós – estou a falar até de maridos e mulheres –, num último embaraço recíproco», que «torna dis-

³³ L. Giussani, «A familiaridade com Cristo», *Passos-Litteraecomunionis*, fevereiro 2007. Cfr. A. Savorana, *Vita di don Giussani*, op. cit., p. 605.

³⁴ João Paulo II, *Homilia na Cidade de México, durante a viagem à República Dominicana, México e Bahamas*, 26 de janeiro de 1979.

tante o decisivo aspeto do coração de um, do decisivo aspeto do coração do outro, salvo nas ações comuns (há a casa para governar, os filhos para tratar, etc.)».³⁵

Quinze anos antes, a 19 de novembro de 1967, dois anos apenas depois da ocupação da Universidade Católica, durante o retiro de Advento do grupo adulto, Dom Giussani avalia a reação dos universitários do movimento naquela circunstância: «E assim, até mesmo a inteligência da situação e das coisas a fazer – que é uma inteligência diferente, mais aguda, porque é uma inteligência ditada pelo ponto de vista de Deus – nos faltou tão facilmente, porque não O esperamos [não esperamos Deus] dia e noite». Com efeito, «se O tivéssemos esperado dia e noite, também a atitude dos nossos na sua convivência na Universidade Católica teria sido diferente; foi muito generosa, mas quão verdadeira foi?». E, referindo-se ainda a quem participou na ocupação, diz: «A verdade do gesto não nasce da astúcia política», caso contrário «o nosso discurso confunde-se com o dos outros e torna-se instrumento do discurso dos outros. Podemos fazer as nossas coisas e assumir como paradigma, sem que nos demos conta, o de todos, o paradigma oferecido por todos os outros. É do esperá-Lo dia e noite que se distingue o nosso discurso, as nossas ações».³⁶

A ocupação da Católica torna-se, para dom Giussani, uma ocasião preciosa para aprender algo de decisivo para si: «Verdadeiramente, estamos na condição de estar na vanguarda, sermos os primeiros daquela mudança profunda, daquela revolução profunda que nunca estará – digo: nunca – naquilo que de exterior, como realidade social, pretendamos que aconteça»; com efeito, «nunca estará na cultura ou na vida da sociedade, se não estiver primeiro [...] em nós. [...] Se não começar entre nós este sacrifício de si... Não um óbolo a ser dado, mas [...] uma revolução de si, no conceber-se sem preconceito [...] sem tentar salvaguardar nada primeiro».³⁷

Em 1973, cinco dias depois do grande congresso do Palalido de Milão, Dom Giussani expressa o seu desapontamento com aquilo que aconteceu, tendo sabido que os aplausos mais convictos tinham sido para as moções políticas que tinham colocado na sombra aquilo que deveria ser

³⁵ L. Giussani, «A familiaridade com Cristo», *Passos-Litterae communionis*, fevereiro de 2007. Cfr. A. Savorana, *Vita di don Giussani*, op. cit., p. 605.

³⁶ Retiro de Advento do Grupo adulto, Milão, 19 de novembro de 1967, in A. Savorana, *Vita di don Giussani*, op. cit., p. 391.

³⁷ *Ibidem*, p. 392.

um gesto público de testemunho da fé: «O que é privilegiado em nós não é Cristo, não é o facto novo: rapaziada, nós ainda não acreditamos. A ideologia invade-nos de tal forma, que aquilo que só poderia ser secundário, por comparação com a comunhão – porque que tu tenhas uma opinião diferente da minha, isso é natural – torna-se prevalente operativamente, no juízo que se dá, e na ação que dele resulta», a ponto de «a comunhão já não ter espessura».³⁸

O que dominava Giussani quando nos corrigia assim? O acontecimento de Cristo, a paixão por Cristo, pela Sua presença, pela Sua memória. Não se tinha afastado de Cristo! Por isso podia reconhecer sempre que «o nosso coração está como que isolado, ou melhor, Cristo fica isolado do coração».³⁹

c) O formalismo e a estagnação da novidade

Há um sintoma – que é também um risco permanente – deste afastamento da razão pela qual tudo começou: o formalismo. Desde os primeiros anos de vida do movimento, Dom Giussani foi hipersensível ao perigo sempre presente de perder a frescura da experiência original, de desviar a atenção do motivo pelo qual tudo nasceu e pelo qual as pessoas aderiram, se envolveram. Aquilo que as atraiu não foram fórmulas ou rituais associativos, não foi uma organização: foi um acontecimento vivo que enchia as suas vidas. Por isso sempre considerou um perigo o risco do formalismo.

Já em 1962, quando já estava em ação uma grande riqueza expressiva, com muitas iniciativas, encontros públicos, publicações, etc., e a *GS* se afirmava cada vez mais em Milão e noutros locais de Itália, Giussani, dirigindo-se ao grupo de responsáveis de então, assinala que «é como se a experiência original que nos fez entrar se tivesse fossilizado, se tivesse cristalizado». Aliás, sublinha: «É possível tornar-se fidelíssimo no uso de um método como fórmula e transmiti-lo, aceitá-lo, sem que este método continue a ser inspirador de um desenvolvimento: um método que não desenvolva uma vida é um método sepulcral, é silicificação (petrificação)». Este é motivo «pelo qual os responsáveis pensam na sua responsabilidade como “extrínseca” e não como “método de vida deles, em

³⁸ Quarta escola de comunidade, Milão, 20 de maio de 1973, in A. Savorana, *Vita di don Giussani*, op. cit., p. 468.

³⁹ L. Giussani, «A familiaridade com Cristo», *Passos-Litterae communionis*, fevereiro de 2007. Cfr. A. Savorana, *Vita di don Giussani*, op. cit., p. 605.

primeiro lugar. Por isso se torna um desgaste e um peso”». ⁴⁰

Qual é o efeito de «usar o método como fórmula»? «A estagnação da novidade», ou seja, o enrijecimento da vida. Para Giussani «é liberdade de espírito a capacidade de mudar», e em vez disso tem que constatar que somos «áridos em encontrar a correspondência sempre nova: as coisas não estão paradas um instante». Ele alerta por isso para o facto de que «a novidade é enriquecida por aqueles que vêm pela primeira vez, por quem não tem as nossas ideias» e que precisamente a sua presença «obriga-nos à novidade da meditação, daquilo que está também em nós, para lhes apresentar as coisas. Nós, porém, [...] apresentamos tudo como se estivessem todos connosco (isto é, com as nossas ideias), esquecendo-nos deles». Pelo contrário, «o nosso método tem necessidade de homens autênticos, empenhados na nossa humanidade, eis o nosso defeito». Por isso, o seu convite é só um: «Ponham-se dentro da experiência – com a hipótese da *GS* –: Deus encarnou; tinha olhos, ossos, músculos...». ⁴¹

Dom Giussani retoma em muitas ocasiões o tema do risco do formalismo, por exemplo durante a *Equipe* dos universitários de fevereiro de 1983. «[O] formalismo [...] identifica-se normalmente no aderir a formas, sem que estas formas sejam propostas, isto é, se tornem naquilo que originalmente são: uma proposta para a vida. O que é que esta ação que estamos a fazer muda na vida? Este aglomerado de pessoas em torno dos CP, para as eleições, o que é que muda na vida?». ⁴² Para Giussani é importante esta observação, incluída numa intervenção, que, «sob a nota de uma dificuldade em fazer tornar experiência, acusa, em primeiro lugar, o formalismo no aderir à comunidade». Com efeito, explica, «não se está bem porque se faz a Escola de Comunidade, não se está bem porque se participa na Santa Missa com o nosso padre, não se está bem porque se distribui panfletos ou se cola do lado de fora o autocolante. Esta pode ser a formalidade com a qual uma pessoa paga a “portagem” à sociedade real a que adere. Mas quando é que tudo isto se torna experiência? Quando te diz alguma coisa e move (“movimento”) alguma coisa em ti [...]. O nosso primeiro perigo, portanto, é o formalismo, a repetição das palavras ou a repetição dos gestos, sem que palavras e gestos abanem, ou de algum modo, metam em crise, ou seja, movam alguma coisa em ti, iluminem mais o olhar que deitas a ti mesmo, alimentem uma convicção acerca de um valor (porque é que, por exemplo, o dever de te empenhares das nas

⁴⁰ A. Savorana, *Vita di don Giussani*, op. cit., p. 254.

⁴¹ *Ibidem*, pp. 254-255.

⁴² L. Giussani, *Uomini senza patria (1982-1983)*, Bur, Milão 2008, p. 193.

eleições é uma necessidade da tua humanidade, de outra forma falta uma medida à tua humanidade)».⁴³

Também a nossa presença no ambiente pode ser formal. «O que quer dizer “formalidade da presença”? A presença nasce de um esquema, por isso já não é presença, são gestos arrancados a um organismo, que não têm organismo. A nossa presença nasce de um esquema: há isto para fazer, e isto, e isto, ou seja, um pacote de iniciativas; até o modo com que se convida um colega é esquemático, tanto assim que o convidamos para os três dias da Páscoa e depois o abandonamos, aliás, logo durante os três dias o abandonamos. Ao passo que uma não formalidade da presença deve nascer da consciência, do atirar-se e do risco da pessoa: a presença no ambiente é um problema da tua pessoa. Não é um interesse dos outros ao qual tu aderês; é o problema de Cristo, se Cristo tem a ver com a tua pessoa. O problema verdadeiro é o formalismo da fé. [...] Não se parte da consciência de Cristo como minha vida e, por isso, como vida do mundo e, por isso, do mundo como minha vida».⁴⁴

Mas aquele afastamento, aquele distanciamento e o formalismo no aderir produzem consequências visíveis:

1) Cansaço, perda do gosto da vida nova

Em Campitello, a 6 de setembro de 1975, Dom Giussani diz: «Vi entre vocês muitas pessoas de boa vontade, mas que em última instância estão cansadas, a ponto de se atrapalharem. [...] Se estamos bloqueados pelo cansaço, quer dizer que somos ainda imaturos na percepção do motivo da nossa vida e de tudo aquilo que fazemos. Esta semana obrigou-nos a dar-mo-nos conta de algo que falta: e o que falta é a questão de fundo».⁴⁵

E dois meses depois, durante a Jornada de Início de Ano do CLU, observa: «Quando entrámos na universidade, houve um momento – ou houve uns momentos – em que a ansiedade, o desejo, ou até mesmo a paixão por uma realidade nova, por alguma coisa de novo, nos animaram. Agora vivemos na universidade já sem este gosto, o gosto da vida nova».⁴⁶

São riscos permanentes. Escreve uma amiga: «Quando soubemos que tínhamos sido convidados para ir à audiência com o Papa, também nós os que vivíamos no estrangeiro, coisa que nunca tinha acontecido em doze anos de vida em Nairobi (nem sequer para participar no funeral de Dom Giussani), realizei que era um encontro importantíssimo

⁴³ *Ibidem*, pp. 194-195.

⁴⁴ L. Giussani, *Dall'utopia alla presenza (1975-1978)*, op. cit., pp. 109-110.

⁴⁵ *Ibidem*, p. 8.

⁴⁶ *Ibidem*, p. 31.

para o movimento e que nos encontrávamos numa “viragem histórica”, se era mesmo pedido a todos para participarem. Uma noite discutia-se sobre a importância deste gesto e, chamando-me à parte, uma amiga confidenciou-me que não fazia tenções de participar porque tem aversão pelos encontros de massas, e além disso levantava muitas dificuldades, como o custo do bilhete, a longa viagem, a espera e as filas para entrar na Praça de São Pedro, etc. “Mas no início, quando encontramos o movimento, não eram estas dificuldades que nos detinham”, respondi-lhe eu de rompante; no início dominava-nos o desejo de estar com Ele, onde quer que ele fosse. E assim recordámos os muitos encontros “apinhados” nos quais participámos e aquilo que nos movia. “Eu não quero ser assim tão velha que só esteja preocupada em poupar-me o cansaço, desejo a afeição ao Seu corpo que me movia no início!”. Quando cheguei à praça, encontrar todos os meus amigos sem o ter planeado, ouvir os nosso cantos tão bonitos, ver o Carrón, foi reencontrar o “Seu” corpo vivo e estar como uma criança no ventre da sua mãe. “Mantenham vivo o fogo da memória daquele primeiro encontro e sejam livres!”, disse-nos o Papa. Onde é que encontro uma ternura maior para a minha vida? Reaconteceu o primeiro encontro, como quando tinha quinze anos e estava sempre pronta, com a mochila às costas, para O seguir onde quer que Ele fosse».

Qual é, então, a novidade que somos chamados a viver e que também os outros podem ver? É preciso, diz Giussani, «que as pessoas à nossa volta, nas nossas faculdades, nos cursos, já não vejam apenas, como veem agora, a nossa pertença a Comunhão e Libertação, isto é, um seguimento de iniciativas, de encontros, de instrumentos para usar, mas que se deem conta do acontecimento de Comunhão e Libertação em mim e entre nós, se deem conta desta reciprocidade em que eu me torno, se deem conta desta unidade que poderão combater com raiva, mas da qual não poderão, em última instância, não sentir nostalgia: rocha contra a qual o poder dos infernos, dirá Cristo a Pedro, nunca poderá prevalecer». Para Giussani, se isso não acontecer, «Comunhão e Libertação torna-se realmente um partido político e pronto, torna-se uma associação, fervilhante de iniciativas, mas suficientemente cansativa para que seja difícil amá-la mais do que um certo número de meses».⁴⁷

2) Confusão sobre a presença

Em 1976, Dom Giussani conclui assim a famosa *Equipe* de Riccione: «Não é uma “presença da nossa comunidade” na universidade que

⁴⁷ *Ibidem*, pp. 32-33.

tem que acontecer, mas um “coração novo em cada um de nós”, uma maturidade tua, irmão; a explosão ou o alvorecer de uma maturidade cristã tua, de uma fé e de uma paixão nova. A incidência na universidade e na sociedade, o contributo para a Igreja, são consequências que Deus definirá, tal como define os tempos da história. Aquilo que interessa é esta humanidade que já vive em alguns e não pode deixar de passar para todos, porque cada um de nós estaria mal, se um só de entre nós não chegasse a esta ribalta nova, onde o panorama do mundo, de si, da banalidade quotidiana, do colega e do amigo é completamente diferente. Isto é já um pensamento fragmentado em todos nós, como quando o sol nasce: um dia novo não no outro mundo, mas neste mundo. E deve, portanto, tornar-se uma luta que começa sempre e nunca acaba dentro de nós, porque a resistência que encontramos na universidade é a enorme concretização da resistência que encontramos dentro de nós». ⁴⁸

3) Confusão sobre a natureza do movimento

No mesmo mês de setembro de 1976, durante um encontro de responsáveis em Collevaenza, Dom Giussani coloca diante de todos a “fotografia” desconfortável daquilo que acontece quando prevalece o formalismo: «O movimento passa a ser uma coisa tremenda: em vez de mobilizar a vida e convertê-la, é um monte de condicionamentos». Pelo contrário, acrescenta, o movimento é «um Acontecimento a criar, não uma organização a pensar [...] és tu que estás em jogo». Aqui Dom Giussani não tem meias-palavras: «A essência da questão não implica que tenham que ser cinquenta, bastam dois». ⁴⁹

As consequências referidas representam um risco permanente e implicam por isso uma *conversão contínua*, como diz Dom Giussani aos professores do movimento reunidos em Assis em 1978: «Todas as revoluções e todas as reformas, passado algum tempo, se tornam formais, e o formalismo domina, engloba, enterra o ímpeto original. É preciso uma *conversão contínua* e então, a revolução fica permanente. É a utopia da Luta contínua, no sentido literal, mas aquilo que é utopia nos seguidores daquela fórmula, “caras companheiras e caros companheiros” para nós é Cristo na história. Não é possível sermos professores cristãos nem movimento de fé, não é possível sermos comunhão e libertação, a não ser na continuidade de uma vontade de conversão, que é a atitude que deve determinar-nos cada manhã. A vida cristã só se torna

⁴⁸ *Ibidem*, pp. 86-87.

⁴⁹ A. Savorana, *Vita di don Giussani*, op. cit., pp. 485-486.

presença dentro duma consciência contínua daquilo que se é: e esta é a única luta contínua possível».⁵⁰

Repercorrer estes momentos da nossa história, à luz das palavras do Papa do dia 7 de março, ajuda-nos a reconhecer a nossa necessidade ilimitada, faz-nos sentir mais a vontade de conversão, o pedido de não «perder a vida vivendo»,⁵¹ de não perder a frescura do carisma – que é para nós a frescura da vida –, com que fomos em peregrinação ao Papa. Esta é a nossa urgência. E é tanto maior quanto mais estivermos conscientes da grandeza do dom que nos foi feito e estivermos gratos por o termos recebido.

É esta urgência que facilita em nós o reconhecimento de Cristo. A fé, com efeito, é para o pobre de espírito, como voltámos a ouvir dizer na Praça de São Pedro: «André, João, Simão: sentiram-se olhados profundamente, conhecidos intimamente, e isto gerou neles uma surpresa, um espanto que, imediatamente, os fez sentirem-se ligados a Ele...».⁵²

Impressiona muito, à luz de toda esta nossa história, reler as palavras que o Papa nos dirigiu na Praça de São Pedro: «Sessenta anos depois, o carisma original não perdeu a sua frescura e vitalidade. Porém, lembrem-se que o centro não é o carisma, o centro é só um, é Jesus, Jesus Cristo!».⁵³ Foi a isto que Dom Giussani nos chamou de forma incansável, reconduzindo-nos, daquilo que nós considerávamos o carisma, para o carisma na sua natureza original. Nós aprendemos o carisma na modalidade com a qual Dom Giussani nos descentrava da redução que historicamente lhe tínhamos feito. Não foi a partir de uma discussão teológica sobre a natureza do carisma, mas de uma reflexão sobre a sua realização histórica que começámos a perceber do que é que se tratava. Quantas vezes Dom Giussani teve que nos descentrar! Por isso, como nos disse o Papa, «fidelidade ao carisma não significa “petrificá-lo”» – cristalizá-lo, dizia Dom Giussani – ou «escrevê-lo num pergaminho e afixá-lo num quadro. A referência à herança que vos deixou Dom Giussani não pode reduzir-se a um museu de recordações, de decisões tomadas, de normas de conduta. Implica, certamente, fidelidade à tradição, mas fidelidade à tradição [...] “significa manter vivo o fogo”», não perder o gosto de viver, caso contrário, o que nos importa?

⁵⁰ *Agli educatori. L'adulto e la sua responsabilità*, Quaderni, 7, Cooperativa Editoriale Nuovo Mondo, Milão 1990, p. 52.

⁵¹ «Dov'è la Vita che abbiamo perduto vivendo?» (T.S. Eliot, *I Cori da «La Rocca»*, Bur, Milano 2010, p. 37).

⁵² Francisco, *Discurso ao Movimento de Comunhão e Libertação*, 7 de março de 2015.

⁵³ *Ivi*.

«Mantenham vivo o fogo da memória daquele primeiro encontro e sejam livres!».⁵⁴

Assim podemos ler não só o que nos disse o Papa Francisco, mas também aquilo que nos recomendaram todos os Papas. Pensemos em João Paulo II. Em 1985 disse aos padres do movimento: «Quando um movimento é reconhecido pela Igreja, torna-se um instrumento privilegiado para uma pessoal e sempre nova adesão ao mistério de Cristo. Não permitais nunca que a vossa participação abrigue o caruncho do hábito, da “rotina”, da velhice! Renovai continuamente a descoberta do carisma que vos fascinou e ele levar-vos-á mais vigorosamente a tornar-vos servidores daquele único poder, que é Cristo Senhor!».⁵⁵ E na carta de 2004 a Dom Giussani escreveu: «É-me grato expressar-lhe, assim como a todos os aderentes ao Movimento, os bons votos a fim que esta importante celebração jubilar leve cada um a remontar à experiência primordial, a partir da qual o Movimento adquiriu o seu impulso, renovando o entusiasmo das origens. Com efeito, é importante manter-se fiel ao carisma do início, para poder corresponder eficazmente às expectativas e aos desafios dos tempos».⁵⁶

O que é que documenta a experiência dos apóstolos com Jesus e a nossa com Giussani e com os papas? Que não basta o encontro inicial, não basta aquilo que já sabemos, para nos mantermos na estrada. Temos necessidade de uma presença no presente que nos descentre de nós mesmos para nos reconduzir a Cristo, precisamos do reacontecer contínuo do primeiro encontro, como Dom Giussani sempre nos recordou: «O acontecimento não identifica apenas algo que aconteceu e com que tudo teve início, mas aquilo que desperta o presente, define o presente, dá conteúdo ao presente, torna possível o presente. Aquilo que se sabe e aquilo que se tem torna-se experiência se aquilo que se sabe e se tem é algo que nos é dado agora: há uma mão que o oferece agora, há um rosto que avança agora, há sangue que escorre agora, há uma ressurreição que acontece agora. Fora deste “agora” não há nada!», nem aquilo que sabemos, nem aquilo que temos. Nada. Tudo é nada. «Fora deste “agora” não há nada!». Devíamos todos escrever isto nas nossas casas. «Fora deste “agora” não há nada!», sabemos-lo muito bem: há só aridez, mesmo com tudo aquilo que sabemos. Mas

⁵⁴ *Ivi.*

⁵⁵ João Paulo II, *Discurso aos sacerdotes participantes da experiência do movimento «Comunhão e Libertação»*, Castel Gandolfo (Cidade do Vaticano), 12 de setembro de 1985.

⁵⁶ João Paulo II, *Carta ao Reverendo Monsenhor Luigi Giussani, fundador do Movimento «Comunhão e Libertação»*, 22 de fevereiro de 2004, 2.

este “saber” não nos dá nem sequer um milímetro, um instante daquele sobressalto do início, porque «o nosso eu não pode ser movido, comovido, ou seja, mudado, senão a partir duma contemporaneidade: um acontecimento. Cristo é algo que me está a acontecer».⁵⁷

E, com toda a sua paternidade, Giussani alerta-nos: «Fiquemos atentos a que esta *correção* – porque tal é a definição do trabalho que estamos a conduzir – não nos encontre “na defensiva”: “O processo educativo começa onde se perde o espaço da autodefesa”. A coisa mais bonita do mundo é aprender. E a coisa que todos devem aprender com quem guia é a sua capacidade de aprender. “*Viver quer dizer que, através da tua experiência, há outros que vivem*”».⁵⁸

3. A geração do adulto

Só assim, ou seja, se aceitarmos aprender, se nos deixarmos descentrar, é que podemos responder à tarefa que o Papa nos confiou. E qual é essa tarefa? Ser «braços, mãos, pés e cabeça de uma Igreja “em saída”». Como é que podemos cumprir este mandato? O Papa disse-nos como: só «centrados em Cristo».⁵⁹

Tal e qual como Dom Giussani: «Quando se está escancarado para aquilo que aconteceu e que acontece no mundo, isto é para Cristo, [...] então o coração dilata-se».⁶⁰ «Seguir Cristo, amar em tudo Cristo: é isto que deve ser reconhecido como a característica principal do nosso caminho.»⁶¹ E ainda: «Nós colocamos no centro da nossa vida esta Presença [...]: o homem Jesus».⁶² E por fim: «*Se tirarem esta Presença, todas as coisas se transformam em cinzas*».⁶³ Para assinalar o nosso deslize, usa também uma outra expressão: «O nosso burguesismo vê-se a olho nu. O burguesismo é, com efeito, a não radicalidade com a qual nos apercebemos da relação com Cristo».⁶⁴

⁵⁷ Cfr. ARQUIVO HISTÓRICO DA ASSOCIAÇÃO ECLESIAL *MEMORES DOMINI* (ASAEMD), documento transcrito intitulado «Dedicação 1992 Rimini, 2-4 de outubro de 1992». A. Savorana, *Vita di don Giussani*, op. cit., p. 851.

⁵⁸ *Agli educatori. L'adulto e la sua responsabilità*, op. cit., p. 49.

⁵⁹ Francisco, *Discurso ao Movimento de Comunhão e Libertação*, 7 de março de 2015.

⁶⁰ L. Giussani, *L'opera del movimento. La Fraternità di Comunione e Liberazione*, San Paolo, Cinisello Balsamo (Mi) 2002, p. 130.

⁶¹ *Ibidem*, p. 10.

⁶² L. Giussani, *L'uomo e il suo destino, Marietti 1820*, Génova 1999, pp. 81-82.

⁶³ L. Giussani, *È, se opera*, suppl. a *30Giorni*, n. 2, 1994, p. 80.

⁶⁴ L. Giussani, *Dall'utopia alla presenza (1975-1978)*, op. cit., p. 61.

Ontem como hoje, é preciso gerar adultos na fé. Esta é a maior urgência. Dom Giussani di-lo de forma clara: «O que procuramos em tudo aquilo que fazemos é uma fé mais viva e um modo mais intenso, mais eficaz, de a propor a todo o mundo». ⁶⁵ Não há nada mais urgente. Hoje, talvez isso se tenha tornado ainda mais evidente. Porque os acontecimentos de Paris e as perseguições destes últimos meses colocaram diante de todos o maior desafio que temos: o grande nada e o vazio profundo que domina a vida, até explodir na violência. Este é o desafio para nós e para os outros. O que é que pode responder a este vazio? Não basta uma estratégia qualquer, uma reproposição de conteúdos ou de esquemas de comportamento. O problema não é antes de mais de natureza ética, mas cognoscitiva e tem a ver com aquela incapacidade de reconhecer a evidência de que falámos no início, aquele enfraquecimento do sentido do eu, da consciência de si. É isto que é preciso despertar em cada um. Se não percebemos isto, movemo-nos da forma errada, além de inútil. Também sobre este ponto Dom Giussani nos ajudou. «Numa sociedade como esta», dizia em 1978, «não podemos revolucionar nada com palavras, associações ou instituições, mas apenas com a *vida*, porque a vida é um grande facto que as ideologias políticas não conseguirão nunca vencer». ⁶⁶

E poucos anos depois, no livro-entrevista com Giovanni Testori, dizia: «É como se já se pudessem fazer cruzadas ou movimentos... Cruzadas organizadas; movimentos organizados. Um movimento nasce exatamente com o despertar da pessoa. [...] É precisamente a pessoa que [...] é o ponto da reviravolta. E assim nasce o conceito de movimento, segundo penso. O maior valor social de agora para um contra-ataque é exatamente o ideal de movimento, que é como se não tivesse nem cabeça nem rabo, não se sabe como acontece. Com efeito, o seu lugar de nascimento está na partícula mais desprovida e desarmada que pode existir: ou seja, a pessoa [...]. O problema capital é o de reacender o domínio que a pessoa tem sobre si mesma». Estava a julgar a inadequação de muitos «movimentos» ideológico-políticos da época, mas também uma determinada modalidade de conceber a experiência do nosso movimento, que escorregava nos mesmos esquemas e respondia no mesmo terreno. Se o verdadeiro problema é despertar, regenerar a pessoa, «o lugar de recuperação da pessoa não pode ser um discurso, um debate». ⁶⁷

⁶⁵ *Agli educatori. L'adulto e la sua responsabilità*, op. cit., p. 49.

⁶⁶ *Ibidem*, p. 51.

⁶⁷ L. Giussani – G. Testori, *Il senso della nascita*, Bur, Milão 2013, p. 112.

Como pode acontecer esta recuperação? «É este o ponto a enfrentar. Exteriormente, a única resposta é que se encontre uma presença diferente; que nos deparemos com uma presença diferente; esta presença pode agir então como reagente, como catalisador das energias já dispersas.»⁶⁸ Por isso, como dizia numa intervenção no Sínodo de 1987, «o que falta não é tanto a repetição verbal ou cultural do anúncio [enquanto que nós pensamos que basta repetir a doutrina sã para não sermos ambíguos. Se isto nos consola!]. O homem de hoje espera, talvez inconscientemente, a experiência do encontro com pessoas para as quais o facto de Cristo é uma realidade tão presente, que a sua vida mudou». É isto que é preciso, só isto nos move, segundo Dom Giussani: «É um impacto humano que pode abalar o homem de hoje: um acontecimento que seja eco do acontecimento inicial, quando Jesus ergueu os olhos e disse: “Zaqueu, desde depressa, vou a tua casa”».⁶⁹

Um amigo escreve-me: «Uma noite recebi o convite de uns amigos para participar num congresso público organizado por associações de pais com filhos afetados por doenças raras. Tinham pensado em mim, que há trinta e três anos tenho em casa filhos com deficiências graves. Acrescento que a modalidade do encontro seria uma mesa redonda na qual, além de mim, participariam outras pessoas, entre as quais um escritor ateu com um filho com graves problemas psíquicos e físicos. Decidi aceitar e pedi para ler um livro deste escritor. Li o livro que escreveu sobre o seu filho. Numa primeira leitura, aparecia toda a impotência deste pai, como se não houvesse nada capaz de lhe dar um vislumbre de esperança. Impressionou-me o distanciamento com que falava do filho, porque entre outras coisas escrevia: “Até o cheiro do meu filho me aborrece!” No fim da leitura, assaltou-me a preocupação de não conseguir aguentar uma situação tão desesperada. Depois pensei que nem todo o livro era apenas desespero, mas que por detrás daquelas páginas havia um homem que gritava, com necessidade de tudo, e que eu tinha encontrado Um que sabia responder a esta necessidade. Decidi ir porque também eu sou como aquele homem: uma necessidade infinita. Chega a noite do encontro; diante de nós, uma centena de pessoas que eu não conhecia. O moderador decide que começo eu. Falo de mim, dos meus filhos deficientes, do sentimento de vazio e de traição que me tomou nos primeiros anos da vida deles, do sentimento de perda que me tinha invadido o coração por um desejo de felicidade que nunca seria satisfeito, e falo daquela noite em

⁶⁸ *Ibidem*, pp. 119-120.

⁶⁹ L. Giussani, *L'avvenimento cristiano. Uomo Chiesa Mondo*, Bur, Milão 2003, pp. 23-24.

que me dei conta dos olhos alegres da minha mulher, da aventura que foi a minha vida desde esse momento, da beleza e do dom que são hoje os meus filhos. Quando acabou a minha intervenção, era a vez do escritor, que diz: “Eu não sei ter a esperança que senti neste meu amigo” – só nos tínhamos conhecido há uns instantes e já me chamava amigo – “mas desejo-a, desde esta noite, desejo-a. Tinha preparado uma intervenção” – e mostra as folhas com a sua intervenção escrita – “mas decidi já não a fazer” – dobra as folhas e põe-nas de lado – “porque eu, desde esta noite, só desejo uma coisa: ir morar com o meu novo amigo, perto dele, para conhecer como é que se pode viver assim. Só isto me interessa”. Parou de falar, a sala estava num silêncio carregado de emoção. Tinha acontecido ali uma coisa grande. Depois pede-me: “O que me faz mal é ter a dúvida de que o meu filho é feliz”. Dali começou um diálogo entre ele e eu, como se fossemos amigos desde sempre. No final, o escritor disse-me simplesmente: “Talvez pela primeira vez na minha vida, olhei para mim e não me senti um falhado”. E eu perguntei-me: “Mas o que é que este homem vê que nem sequer eu que lhe falei vejo?”. Jesus deu-me um novo amigo para o meu caminho. Vamos encontrar-nos em breve num jantar, também com parte do público que perdeu para nos ver».

Como podemos ver, a resposta à situação de dificuldade em que nos encontramos é encontrar uma presença diferente. Não é preciso explicar muito as coisas. Então como hoje, só o testemunho duma vida mudada pode suscitar novamente a curiosidade pelo cristianismo: ver realizada aquela plenitude que uma pessoa deseja alcançar, mas não sabe como. São precisos homens novos que criem lugares de vida onde cada um pode ser convidado a fazer a verificação que fizeram os primeiros nas margens do Jordão: «Vinde e vede». ⁷⁰

O movimento é este lugar, uma amizade que nasce da atração suscitada por um impacto humano, um lugar onde pode surgir uma personalidade nova, verdadeira, completa. «A comunidade não é um aglomerado de pessoas para realizar iniciativas, não é a tentativa de construir uma organização tipo partido: *a comunidade é o lugar da construção efetiva da nossa pessoa*, isto é, da maturidade da fé». ⁷¹ Se não fosse por isto, que sentido teria o movimento, que sentido teria a Fraternidade ou o próprio grupo de Fraternidade? Quantas vezes Dom Giussani nos corrigiu sobre este ponto, para nos ajudar a recuperar a originalidade da experiência do movimento. A comunidade não é um coágulo de pessoas para realizar

⁷⁰ Jo 1,46.

⁷¹ L. Giussani, *Dall'utopia alla presenza (1975-1978)*, op. cit., p. 58.

iniciativas, não é a tentativa de construir uma organização de partido: *a comunidade é o lugar da efetiva construção da nossa pessoa*, isto é, da maturidade da fé.

Aqui surge o problema: como se geram pessoas que são de tal maneira “presença” a ponto de abanar os outros? O movimento é vivido de modo a ser «*lugar da construção efetiva da nossa pessoa*, isto é, da maturidade da fé»? É uma pergunta que marcou a nossa história, e Dom Giussani sempre nos alertou para a sua importância decisiva. No contexto de uma discussão com os responsáveis do movimento, em 1976, dizia: «O problema grave é a dificuldade com a qual surge o adulto. Não na competência eclesialística ou profissional. Mas na fé». ⁷² E perguntava-se: «A que é que se deve?». É muito significativo o ponto de vista com que Dom Giussani faz a pergunta: «Interessa-nos de que modo é que o andamento do Movimento, exatamente como realidade pedagógica, favorece e cria este mal-estar, em vez de favorecer o crescimento de pessoas adultas na fé». ⁷³ Dom Giussani adota a ótica de colocar em questão o modo de conceber e viver o movimento, a ótica duma correção profunda.

Para perceber o motivo da dificuldade com que surgem adultos na fé, ele identifica primeiro as características do adulto: «O adulto é aquele que é caracterizado por uma capacidade de enfrentar tudo sem estar automaticamente alienado daquilo que enfrenta. [...] A segunda característica do adulto é que gera. [...] Portanto, aquilo que falta como rosto geral é a personalidade de fé». ⁷⁴

Qual é então o motivo desta falta? Dom Giussani apressa-se a sugerir-nos onde está o problema. A maturação da fé que não acontece, a falha da geração do adulto depende «de uma gravíssima decadência do método: do método resta apenas uma gaiola de palavras e de fórmulas, falta o génio. O génio do método está como que esvaziado. [...] Este é o ponto fundamental do movimento: o adulto não cresce porque existe o decair do nosso método, que é o da experiência, participação num acontecimento e não consenso acerca dum discurso». ⁷⁵

Que existam entre nós pessoas como aquela que escreveu a carta citada, quer dizer que é este o lugar onde se pode viver e crescer. O problema

⁷² FRATERNIDADE DE COMUNHÃO E LIBERTAÇÃO (FCL), *Arquivo histórico do Movimento de Comunhão e Libertação* (AMCL), fasc. CL/81, «Escola de Responsáveis de Collevanza 17/19 de setembro de 1976».

⁷³ *Ivi.*

⁷⁴ *Ivi.*

⁷⁵ *Ivi.*

é se nós aceitamos participar naquele acontecimento que está a acontecer agora, porque, como acabámos de referir, o «génio do método» é ter posto a experiência ao centro, ou seja, o participar num acontecimento que nos aconteceu e nos acontece agora.

Aquilo que gera adultos na fé não é o consenso sobre um discurso, não é repetição de fórmulas ou de formas: é a participação num acontecimento, numa presença viva que me enche agora, que me envolve agora. O movimento ou é este acontecimento, ou não existe. A palavra «experiência» é uma consequência disto: só se o cristianismo, o movimento, for um acontecimento de vida, é que se pode falar de experiência (como participação num acontecimento).

O génio do método coincide, portanto, com o próprio génio do catolicismo: é o génio da encarnação. «Não existe valor humano a não ser dentro de um facto existencial: Cristo, um homem, um homem que viveu naquele tempo e naquele espaço. E toda a raiva, e a distância, e a hostilidade, e a estranheza ao catolicismo, são contra isto. É problema da Igreja. Todos respeitam Cristo, todos O amam, até mesmo Gramsci: mas que Cristo coincida, que o valor “Cristo” seja uma realidade no tempo e no espaço, que se chama Igreja, quer dizer, uma realidade de pessoas como tu e eu, isso é intolerável. Se é uma realidade de pessoas, há uma hierarquia, há uma diversidade, porque um é mais próximo e o outro mais distante, um é mais inteligente e o outro menos, um tem um papel e o outro não. Nós encontramos Cristo não nos nossos pensamentos, nos nossos sentimentos: encontra-se nesta coisa, exterior a nós, que é a Igreja. O génio do nosso movimento está aqui: em ter pegado nesta lei fundamental do cristianismo e tê-la convertido em método – método!»⁷⁶

«O Movimento é um coração, um corpo, olhos, roupas, cabelos que se realizam na existência. O Movimento é existência vivida.»⁷⁷ Tal como nos vimos a repetir nestes meses na Escola de Comunidade: a Igreja é uma vida que nos alcança agora.

Se, como vimos, é decisiva a geração de personalidades novas, de pessoas que sejam “presença”, o único problema é a maturidade da fé, ou seja, que a tônica inicial se torne madura: com efeito, é a fé que estabelece a nossa identidade, o nosso novo rosto na vida e no mundo: «*A nossa identidade é sermos identificados com Cristo. [...] Tudo isto tem que se tornar maduro; é a isto que devemos aspirar com tudo o que somos e com tudo o que fazemos. Mas nós [...] ainda estamos confusos*». Por-

⁷⁶ L. Giussani, *Dall'utopia alla presenza (1975-1978)*, op. cit., pp. 367-368.

⁷⁷ L. Giussani, *Dal temperamento un metodo*, Bur, Milão 2002, p. 380.

quê? «Tudo continua ainda nos inícios.» Aqui Dom Giussani é drástico: «Chegou o momento em que já não podemos resistir, se aquela tónica inicial não se torna madura: já não podemos suportar como cristãos a enorme quantidade de trabalho, de responsabilidade e de dificuldades a que somos chamados. Não se unem as pessoas, de facto, com iniciativas; aquilo que as une é a tónica verdadeira duma presença, que é dada pela Realidade que está entre nós e que temos “em nós”: Cristo e o Seu mistério tornado visível na nossa unidade».⁷⁸

Num momento decisivo da nossa história, que depois apontará como um novo início para todo o movimento (a *Equipe de Riccione*, em 1976), Dom Giussani reafirma com força a sua preocupação fundamental. Sem essa sua correção, teríamos sido varridos juntamente com todas as nossas tentativas de “fazer alguma coisa” («A necessidade de demonstrar que o facto cristão demonstrava uma capacidade de revolução cultural», depois do 68, «deixou ainda na sombra a questão do método. Se se intuiu o facto cristão na sua nitidez, sentimo-nos obrigados a resvalar para as suas consequências culturais, sociais e políticas»⁷⁹): «O objetivo da comunidade é *gerar adultos na fé*», porque «é de adultos na fé que o mundo tem necessidade, não de bons profissionais ou de trabalhadores competentes, porque destes, a sociedade está cheia, mas são todos profundamente contestáveis na sua capacidade de criar humanidade».⁸⁰ Cada um de nós pode fazer o teste no lugar em que está, onde viva e trabalha todos os dias.

Qual é o teste, na prática? «A verdade da fé é uma humanidade diferente, recordemos isso, uma humanidade tal que, se o movimento não existisse, ela o criaria, porque uma pessoa não poderia deixar de agir assim. Porque se uma pessoa tem uma humanidade em si, ao mover-se, mover-se-ia assim, pensando, pensaria assim, o coração bateria assim [...] A fórmula é ter uma consistência de humanidade tal que, se não existisse nada, a nossa ação lá onde estivéssemos (família, vizinhos, vida quotidiana, escola, universidade, mundo do trabalho, mundo eclesial), o resultado da nossa ação seria um ato de movimento, nós o criaríamos. Esta fórmula é um teste que devem ter presente. O sujeito não é uma estrutura, o sujeito não é um discurso, o sujeito não é uma organização. O sujeito é uma humanidade diferente.»⁸¹

⁷⁸ L. Giussani, *Dall'utopia alla presenza (1975-1978)*, op. cit., pp. 54, 57-58.

⁷⁹ FCL, AMCL, fasc. CL/81, «Escola de Responsáveis de Collevalenza 17/19 de setembro de 1976».

⁸⁰ L. Giussani, *Dall'utopia alla presenza (1975-1978)*, op. cit., p. 58.

⁸¹ FCL, *Documentação audiovisual*, Diaconia diocesana do CL, Milão, 6 de outubro de 1976.

Para nos reconduzir à verdade da nossa experiência, o Senhor manda-nos continuamente pessoas, faz acontecer diante dos nossos olhos factos duma humanidade diferente: «Os novos que chegam à nossa companhia são como que uma lufada de ar fresco dentro de um quarto ocupado por velhos, por aqueles que têm uma longa história [...], um quarto com o ar rançoso. [...] é como se trouxessem aquilo que certamente nós vivemos – pelo menos como aceno, como aceno – no princípio, isto é, o desejo do caminho, mais forte do que o apego às coisas ótimas que o caminho nos inspira».⁸² E no entanto, muitas vezes não reparamos neles, e em vez de aprendermos com eles, continuamos a pretender que alguma interpretação nossa nos faça sair da gaiola das circunstâncias que nos sufoca. «Nós estamos apegadíssimos a muitas coisas que o caminho nos inspira, gerimos estas inspirações, [...] os pensamentos a ter, as opiniões a construir e as coisas a fazer. E, enquanto isso, Cristo fica cada vez mais longe do coração, quer dizer, a nossa pessoa não muda.»⁸³

Assim, também nos pode acontecer encaixarmos na observação crítica que Dom Giussani fez no aniversário da *Redemptor hominis*, a primeira encíclica de São João Paulo II (foi em 1994): «Outras associações católicas ficaram mais impressionadas com os documentos sobre o aborto, sobre a inseminação artificial, sobre o divórcio, do que com a encíclica sobre Cristo redentor do homem».⁸⁴ No início não foi certamente assim. O nascimento da *GS* em 1954 foi determinado, com efeito, pela entrada no Berchet de um professor de religião que, como conta sobre si Dom Giussani, subia aqueles poucos degraus da entrada do Liceu «com o coração todo inflamado pelo pensamento de que Cristo é tuto para a vida do homem, é o coração da vida do homem».⁸⁵ Depois, nos anos seguintes, alguma coisa se obscureceu e veio a onda de 68, com todas as derrapagens que Giussani denunciou (vimos isso nos Exercícios do ano passado).

O caminho da Igreja, e portanto, do movimento, está sempre exposto ao risco do obscurecimento, mas este nalguns momentos torna-se mais grave, mais carregado de consequências. Nem todos os momentos são iguais, e a genialidade de Giussani foi a de perceber os momentos cruciais e de saber imprimir uma reviravolta, ou seja, um regresso às origens. Foi

⁸² L. Giussani, *L'opera del movimento. La Fraternità di Comunione e Liberazione*, op. cit., p. 128.

⁸³ *Ivi*.

⁸⁴ L. Giussani, *L'attrattiva Gesù*, Bur, Milão 1999, p. 79.

⁸⁵ A. Savorana, *Vita di don Giussani*, op. cit., p. 162.

decisiva a de 1976 (que amadureceu sobretudo na relação com a realidade dos universitários e que responde à longa vaga de 68), como vimos e sublinhámos outras vezes.

Se a questão capital é recuperar a experiência como método, o que é que nos ensina o testemunho constante de Dom Giussani? O método através do qual a comunidade gera adultos na fé, isto é, pessoas com uma consciência madura de que Cristo é o centro da vida, «é indicado pela primeira palavra que usámos na história do nosso movimento [atenção aos parêntesis] (que esquecemos, mesmo quando a repetimos, pois não a repetimos numa forma séria): “seguir”».⁸⁶ A primeira palavra!

«Jesus, voltando-se viu que O seguiam e disse-lhes: “Que buscais?”. Eles responderam: “ Rabbi – que quer dizer Mestre – onde moras?” Ele respondeu-lhes: “Vinde ver”».⁸⁷ E ainda: «Caminhando ao longo do mar da Galileia, viu dois irmãos, Simão, chamado Pedro, e André seu irmão, que lançavam as redes ao mar, pois eram pescadores. E disse-lhes: “Vinde após Mim e Eu farei de vós pescadores de homens».⁸⁸ A mesma coisa nos recordou o Papa Francisco a 7 de março: «Nenhum daqueles que ali estavam, incluindo Mateus, ávido por dinheiro, podia acreditar na mensagem daquele dedo que apontava para ele, na mensagem daqueles olhos que o olhavam com misericórdia e o escolhiam para o seguimento.»⁸⁹

Seguir tem um significado bem preciso para Dom Giussani, para ele os encontros de Jesus no Evangelho são o cânone do seguimento que gera: «*Seguir* quer dizer identificar-se com pessoas que vivem com mais maturidade a fé, *envolver-se numa experiência viva*, que “passa” [...] o seu dinamismo e o seu gosto para dentro de nós». Não há nada de mecânico nem de intelectual. Com efeito, «este dinamismo e este gosto passam para nós não através dos nossos raciocínios, não no final duma lógica [quantas vezes pretendemos ter “explicações” dos outros para estarmos seguros diante das circunstâncias, ou pedimos “comunicados” que façam “passar” o nosso discurso sobre isto ou aquilo!], mas quase por pressão osmótica: é um coração novo que se comunica ao nosso, é o coração de um outro que começa a mover-se na nossa vida».⁹⁰

É neste ponto que sobressai a figura e a urgência do professor. Sem magistério, não há possibilidade de seguimento, e uma pessoa seguiria

⁸⁶ L. Giussani, *Dall'utopia alla presenza (1975-1978)*, op. cit., p. 58.

⁸⁷ *Jo* 1,38-39.

⁸⁸ *Mt* 4,18-19.

⁸⁹ Francisco, *Discurso ao Movimento de Comunhão e Libertação*, 7 de março de 2015.

⁹⁰ L. Giussani, *Dall'utopia alla presenza (1975-1978)*, op. cit., p. 59.

apenas os seus pensamentos (com os projetos consequentes) ou as ideias de um líder, mas sem a segurança de estar na estrada assinalada pelo Mistério: «Seguir quer dizer identificar-se com os critérios do mestre, com os seus valores, com aquilo que nos comunica, e não ligar-se à pessoa, que, em si, é efêmera. Neste seguimento esconde-se e vive o seguimento de Cristo. Não é o apego à pessoa, mas o seguimento de Cristo, que é a razão do seguimento entre nós. É a este magistério que deve tender a amizade entre nós, pois verdadeiro amigo é aquele que, na discricção e no respeito, ajuda o outro em direção ao seu destino».⁹¹

Por outro lado, este é o método escolhido por Cristo para continuar a Sua presença no mundo: a Igreja, uma companhia guiada. «Tu és Pedro e sobre esta Pedra edificarei a minha Igreja.»⁹² A autoridade tem um valor fundador, genético: sem autoridade, não há comunidade, não há povo. Seguindo o exemplo de Dom Giussani, não há caminho cristão sem relação com a autoridade: «Verdadeiras autoridades para nós são as pessoas que nos envolvem com o seu coração, com o seu dinamismo e com o seu gosto nascidos da fé» e não da sua capacidade ou esforço. Com efeito, «quem é autoridade e responsável, reconhece-se à primeira vista; são pessoas que nós preferimos, porque as sentimos mais próximas da sua procura de maturidade cristã, da sua paixão de viver a comunidade e o seu caminho. O critério da preferência não é, como acontece tantas vezes, individualista ou instintivo; não nasce pelo ensejo dum gosto passageiro ou dum interesse fervoroso de programa, mas pelo ideal que se percebe ser mais vivido, ou pelo menos, mais desejado no outro».⁹³

Cada um decida o que prefere para si: amar a verdade mais do que a si mesmo, e portanto, seguir, ou ficar preso às suas próprias opiniões e perder o melhor pelo caminho: «O caminho do homem rumo à verdade e ao seu destino não está à mercê daquilo que pensa, ou daquilo que pensam os outros, ou da sociedade em que vive. É objetivo: não se trata de imaginar ou inventar, mas de seguir. [...] O caminho para a verdade, não obstante toda a sua fragilidade, incoerência, fragilidade, pode ser para o homem cheio de paz, se for um seguir alguém, como decisão afetiva por um destino que o torna verdadeiramente homem».⁹⁴

Viver assim é simples, está ao nosso alcance. Com efeito, «se uma pessoa deseja a verdade não se deixa deter pelos defeitos da pessoa que

⁹¹ A. Savorana, *Vita di don Giussani*, op. cit., p. 488.

⁹² *Mt* 16,13-19.

⁹³ L. Giussani, *Dall'utopia alla presenza (1975-1978)*, op. cit., pp. 59-60.

⁹⁴ L. Giussani, *O sentido de Deus e o homem moderno*, op. cit., p. 127.

segue, esta é como que o cofre, mas o ouro, a verdade, é uma outra coisa». Se, pelo contrário, uma pessoa não deseja a verdade, detém-se na aparência e então a forma, isto é, o invólucro, torna-se um túmulo. «A autoridade», sublinha Dom Giussani, «é uma experiência que vive. Não são palavras calorosas, ou intimidade de relações. E a verdade tem uma objetividade absoluta. Por isso, não existe afeição entre nós. Não existe afeição entre nós porque não há seguimento: e o fulcro é a autoridade. Não existe afeição a não ser no reconhecimento de uma verdade que nos é dada. O resto é sentimentalismo e intimismo. A afeição humana, aquela que constrói, o aderir ao Ser, é aquela que deriva do juízo de valor».⁹⁵

Mas a adesão à coisa que se reconheceu como verdadeira nunca é automática, não é como fazer uma adição, porque «tem um critério, tem uma almofada de ar como fundo: a liberdade».⁹⁶ O Papa Francisco fez esse apelo no seu discurso de Roma: «Dom Giussani nunca vos perdoaria se perdessem a liberdade».⁹⁷ Cada um de nós é chamado com toda a sua liberdade sempre em jogo. Dom Giussani nunca nos poupou ao uso da liberdade, como disse aos universitários em 1976: «Querem os instrumentos definidos, querem coisas para fazer? Mas isso, e só até certo ponto, era o que estava bem no liceu».⁹⁸ Ao tornarmo-nos adultos, «a consistência já não é a massa que caminha, não são as iniciativas a tomar, mas és tu, ou então, não é nada [terrível!]. Trata-se duma identidade e de um método: um método para enfrentar a vida e para exprimir esta identidade; é isto o adulto, que é criador na medida em que a sua consistência é a identidade e não as coisas que faz e que diz».⁹⁹

Magistério e seguimento; contemporaneidade e seguimento; acontecimento e liberdade: eis os marcos que sintetizam a estrada. A frescura e a vitalidade do carisma de Dom Giussani estão nesta capacidade de despertar constantemente a consciência pessoal a ponto de mover a liberdade. É aqui que temos a verificação do seu alcance para a vida da Igreja e do mundo. «O problema capital é o de reacender o domínio que a pessoa tem sobre si mesma. [...] Não pode ser um discurso, um debate. O verdadeiro problema é o ressurgimento da pessoa. E isto é uma tarefa de Sísifo; porque, ainda que todos estejam à espera disto, mais uma vez a pessoa, antes de ficar à mercê do mecanismo que tudo esmaga e tudo

⁹⁵ FCL, AMCL, fasc. CL/81, «Escola de Responsáveis de Collevalenza 17/19 de setembro de 1976».

⁹⁶ *Ivi*.

⁹⁷ Francisco, *Discurso ao Movimento de Comunhão e Libertação*, 7 de março de 2015.

⁹⁸ L. Giussani, *Dall'utopia alla presenza (1975-1978)*, op. cit., p. 76.

⁹⁹ *Ibidem*, p. 77.

desfaz, porque tudo dessacraliza, antes de estar livre deste mecanismo, [...] já tem que se ter reencontrado. Neste sentido, é uma Palavra que deve espalhar-se, que deve comunicar-se, que não pode deixar dormir, que deve catalisar a esperança. E é uma tarefa cujo ponto original é capilar; e capilar no sentido último do termo, porque está no indivíduo. As pessoas abandonadas, as pessoas arrancadas à sacralidade da sua origem, da sua constituição, dispensaram-se porque são manipuladas. Como arrancá-las à força de gravidade terrível, à força catalisadora terrível que têm os instrumentos daquele mecanismo?»¹⁰⁰ Este é um juízo sobre a condição humana que hoje se tornou mais dramaticamente verdadeiro, uma interrogação sobre a possibilidade de uma redenção que se tornou ainda mais urgente.

Cristo tem a pretensão de ser a resposta a este ponto original e capilar que é o indivíduo. Conscientes da necessidade desmesurada do nosso coração, gritamos, pedimos ao Único que pode reconstituir a nossa pessoa. «Olha, Senhor, a humanidade prostrada pela sua fragilidade mortal, e faz com que retome vida pela paixão do Teu único Filho»,¹⁰¹ rezamos neste tempo da Páscoa. E se estávamos distraídos enquanto ouvíamos estas palavras, agora que voltámos a ouvi-las, retomemos consciência do seu valor para nós. Assim, de novo conscientes da nossa necessidade, peça-mos a Deus para continuar a ter piedade de nós e nos dar de novo vida. Para nos reconduzir à verdade da nossa experiência, o Senhor dá-nos continuamente novos amigos (como o escritor encontrado na conferência), como que a dizer-nos: é possível também para ti. Imaginem como teria sido a vida dos fariseus que pensavam já saber, se tivessem seguido os novos, João e André. Que revolução! A mesma coisa pode acontecer entre nós.

¹⁰⁰ L. Giussani – G. Testori, *Il senso della nascita*, op. cit., pp. 112-113.

¹⁰¹ Oração inicial da Missa de Segunda-feira Santa segundo o rito romano.

SANTA MISSA

Liturgia da Santa Missa: 1 Pd 5,5b-14; Sl 88 (89); Mc 16,15-20

HOMILIA DE SUA EMINÊNCIA O CARDEAL GERHARD LUDWIG MÜLLER PREFEITO DA CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ

Caríssimos amigos,

Em primeiro lugar, deixai-me dizer da alegria de poder estar aqui convosco! Ou melhor – gostaria de dizer – a letícia de estar aqui convosco, como talvez dissesse de forma mais precisa o vosso fundador, Dom Gius-sani. Porque a alegria, aquela plena, está apenas na vitória definitiva, no Céu. Enquanto que, aqui na terra, nos é dada uma antecipação daquela alegria, na letícia. A letícia que o Senhor concede sempre ao coração daqueles que O seguem. A letícia de estar aqui convosco, caros amigos de Comunhão e Libertação, que quereis ser – que sois! – autênticos amigos de Jesus.

Seguir Jesus. Eis todo o nosso programa. «Uma presença no olhar», diz o programa dos vossos Exercícios. A Sua pessoa, presente no meio de nós, viva. Tão viva a ponto de atrair o nosso olhar, com os sinais do Seu agir. Tão amável a ponto de alcançar, como nenhum outro, o nosso coração. O nosso pobre coração, tão indigente, sempre tão à procura de algo, de Alguém que o tome inteiro. Porque o nosso coração quer tudo, exige tudo, não pode fazer nada senão pedir tudo. É a sua natureza, é feito para a totalidade: é feito para Deus! O nosso coração procura sempre Alguém que o tome, que o agarre totalmente. Somos feitos assim!

Nós seguimos Deus, seguimos Jesus, porque só Ele sabe tomar todo o nosso coração, como nenhum outro. Ninguém como Ele – às vezes com discrição, às vezes com força – sabe atrair a Si o nosso coração. Ninguém como Tu, Jesus, sabe tomar o meu coração! Ninguém me olha e me ama como Tu, Jesus!

É isto que São Pedro nos quer dizer, na sua Primeira Carta – que acabamos de ouvir – quando escreve que «Deus dá graças aos humildes». Deus dá os tesouros do Seu coração àqueles que esperam ser totalmente tomados. Deus dá-se todo àqueles que têm fome e sede de Alguém que saiba agarrar todo o seu coração. Deus concede-se apenas a quem está disposto a deixar-se tomar todo. Estar disposto a deixar-se tomar totalmente: esta é a primeira humildade. Esta é a humildade que Deus procura em cada homem. Este é o coração que Deus procura, quando nos olha. É este coração que Ele quer renovar em nós, em cada um de nós.

«Ele cuida de nós», continua São Pedro na sua carta. Todo o cuidado que Deus tem para com a nossa vida tem como objetivo gerar um coração assim. Deus procura corações que esperem ser totalmente tomados. E age para que, em nós, se gere cada vez mais um coração assim. Nunca está terminada a geração de um coração que espera ser todo tomado. Um coração assim é um estaleiro de obras sem fim. E Deus ama trabalhar num estaleiro assim. O próprio coração de Deus vive como um estaleiro sem fim, em que cada Pessoa Divina se dá, é tomada e se recebe totalmente da Outra. O próprio coração de Jesus é gerado por um amor assim: um amor que dá, que espera, que está aberto a receber sem fim. O coração de Jesus age para gerar corações assim. O Coração de Jesus entrega-se, aguarda e espera por cada um de nós.

«Pedro, tu amas-me?». Conhecemos bem esta pergunta que Jesus dirige a Pedro, penetrando-o. Cada um de nós deseja ser penetrado por perguntas assim. E ninguém, como Jesus, sabe penetrar o nosso coração. Porque, enquanto os Seus lábios pronunciam essas palavras, o Seu olhar revela-nos quão grande é o amor que Ele tem por nós. Um amor tão grande que sabe tomar todo aquele abismo que é o nosso coração!

Podemos imaginar a vida de Pedro: é o próprio Pedro que escreve aos primeiros cristãos, que guia as primeiras comunidades, primeiro em Jerusalém, depois em Antioquia e, finalmente, em Roma. «Pedro, tu amas-me?». Podemos imaginar Pedro que, dia após dia, se deixa cada vez mais encorajar pelo fogo desta pergunta e por aquele olhar, o olhar de Jesus, agora presente para sempre na sua vida. Mais presente do que nunca, impossível de eliminar da sua história. Tudo o que Pedro vivia, vivia-o encorajado pela Pessoa de Jesus, presente e vivo como antes, e mais do que antes.

Assim, Pedro torna-se cada vez mais Apóstolo, cada vez mais enviado pelo Senhor, cada vez mais encorajado pelo olhar e pelas palavras de Jesus: «Pedro, tu amas-me?». Assim, Pedro descobre que a missão é um evento que se renova cada dia, seguindo diariamente Jesus. Assim, Pedro descobre que toda a sua missão nasce do olhar misericordioso de Jesus. Pedro: que vê Jesus subir ao céu diante dos seus olhos, e depois O encontra presente ao longo dos passos de seu caminho. Pedro: que, quando era jovem, ia onde queria e, agora ancião, aprendeu o que significa estender os braços e deixar-se levar por caminhos não pensados e não queridos por ele. Pedro: que, chegado a Roma, compreendeu, então, como o caminho que é preciso percorrer cada dia – para que o coração seja todo tomado – é um caminho que ele não imaginou. Pedro: em cujo olhar está agora impressa de forma indelével a presença de Jesus e em cujo coração, indelével, há o desejo de se deixar tomar totalmente por Ele.

É este deixar-se tomar totalmente que torna o coração capaz de adoração autêntica, que quebra toda a forma viciada de poder, que renova a nossa afetividade, que corta as pernas à tentação de pechinchar com tudo aquilo que nos foi dado viver, que liberta em nós ondas de gratuidade, que nos dá de novo um gosto por tudo aquilo que é belo, verdadeiro, justo e bom.

É Jesus que nos torna homens finalmente livres, homens livres porque têm o coração livre, o coração todo tomado por Ele, que é amor e verdade sem fim!

Caros amigos, hoje, a Igreja convida-nos a celebrar a Festa de São Marcos Evangelista. Marcos – segundo a tradição – escreveu o seu evangelho em Roma, ditado por Pedro, de quem era fiel secretário. Lendo o Evangelho de Marcos, aparece a essencialidade e a concretude do caráter de Pedro. Este Evangelho é um evangelho dos factos, que nos coloca diante da factualidade da vida. A vida escorre com uma série de acontecimentos e, através desses acontecimentos, o Senhor da história escreve a sua história, entrelaça – com a sua liberdade – uma história com cada um de nós, com a liberdade de cada um de nós. Por isso nada do que acontece é banal. Tudo traz inscrito em si o Desígnio misterioso com o qual Deus conduz a história. Cada pequeno facto, evento e circunstância participa de uma grandeza misteriosa. Uma grandeza que Jesus, ressuscitado e ascenso ao Céu, tornado Senhor da história, confere a cada acontecimento, por pequeno ou insignificante que possa parecer. Graças à Páscoa de Jesus, cada detalhe da vida humana e do mundo traz em si a Sua presença, discreta e potente ao mesmo tempo.

No mistério da Ascensão de Jesus ao Céu atua-se e revela-se tudo isto. Também o Evangelho que acabámos de ler faz alusão a isso: alude a este «sentar-se de Jesus à direita de Deus», a esta tomada de posse de Jesus do seio de cada circunstância, do seio da criação, que «gema e sofre» pelas dores de um parto: o parto de um mundo renovado. Vós sabeis bem o quanto Dom Giussani tinha isto no coração, e como era bem claro para ele tudo isto.

Jesus, constituído pelo Pai como Senhor da história, exatamente através dos acontecimentos da vida, torna-se, deste modo, o grande interlocutor da nossa liberdade. Isto significa que a nossa liberdade, para agir – para ser renovada e dirigida ao bem – nunca pode saltar os eventos e as situações nas quais nos encontramos a viver. Isto significa que o caminho que o nosso coração deve percorrer, para se encontrar a si mesmo – para ser todo tomado –, é o caminho da obediência à concretude da vida, à rudeza dos factos, que frequentemente não correspondem àquilo que nós teríamos querido ou imaginado. É esta a via da Cruz, uma via já

traçada diante de nós, dentro das situações diárias, é a via da obediência quotidiana a um caminho que Deus esculpe ao som dos factos. Uma via que nos é pedido percorrer aceitando permanecer naquilo que acontece, por adverso ou favorável que possa nos parecer. Porque, para chegar a ser todo tomado por Jesus, o coração deve aceitar deixar-se tomar todo exatamente através daquilo que a vida nos pede.

É esta também a via da santidade. Uma santidade finalmente encontrada na sua adesão essencial à vida, graças à capacidade que a fé tem de nos apaixonar pela vida e de nos inserir, profunda e seguramente, dentro de tudo aquilo que acontece. Que nos faz tomar posse – quase como Jesus – do coração da realidade. É este também o traço mais belo e fascinante da vida cristã autêntica. Um traço que ninguém, hoje, sabe testemunhar como o Papa Francisco, que é como uma lâmpada de amor e de esperança posta diante de todos.

É exatamente esse vínculo tenaz à realidade que subtrai a santidade às caricaturas com que o poder deste mundo tenta sempre deformá-la. E torna-a finalmente desejável, finalmente atraente, como o pode ser uma vida verdadeiramente afortunada e cheia de dons. É esta a experiência que já fizeram tantos dos vossos amigos e companheiros de caminho. É esta a experiência que já estão a fazer tantos dos vossos amigos e companheiros de caminho. É esta a experiência que já estão a fazer tantos de vós – estou certo disso – alguns talvez escondidos dos demais.

Por isso a Igreja vos está grata. Por isso o próprio Jesus vos está grato. Por isso vos estamos gratos, gratos pelo “sim” quotidiano, pelo assentimento de coração que, a cada dia, dais a Jesus, quer seja escondido ou evidente este assentimento. Não vos preocupeis com colher logo. Preocupai-vos, pelo contrário, com semear bem, porque, no tempo certo, será o Senhor quem irá colher e mostrar a todos os bens que tiverdes acumulado no vosso coração. Preocupemo-nos com semear bem, junto com Aquele que – continuamente – semeia bem a verdade nos corações dos homens e que, segundo os tempos dos Seus desígnios, sabe colher e dar fruto!

Por isso, Ele nos poda, nos purifica e nos corrige, segundo a medida da Sua misericórdia. Por isso, Ele nos muda e nos convida a nos deixarmos mudar. Segundo a medida cada vez maior à qual nos convida, à qual convida o nosso coração, para que seja sempre cada vez mais todo tomado. Porque o coração deseja ser cada vez mais agarrado, cada vez mais abraçado, segundo uma medida sem fim. Segundo uma medida que, em nós, nunca terminou de se realizar.

Sei que Dom Giussani definia a misericórdia de Deus como «uma justiça que recria» o homem. É assim! O Senhor toma-nos assim como

somos, mas não nos deixa como nos encontra, e muda-nos, segundo a medida exigente do Seu amor. Porque a Sua graça não nos justifica do alto, deixando-nos como somos, mas é um dom que entra em nós e nos transforma, nos renova segundo as dimensões cada vez amplas para as quais o Seu Espírito nos conduz.

É este também o meu desejo para todos vós. O desejo e a oração para que o vosso coração e a vossa humanidade cresçam e se dilatam cada vez mais: segundo as medidas sem fim que a nossa própria natureza deseja, segundo os horizontes grandes que a Igreja nos escancara, segundo os desígnios bons e misteriosos que o próprio Jesus vai realizando para nós.

Trabalhai para isto, rezai por isto, estai dispostos a oferecer-vos por isto. Tereis Deus como prêmio.

Amén!

ANTES DA BÊNÇÃO

Julián Carrón. Eminência caríssima, é um prazer tê-lo aqui hoje. Conheço o Cardeal Müller de velha data, porque costumava ir à faculdade de Madrid para dar cursos de teologia, há muitos anos. É uma alegria recebê-lo e poder agradecer-lhe a sua disponibilidade para presidir a esta Santa Missa dos nossos Exercícios.

Agradecemos-lhe também pelo seu delicado serviço de custódia inestimável da riqueza da fé do povo cristão através do seu ministério, empregado ao serviço da fé e do Santo Padre.

Agradecemos-lhe de modo particular, porque a sua presença aqui, hoje, renova a alegria do vínculo com a paternidade do Papa Francisco, que teve a ocasião de se manifestar, de modo comovente, na recente audiência do dia 7 de março, em Roma. Nós desejamos segui-lo e servi-lo com tudo o que somos, afetiva e efetivamente, como sempre nos testemunhou Dom Giussani no seu vínculo com Pedro.

Obrigado, caríssima eminência.

Cardeal Müller. Permitti-me algumas palavras de agradecimento. O meu primeiro pensamento agradecido é dirigido a Dom Giussani. Do “sim” do seu coração a Jesus nasceu este povo numeroso. É impressionante pensar nos milagres que o coração de um homem pode operar quando diz, com totalidade, “sim” a Jesus.

O meu segundo “obrigado” é dirigido a todos vós, porque sem o vosso “sim”, sem o “sim” de cada um de vós a Jesus, este povo não existiria. Nenhum de vós está escondido aos olhos de Jesus: todos vós, um por um,

sois importantes para Ele! Obrigado pela vossa fé e pelo vosso testemunho a todo o mundo de hoje.

Deixai que Jesus alcance a periferia do vosso coração e sereis capazes de levá-Lo a qualquer lugar, até às extremas periferias do mundo – como nos pede o Papa Francisco –, até aos extremos confins da terra, aos confins da existência humana – como nos pede Jesus.

O meu último obrigado, *last but not least*, é dirigido ao Padre Julián Carrón, pela sua amizade *desde Madrid* (desde os tempos de Madrid; por isso, o digo em espanhol), e por me ter convidado a vir aqui rezar convosco. Agradeço também pela forma humilde e segura com a qual conduz as vossas comunidades. A sua humildade e a sua fé segura são notórias para todos vós e todos nós: dão um grande e bom exemplo de cristianismo vivo, de testemunho pessoal de Jesus Cristo.

Obrigado, também em nome da Igreja, por tudo o que sois e viveis! E rezai por mim! São palavras bem conhecidas do Santo Padre Francisco, que sempre pede a oração do povo de Deus, de quem ele é o supremo pastor, estabelecido pelo próprio Jesus Cristo, pelo nosso Salvador.

Ontem, estive em audiência com o Santo Padre e falei-lhe deste encontro, desta missa de hoje, por ocasião dos Exercícios: ele pediu-me para trazer a todos vós as suas cordiais saudações e sua bênção!

Sábado, 25 de abril, tarde

À entrada e à saída:

Ludwig Van Beethoven, Concerto para violino e orquestra em ré maior, op. 61

David Oistrakh, violino

André Cluytens Orchestre National de la Radiodiffusion Française

“Spirto Gentil” n. 6, EMI

Julián Carrón. Esta manhã surgiu com clareza a nossa necessidade de nos descentramos de nós mesmos e a urgência de Cristo, de uma mão que O ofereça agora. Quem melhor do que Dom Giussani nos testemunhou o que significa viver com esta Presença no olhar? E haverá coisa melhor do que ouvi-lo dizer qual é a natureza do carisma, para nos reconduzir – como fazia sempre – ao centro, isto é, a Cristo?

Por isso, pensamos que a melhor coisa para o recordar, dez anos depois da sua morte, era talvez vermos juntos o vídeo da intervenção de Dom Giussani nos Exercícios Espirituais dos universitários do movimento, em 1994, que foi publicado com o título *Reconhecer Cristo*.

■ SEGUNDA MEDITAÇÃO

Luigi Giussani

*Reconhecer Cristo**

A meditação desta manhã acabava com a frase expressiva de Kafka: «Existe um ponto de chegada, mas não há nenhum caminho».¹ É inegável: existe um desconhecido (os geógrafos antigos quase traçavam uma analogia deste ignoto com a famosa «terra incógnita» com que terminavam os seus mapas; nas margens do mapa escreviam: «terra incógnita»). Nas margens da realidade que o olhar abraça, que o coração sente, que a mente imagina, existe um ignoto. Todos o reconhecem, sempre o reconheceram. De tal forma os homens de todos os tempos o reconheciam que até o imaginaram. Desde sempre que os homens, através das suas elucubrações e fantasias

* Meditação feita durante os Exercícios Espirituais dos universitários de Comunhão e Libertação (Rimini, 10 de dezembro de 1994), agora publicada no volume: L. Giussani, *Il tempo e il tempio. Dio e l'uomo*, Bur, Milão, 2014, pp. 37-74.

¹F. Kafka, «Gli otto quaderni in ottavo», in *Confessioni e diari, Terzo quaderno*, Mondadori, Milão 1972, p. 716.

procuraram imaginar, fixar o rosto desse ignoto. Tácito, na *Germânia*, descrevia assim o sentimento religioso que caracterizava os antigos teutônicos: «*secretum illud quod sola reverentia vident, hoc deum appellant*»² (aquela coisa misteriosa que eles intuía com temor e tremor, a isto chamavam Deus, a isto chamam Deus). Todos os homens de todos os tempos, independentemente da imagem que lhe fizeram, *hoc deum appellant*, chamam Deus a este ignoto pelo qual passam os olhos, muitas vezes indiferentes, mas também muitas vezes apaixonados. Indubitavelmente, entre os apaixonados estão aqueles trezentos, que com o cardeal Martini desfilarão no trajeto de S. Carlos até à Catedral de Milão. Trezentos representantes de diferentes religiões! Como é que se pode chamar, com um denominador comum, aquilo que queriam expressar e honrar com a sua participação na grande iniciativa do cardeal de Milão? Um *secretum illud*, algo de misterioso, terra incógnita, algo de não conhecido – não conhecido!

Apraz-me recordar aqui uma comparação que se encontra no segundo volume da Escola de Comunidade³ (quem já a leu, lembra-se dela). Imaginem o mundo humano como uma imensa planície, e nesta planície uma imensa quantidade de escritórios, de empresas de construção, particularmente vocacionadas para fazer estradas e pontes. Cada uma na sua posição, a partir do seu ângulo, tenta construir, entre o ponto onde está, entre o momento efêmero que vive, e o céu sarapintado de estrelas, uma ponte que ligue os dois extremos, segundo a imagem de Victor Hugo na sua bela poesia *Les Contemplations* intitulada «Le Pont».⁴ Imaginem, sentado na praia à noite, numa noite estrelada, um indivíduo, um homem que olha, que fixa a estrela maior, aparentemente a mais próxima, e pensa nos milhares de arcos que é preciso para construir esta ponte, uma ponte que nunca se define,

² Tacito, *Germania*, IX, 2.

³ L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*, Verbo, Lisboa, 2002.

⁴ «J'avais devant les yeux les ténèbres. L'abîme / Qui n'a pas de rivage et qui n'a pas de cime, / Était là, morne, immense; et rien n'y remuait. / Je me sentais perdu dans l'infini muet. / Au fond, à travers l'ombre impénétrable voile, / On apercevait Dieu comme une sombre étoile. / Je m'écriai: – Mon âme, ô mon âme! il faudrait, / Pour traverser ce gouffre où nul bord n'apparaît, / Et pour qu'en cette nuit jusqu'à ton Dieu tu marches, / Bâti un pont géant sur des millions d'arches. / Qui le pourra jamais? Personne! ô deuil! effroi! / Pleure! – Un fantôme blanc se dresse devant moi / Pendant que je jetais sur l'ombre un œil d'alarme, / Et ce fantôme avait la forme d'une larme; / C'était un front de vierge avec des mains d'enfant; / Il ressemblait au lys que sa blancheur défend, / Ses mains en se joignant faisaient de la lumière. / Il me montra l'abîme où va tonte poussière, / Si profond que jamais un écho n'y répond; / Et me dit: – Si tu veux je bâtirai le pont. / Vers ce pâle inconnu je levai ma paupière. / – Quel est ton nom? lui dis-je. Il me dit: – La prière.» (V. Hugo, «Le pont», in *Les Contemplations*, Garnier Frères, Paris 1969, p. 335)

que não é nunca possível construir. Imaginem então, nesta planície imensa, apinhada de grupos grandes e pequenos, ou até de pessoas solitárias, como na imagem de Victor Hugo, cada um tentando construir o seu desenho imaginado, fantástico. De repente ouve-se na imensa planície uma voz potente que diz: «Parem! Parem todos!». E todos os operários, engenheiros, arquitetos suspendem o trabalho e olham para o lado de onde veio a voz: é um homem que, levantando o braço, diz: «Vocês são grandes, são nobres no vosso esforço, mas esta vossa tentativa, apesar de grande e nobre, é triste, e por isso tantos homens vos recusam e não querem saber de vocês, e tornam-se indiferentes; é grande, mas triste, porque nunca realiza o seu fim, nunca consegue ir até ao fundo. Vocês são incapazes de o fazer porque são impotentes diante deste objetivo. Existe uma desproporção que não é colmatável entre vocês e a última estrela do céu, entre vocês e Deus. Vocês não podem imaginar o mistério. Por isso, deixem o vosso trabalho tão cansativo e ingrato, venham atrás de mim: eu construir-vos-ei esta ponte, ou melhor, *eu sou* esta ponte! Porque *eu sou o caminho*, a verdade, a vida!». ⁵

Estas coisas não se percebem no seu rigoroso valor intelectual, se não nos identificarmos com elas, se não procurarmos identificar-nos com o coração. Imaginem vocês, por isso, que, no alto das dunas perto do mar, veem um ajuntamento de pessoas da aldeia vizinha que estão ali a ouvir um daqueles homens que fala em público e que está ali no meio do grupo a falar; e vocês passam a caminho da praia para onde querem ir; passam ali ao lado e enquanto passam olham curiosos, ouvem o indivíduo que está no meio e que diz: «Eu sou o caminho, a verdade, a vida. Eu sou o caminho, a verdade...»: o caminho que não se pode conhecer, de que falava Kafka; «Eu sou o caminho, a verdade, a vida». Imaginem, façam um esforço de imaginação, de fantasia: o que é que fariam, o que é que diriam? Por mais cétricos que possam ser, não podem deixar de sentir os vossos ouvidos atraídos para aquelas bandas, e no mínimo olham com extrema curiosidade aquele indivíduo que ou é louco ou é verdadeiro: *tertium non datur*, ou é louco ou é verdadeiro. De facto, existiu um só homem, um, a dizer esta frase, um homem em toda a história do mundo – do mundo! –, de tal forma é verdade. Um homem no meio de um grupinho de pessoas, tantas vezes no meio de um grupinho de pessoas, e tantas vezes também no meio de uma grande multidão.

Portanto, na grande planície todos suspendem o trabalho e ficam atentos a esta voz, e ele repete continuamente as mesmas palavras. Os primeiros a ficarem incomodados com a questão, quem é que foram? Os engenheiros,

⁵ Cfr. *Jo* 14,6.

os arquitetos, os donos das várias empresas de construção, que disseram quase imediatamente: «Vamos, vamos, rapazes, ao trabalho. Operários, ao trabalho! Aquele homem é um fanfarrão!». Era a alternativa radical, *tranchant*, ao seu projeto, à sua criatividade, ao seu rendimento, ao seu poder, ao seu nome, a si próprios. Era a alternativa a si mesmos. Depois, os engenheiros, os arquitetos e os chefes, e também os operários, começando a rir um pouco, com alguma dificuldade desviaram o olhar daquele indivíduo, comentando-o um bocado, gozando-o ou dizendo: «Quem será, quem será este, será louco?». Mas alguns, pelo contrário, não. Alguns ouviram uma palavra que nunca tinham ouvido, e ao engenheiro, ao arquitecto e ao dono da obra que lhes dizia: «Vamos, rápido, o que é que estão a fazer aqui, o que é que vos deu para estarem ainda a olhar para ali?», eles não respondiam; continuavam a olhá-lo. E ele avançava. Aliás, eles é que se aproximaram deles. Dos cento e vinte mil estes eram doze. Mas isto acontece: *este é um facto histórico*.

Aquilo que Kafka diz («nenhum caminho») não é historicamente verdadeiro. Poder-se-ia dizer, paradoxalmente, que é verdadeiro teoricamente, mas não é verdadeiro historicamente. O mistério não se pode conhecer! Isto é verdadeiro teoricamente. Mas se o mistério bate à tua porta... «A quem me abre eu entrarei e jantarei com ele»;⁶ são palavras que se leem na Bíblia, palavras de Deus na Bíblia. Mas é um facto que aconteceu.

E o primeiro capítulo de São João, que é a primeira página literária que fala disso, além do anúncio geral «O Verbo fez-se carne», – aquilo de que toda a realidade é feita, fez-se homem -, contém a memória daqueles que o seguiram logo, que resistiram à ordem dada pelos engenheiros, pelos arquitetos. Numa folha, um deles anotou as primeiras impressões e os traços do primeiro momento em que o facto aconteceu. O primeiro capítulo de São João, de facto, tem uma série de apontamentos de memória. Um dos dois, já velho, lê na sua memória os apontamentos que guardou, já que a memória tem a sua lei. A memória não tem como lei uma continuidade sem espaços, como é por exemplo numa criação fantástica, de fantasia; a memória «toma notas», literalmente, como nós fazemos agora: uma nota, uma linha, um ponto, e este ponto cobre tantas coisas, de tal forma que a segunda frase parte depois de tantas coisas supostas pelo primeiro ponto. Estas coisas são mais supostas que ditas, algumas são apenas ditas como pontos de referência. Por isso, nos meus setenta anos de idade releio isto pela milésima vez, e sem qualquer sinal de cansaço. Desafio-vos a imagina-

⁶ Act 3,20.

rem uma coisa que é em si mais grave, mais pesada, no sentido de *pondus*, maior, mais cheia de desafio para a existência do homem na sua fragilidade aparente, mais grave de consequências na história, do que esta, do que este facto.

«Naquele dia João ainda estava ali com dois discípulos. Fixando o olhar em Jesus que passava disse...» Imaginem a cena. Há 150 anos que o esperavam. Finalmente o povo hebraico, que sempre, desde toda a sua história, de há dois milénios, tinha tido algum profeta, alguém reconhecido profeta por todos, depois de 150 anos finalmente o povo hebraico voltou a ter um profeta: chamava-se João Baptista. Outros escritos da antiguidade falam dele. É por isso documentado historicamente. Toda a gente – ricos e pobres, publicanos e fariseus, amigos e adversários – ia ouvi-lo e ver o modo como vivia, para lá do Jordão, em terra deserta, de lagartos e de ervas selvagens. Tinha sempre um grupo de pessoas à volta. Entre estas pessoas, naquele dia estavam também dois que iam pela primeira vez e vinham, digamos, do campo – ou melhor, vinham do lago que ficava bastante longe e estava fora da área das cidades evoluídas. Estavam ali como dois camponeses que vêm pela primeira vez à cidade, pasmados, que olhavam com os olhos arregalados tudo o que estava à volta e sobretudo olhavam-nos a ele. Estavam ali com a boca aberta e os olhos escancarados a olhá-lo, a ouvi-lo, atentíssimos. Inesperadamente, um dos do grupo, um homem jovem, levanta-se e vai pelo caminho junto ao rio em direção ao Norte. E João Baptista, de repente, fixando-o grita: «Eis o Cordeiro de Deus, eis aquele que tira o pecado do mundo!». Mas as pessoas não se espantaram, estavam habituadas a ouvir o profeta exprimir-se, de vez em quando, com frases estranhas, incompreensíveis, sem nexos, sem contexto; por isso, a maior parte dos presentes não fez caso. Os dois que vinham pela primeira vez, que estavam ali suspensos dos seus lábios, que olhavam com os olhos dele, que seguiam os seus olhos aonde quer que ele dirigisse o olhar, viram que fixava aquele indivíduo que se ia embora e puseram-se a ir atrás dele. Seguiram-no à distância, por temor, por vergonha, mas estranhamente, profundamente, obscuramente e sugestivamente curiosos. «Aqueles dois discípulos ouvindo-o falar assim, seguiram Jesus. Jesus voltou-se e vendo que o seguiam disse: “Que procuram?”. Responderam-lhe: “Rabbi, onde moras?”. Disse-lhes: “Vinde ver”». É esta a fórmula, a fórmula cristã. O método cristão é este: «Vinde ver». «E foram, e viram onde morava, e ficaram junto dele o resto do dia. Era por volta das quatro da tarde». São João não especifica quando partiram, quando foram atrás dele; todo o trecho, até o seguinte, está feito de apontamentos, como dizia antes: as frases terminam num ponto que dá por subentendidas tantas coisas. Por exemplo:

«Era por volta das quatro da tarde», mas, quem sabe, quando é que se foram embora, até quando estiveram ali? Seja como for, eram as quatro da tarde. Um dos dois que tinha ouvido as palavras de João Baptista e o tinha seguido chamava-se André, era o irmão de Simão Pedro. Quem ele encontrou primeiro foi o seu irmão Simão, que vinha da praia, voltava ou da pescaria ou de remendar as redes necessárias ao pescador, e disse-lhe: «Encontrámos o Messias». Não narra nada, não cita nada, não documenta nada, é mais que sabido, é claro, são apontamentos de coisas que todos sabem! Poucas páginas se podem ler assim tão realisticamente verdadeiras onde nem uma palavra é acrescentada à pura recordação.

Como foi possível dizer: «Encontrámos o Messias»? Jesus, falando com eles, terá dito esta palavra, que existia no seu vocabulário; porque dizer que aquele era o Messias, tão seguramente como dizer «dois e dois igual a quatro», teria sido impossível. Mas vê-se que, estando ali horas a ouvir aquele homem, observando-o, vendo-o falar – quem é que falava assim? Quem é que alguma vez falou assim? Nunca se ouvira! Nunca se viu alguém assim! –lentamente, dentro do ânimo deles avançava a expressão: «Se não creio neste homem não creio em mais ninguém, nem mesmo nos meus próprios olhos». Não que o tenham dito, não que o tenham pensado, sentiram-no, não o pensaram. Aquele homem terá talvez dito, entre outras coisas, que ele era aquele que devia vir, o Messias que devia vir. Mas foi tão óbvio na excecionalidade do anúncio (da afirmação), que eles levaram esse anúncio consigo como se fosse uma coisa simples – era uma coisa simples! -, como se fosse uma coisa fácil de perceber.

«E André levou-o a Jesus. Jesus fixando o olhar sobre ele disse: “Tu és Simão, o filho de João. Chamar-te-ás Cefas que quer dizer pedra”.» Os hebreus costumavam mudar o nome ou para indicar o carácter da pessoa ou então por alguma coisa que acontecia. Portanto, imaginem Simão que vai com o irmão, cheio de curiosidade e com um pouco de temor, e que olha fixamente aquele homem que é levado pelo irmão. Aquele homem que o fixa de longe. Pensem no modo como ele o fixava, que deu para perceber o seu carácter até à medula dos ossos: «Chamar-te-ás pedra». Pensem naquele que se sente olhado assim por um homem que nunca tinha visto, totalmente estranho, que se sente tocado no mais profundo de si. «No dia seguinte Jesus tinha decidido partir para a Galileia...» O resto leem vocês. É meia página feita assim, destes breves apontamentos e destes pontos em que tudo o que aconteceu está subentendido que todos o sabiam, que era evidente para todos.

«Existe um ponto de chegada, mas não existe o caminho.» Não! Um homem que disse: «Eu sou o caminho» é *um facto histórico que aconteceu*,

cuja primeira descrição está nesta meia página que comecei a ler. E cada um de nós sabe que aconteceu. Nada aconteceu no mundo que seja tão impensável e excepcional como aquele homem de que estamos a falar: Jesus de Nazaré.

Mas aqueles dois, os dois primeiros, João e André – André era casado e tinha filhos, muito provavelmente – como foi possível ficarem logo conquistados e logo o reconhecerem? (não existe outra palavra para dizer que não seja reconhecer)? Direi que, se este facto aconteceu, reconhecer aquele homem, quem era aquele homem, não quem era aquele homem até ao fim e detalhadamente, mas reconhecer que aquele homem era alguma coisa de excepcional de não comum – era absolutamente não comum –, irredutível a qualquer análise, reconhecer isto devia ser fácil. Se Deus se tornasse homem, vivesse no meio de nós, se viesse gora, se se encontrasse entre a multidão, se estivesse aqui entre nós, reconhecê-lo, *a priori* digo, deveria ser *fácil*: fácil reconhecê-lo no seu valor divino. Porque é que é fácil reconhecê-lo? Por uma *exceccionalidade*, por uma exceccionalidade sem comparação. Eu tenho diante de mim uma exceccionalidade, um homem excepcional, sem comparação. O que é que quer dizer excepcional? O que é que querará dizer? Porque é que te impressiona o excepcional? Porque é que sentes «exceccional» uma coisa excepcional? Porque *corresponde* às expectativas do teu coração, por mais confusas e enubladas que possam ser. Corresponde logo – logo! – corresponde às exigências da tua alma, do teu coração, às exigências irresistíveis, inegáveis do teu coração como jamais terias podido imaginar, prever, porque não há ninguém como aquele homem. Quer dizer, o excepcional, é, paradoxalmente, o surgir daquilo que é mais natural para nós. O que é que é natural para mim? Que aquilo que desejo aconteça. Não há nada mais natural do que isto! Que aquilo que mais desejo aconteça: isto é natural. Esbarrar com qualquer coisa de absolutamente e profundamente natural, porque correspondente às exigências do coração que a natureza nos deu, é uma coisa absolutamente excepcional. É como uma estranha contradição: o que acontece nunca é excepcional, verdadeiramente excepcional, porque não consegue responder adequadamente às exigências do coração. Toma-se como exceccionalidade quando alguma coisa faz bater o coração por uma correspondência que se crê de um certo valor e que no dia seguinte se contradiz, e que o ano seguinte anulará.

É a exceccionalidade com que aparece a figura de Cristo que torna fácil o reconhecê-lo. É preciso identificarmo-nos, disse eu, é necessário o identificar-se com estes acontecimentos. Se se pretende ajuizá-los, se se quer ajuizá-los, não digo percebê-los, mas ajuizá-los substancialmente, se são verdadeiros ou falsos, é a sinceridade da tua identificação que torna verda-

deiro o verdadeiro e não falso, que torna verdadeiro o teu coração e não duvidoso do verdadeiro. É fácil reconhecê-lo como presença divina porque é excecional: corresponde ao coração, e uma pessoa *quer ficar* e nunca mais se quer ir embora, que é o sinal da correspondência com o coração. Nunca mais se quer ir embora, e segui-lo-ia toda a vida – e de facto seguiram-no os outros três anos que ele viveu.

Mas imaginem aqueles dois que o estão a ouvir durante algumas horas e que depois deviam voltar para casa. Ele despede-se deles, e eles voltam para casa calados porque invadidos pela impressão tida pelo mistério sentido, pressentido, ouvido, e depois separam-se. Cada um vai para sua casa. Não se despedem, não porque normalmente não se despeçam, mas despedem-se de outro modo, saúdam-se sem se saudarem porque estão cheios da mesma coisa, são uma coisa só, eles os dois, a tal ponto estão cheios da mesma coisa. E André entra na sua casa e tira o manto, e a mulher diz-lhe: «Mas, André, que tens? Estás diferente, o que é que te aconteceu?». Imaginem que desata num pranto abraçando-a, e que ela, desconcertada, continua a perguntar: «Mas o que é que tens?». E ele a abraçar a sua mulher, que nunca se tinha sentido abraçada assim em toda a sua vida: era outro. Era outro! Era ele, mas era outro. Se lhe tivessem perguntado: «Quem és?», teria dito: «Percebo que me tornei noutro... depois de ter ouvido aquele indivíduo, aquele homem, eu tornei-me noutro». Rapazes, isto, sem grandes subtilidades, aconteceu.

Não só é fácil reconhecê-lo, foi fácil reconhecê-lo na sua excecionalidade – porque «se eu não posso crer neste homem não posso crer em mais nada» -,⁷ mas foi também fácil compreender que tipo de moralidade, isto é, que tipo de relação nascia dele: porque a moralidade é a relação com a realidade enquanto criada pelo mistério, é a relação justa, ordenada, com a realidade. Foi fácil, foi-lhes fácil compreender quanto era fácil a relação com ele, e segui-lo, o ser coerentes com ele, o ser coerentes à sua presença – coerentes à sua presença.

Há uma outra página de São João que diz estas coisas de uma forma espetacular: é o último capítulo do seu evangelho, o vigésimo primeiro. Naquela manhã o barco estava a chegar à margem e não tinham apanhado peixe. A algumas centenas de metros da margem deram conta de um homem que estava ali, direito – tinha preparado uma fogueirita, via-se a cem metros – e interpelou-os de um modo que agora não pormenorizo. João disse primeiro: «Mas é o Senhor!»; e São Pedro logo se lança no lago e em quatro braçadas chega à margem: e é o Senhor. Entretanto chegam

⁷ Cfr. L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*, op. cit., pp. 65 e 83.

os outros e ninguém fala. Põem-se todos em círculo, ninguém fala, todos calados, porque todos sabiam que era o Senhor ressuscitado: já tinha morrido, e já se tinha feito ver a eles depois de ter ressuscitado. Tinha preparado peixe assado para eles. Todos se sentam, comem. No silêncio quase total que reinava na praia, Jesus, estendido, olhou o seu vizinho, que era Simão Pedro; fixou-o, e Pedro sentiu, imaginemos como sentiu o peso daquele olhar, porque se recordava da traição de poucas semanas antes, e de tudo o que tinha feito – a ponto de Cristo lhe ter chamado Satanás: «Afasta-te de mim Satanás, escândalo para mim, para o destino da minha vida» -,⁸ recordava-se de todos os seus defeitos, porque quando se erra gravemente uma vez, vem à mente também tudo o resto, até aquilo que é menos grave. Pedro sentiu-se como que esmagado sob o peso da sua incapacidade, da sua incapacidade de ser homem. E aquele homem ali ao lado abre a boca e diz-lhe: «Simão [imaginem como Simão deve ter tremido], tu amas-me?». Mas se vocês procurarem identificar-vos com esta situação, tremam agora pensando nela, só de a pensar, pensando nesta cena assim tão dramática; dramática pois é tão descritiva do humano, expositiva do humano, exaltadora do humano, porque o drama é aquilo que exalta os fatores do humano, é só a tragédia que o aniquila. O niilismo leva à tragédia, este encontro com Cristo traz consigo o drama da vida, porque o drama é a relação vivida entre um eu e um tu. Então, como um respiro, respondeu como um respiro: a sua resposta foi apenas notada como um respiro. Não ousava, mas...: «Não sei como; sim, Senhor, eu amo-te; não sei como, mas é assim» (como dizia o vídeo que alguns de nós vimos há poucas semanas).⁹«Sim, Senhor. Não sei como, não posso dizer-te como, mas...»

Enfim, era fácilimo o lidar com ele, o viver a relação com aquele homem, bastava aderir à simpatia que fazia nascer, uma *simpatia profunda*, semelhante àquela vertiginosa e carnal que é a da criança com a sua mãe, que é simpatia no sentido intenso do termo. Bastava aderir à simpatia que fazia nascer. Porque depois de tudo o que lhe tinha feito e da traição, ouviu dizer: «Simão, tu amas-me?». Por três vezes. E ele duvidou à terceira vez, talvez houvesse uma dúvida na pergunta, e respondeu mais amplamente: «Senhor, tu sabes tudo, tu bem sabes que te amo. A minha simpatia humana é para ti; a minha simpatia humana é para ti, Jesus de Nazaré».

⁸ Cfr. *Mc* 8,33.

⁹ As imagens e os textos do vídeo foram publicados como «“Simão, amas-me?”. Imagens sobre Jesus e Pedro com excertos de comentários de Luigi Giussani», *30Giorni*, fevereiro de 1995, pp. 41-56.

Aprender de uma excecionalidade está dentro duma simpatia: isto é, da lógica do conhecimento e da lógica da moralidade que a convivência com aquele indivíduo tornavam necessárias. Aprender é uma simpatia última. Como para a criança com a sua mãe, que pode errar mil vezes por dia, cem mil vezes por dia, mas se a levam para longe da sua mãe, cuidado! Se pudesse perceber a pergunta: «Amas esta mulher?», e pudesse responder, pensem que espécie de «sim» gritaria. Quanto mais errasse, tanto mais berriaria «sim», para o afirmar. Falo como homem para homens que, sendo jovens, têm menos preconceitos; ou melhor, estão atulhados de preconceitos e dos grandes.

Qual é no fundo, então, o que a moralidade da simpatia em relação a ele exige que tu esperes, que tu realizes? *Observá-lo*, ou seja, aquele observar ativo que se chama seguir. *Segui-lo*. E na verdade voltaram a ele no dia seguinte, ele voltou com eles no terceiro dia, porque vivia numa aldeia vizinha. Começou a ir à pesca com eles, e à tarde ia ter com eles à praia quando consertavam as redes. E quando ele, de vez em quando, ia às aldeias do interior, passava por eles e dizia: «Vêm comigo?», alguns iam, outros não, depois acabavam por ir todos. Acabavam por ir algumas horas, depois mais horas, depois o dia inteiro, porque ele começava a passar fora também as noites, e seguiam-no, esqueciam-se da própria casa... Não esqueciam a própria casa! Era qualquer coisa maior do que a própria casa, era qualquer coisa de onde a própria casa nascia, de onde o seu amor à mulher nascia, que podia salvar o amor com que olhavam os filhos e os viam com preocupação tornar-se grandes, era qualquer coisa que salvava tudo isto mais do que as suas paupérrimas forças e a sua pequeníssima imaginação. O que é que eles podiam fazer? Diante das tremendas carestias do ano, ou diante dos perigos com que os filhos esbarravam? Foram atrás dele! Todos os dias ouviam o que ele dizia, toda a gente estava ali com a boca aberta, e eles com a boca ainda mais aberta. Não se cansavam de ouvi-lo.

E depois era bom. «Agarrou numa criança, apertou-a ao peito e disse: “Ai daquele que arrancar um cabelo à mais pequena destas crianças”»,¹⁰ e não se referia ao não fazer mal físico à criança, que até um certo ponto há sempre uma repugnância em fazer – agora não, e não é o último sinal triste dos tempos -, mas falava do escândalo feito às crianças, que, embora ninguém o pense, é fazer-lhe mal. Era bom. Quando viu aquele funeral quis logo saber: «Quem é?». «É um adolescente, a quem morreu há pouco o pai.» E a sua mãe gritava e gritava, e gritava atrás do fêretro, não como era costume na altura, mas como é costume na natureza do coração de uma

¹⁰ Mt 18,2-6 e Mc 9,36-42.

mãe, que livremente se exprime. Deu um passo na direção dela e disse-lhe: «Mulher, não chores!». ¹¹ Mas existe alguma coisa de mais injusto do que dizer a uma mulher a quem morreu o filho, a uma mulher sozinha: «Mulher, não chores»? E no entanto era o sinal de uma compaixão, de uma afeição, de uma participação na dor desmesurada. Disse ao filho: «Levanta-te!». E restituiu-lhe o filho. Mas não podia restituir-lhe o filho sem dizer nada: teria ficado na sua gravidade de profeta e taumaturgo, de homem dos milagres. «Mulher, não chores», disse. E restituiu-lhe o filho. Mas disse-lhe primeiro: «Mulher, não chores».

Imaginem que por um ano, ou dois, ouvi-lo assim todos os dias, senti-lo assim bom, senti-lo assim potente sobre a natureza, que a natureza estava como que ao seu serviço. E naquela tarde foi no barco com eles, e fez-se a noite. A um certo momento, levanta-se um vento impetuoso, uma tempestade terrível desencadeia-se imprevisivelmente no lago de Genesaré, e quase que se afundavam a pique. O barco estava cheio de água, ele dormia, de tal maneira estava cansado que nem sequer ouvia a tempestade e dormia à poupa. Um deles disse: «Mestre, acorda, acorda, que vamos a pique!». E Ele levantou a cabeça, estendeu a mão e «ordenou ao vento e ao mar, e fez-se de repente uma grande bonança». Aqueles homens – termina o Evangelho -, aqueles homens amedrontados, diziam entre eles: «*Quem é este?*». ¹²

Esta pergunta inicia na história do mundo, até ao fim do mundo, o problema de Cristo. Esta pergunta – precisa – encontra-se no oitavo capítulo do Evangelho de São Lucas. Era gente que o conhecia muitíssimo bem, que conhecia a família, conheciam-no como as suas próprias mãos, iam atrás dele, tinham abandonado as próprias casas! Mas era de tal forma desproporcionado o modo de agir daquele homem, de tal forma inconcebível, de tal forma soberano, que acontece espontaneamente os seus amigos dizerem: «*Quem é este?*». «*O que há por detrás disto?*». Não existe nada que o homem mais deseje que esta «incompreensibilidade». Não existe nada que o homem deseje mais ardentemente, seja ainda timidamente sem se dar conta, do que esta presença inexplicável. Porque Deus é isto. Este é o sinal e a relação com o mistério. De facto, é a mesma pergunta que lhe fizeram os seus inimigos, no fim, antes de o matarem. Poucas semanas antes de o matarem, discutindo com Ele, disseram-lhe: «*Até quando nos manténs com a respiração suspensa – literalmente -, diz de onde vens e quem és tu?*». ¹³ Tinham a registo, era alguém de quem conheciam o registo, há trinta e três

¹¹ Lc 7,11-13.

¹² Cfr. Mt 8,23-27 e Lc 8,22-25.

¹³ Jo 10,24.

anos. De nenhum homem no mundo nós podemos dizer: «Quem é este que faz isto?», impressionados pelo espanto e pela desproporção entre a imaginação do possível e o real que tinham diante. Percebe-se agora como aquela vez em que Ele saciou mais de cinco mil homens, sem contar com as mulheres e com as crianças – saciou-os misteriosamente – depois desaparece porque queriam fazê-lo rei. Disseram, impressionados pela questão econômica: «Este é verdadeiramente o Messias que deve vir!»,¹⁴ voltando logo à mentalidade comum que sempre tinham vivido, que todos tinham – como lhes era ensinado pelos seus chefes, o Messias deveria ser um homem potente que deveria dar a Israel, ao seu povo, a supremacia no mundo. Jesus fugiu deles, e muitos calcularam que tivesse ido a Cafarnaum. Fizeram então o périplo do lago para ir reencontrá-lo, noite dentro do dia de sábado. Foram à sinagoga, porque o sítio onde o podiam encontrar era aqui: Ele, de facto, para falar tomava sempre a indicação do trecho bíblico que era proposto ao povo naquele dia, do rolo que o sacerdote escolhia. E de facto estava ali na sinagoga a falar, e dizia-lhes que os pais deles tinham comido o maná, mas que Ele dava de comer uma coisa muito maior, a sua palavra: a sua palavra é verdade. A verdade dava-lhes de comer, a verdade dava-lhes de beber, o verdadeiro sobre a vida e sobre o mundo. Abre-se a porta ao fundo, entra este grupo que o procurava, que o tinha seguido, digamos. Procuravam-no. Procuravam-no por um motivo errado, porque o queriam fazer rei, não porque estivessem tocados pelo sinal que ele era, do mistério da sua pessoa, que a potência dos seus gestos assegurava, mas porque tinham um interesse, procuravam nele um interesse material. O motivo era errado, mas procuravam-no. Procuravam-no. Tinha nascido para que todo o mundo o procurasse. Comoveu-se e de repente – porque, homem como nós, tal como a nós, as ideias lhe surgiam conforme as circunstâncias – vem-lhe à mente uma ideia fantástica. Mudou o sentido àquilo que dizia e exclamou: «Não é a minha palavra que vos dou, mas o meu corpo que vos dou a comer, o meu sangue a beber!».¹⁵ O pretexto, finalmente os políticos e os jornalistas e os «televisivos» de então, tinham o pretexto: «É louco, quem pode dar de comer a sua carne?». Quando dizia uma coisa que lhe parecia urgente, mas os homens não o percebiam e se escandalizavam por aquilo que dizia, ele não explicava, mas repetia, repetia: «Em verdade vos digo, quem não come a minha carne não pode começar a perceber a realidade, não pode entrar no reino do ser a perceber a realidade, não pode entrar nas entranhas da realidade, porque o verdadeiro é isto». Foram-se

¹⁴ *Jo* 6,14-15.

¹⁵ *Jo* 6,48-54.

todos embora. «É louco, é louco», diziam, *durus est hic sermo*, «tem um modo de falar estranho».¹⁶ Até que na penumbra da tarde, ficaram com Ele os doze do costume. Também eles em silêncio, com a cabeça baixa. Imaginem a cena na pequena sinagoga de Cafarnaum, que era como uma sala das nossas escolas com 30 a 40 lugares. «Também vós vos quereis ir embora? Não retiro o que disse: também vós vos quereis ir embora?» E Simão Pedro, teimoso: «Mestre, também nós não compreendemos o que dizes, mas se nos vamos embora, para onde vamos? Tu tens palavras que dão sentido à vida».¹⁷ Kafka: «Existe um ponto de chegada, mas não existe nenhum caminho». Aquele homem era o caminho. «Se nos vamos embora, para onde vamos? Qual será a estrada, qual pode ser o caminho? O caminho és Tu!»

* * *

Aqueles dois, João e André, e aqueles doze, Simão e os outros, disseram-no às suas mulheres, e algumas daquelas mulheres foram com eles; a uma dada altura foram com eles e seguiram-nos: deixavam as suas casas e iam com eles. Mas também o contaram a outros amigos, os quais não deixaram necessariamente também as suas casas, mas participavam na simpatia deles, participavam na sua posição positiva de espanto e de fé naquele homem. E os amigos disseram-no a outros amigos, e depois a outros amigos. Assim passou o primeiro século, e estes amigos invadiram com a sua fé o segundo século e no entretanto invadiam também o mundo geográfico. Chegaram até à Espanha no fim do primeiro século e até à Índia no segundo século. E depois estes do segundo século disseram-no a outros que vieram depois deles, como um grande fluxo que engrossava, como um grande rio que se engrossava e chegou a ser dito à minha mãe – à minha mãezinha. E a minha mãe disse-o a mim que era pequeno, e eu digo: «Mestre, também eu não percebo aquilo que dizes, mas se nos vamos embora para onde vamos? Só tu tens palavras que correspondem ao coração». Esta é a lei da razão: a lei da razão é a comparação com o coração. Os critérios da razão são as exigências da minha natureza, do coração. Contaram-me que uma amiga nossa, ao ler um texto nosso, e ela não é católica, observou: «Mas aqui eu encontrei a palavra coração não usada como eu a entendo, porque como eu o entendo o coração é o ponto de referência do sentimento: eu tenho um sentimento, ele tem outro; mas aqui não, é igual para todos este coração de que se fala n' *O sentido religioso*,¹⁸ é igual para todos, é igual para ti e para

¹⁶ Jo 6,60.

¹⁷ Cfr. Jo 6,67-68.

¹⁸ Cfr. L. Giussani, *O sentido religioso*, op. cit.

mim». Se o coração é a sede de exigência do verdadeiro, do belo, do bom, do justo, da sede da felicidade, quem de nós pode fugir a estas exigências, quem? Constituem a nossa natureza, a minha e a tua, por isto estamos mais unidos do que «ausentes» e estranhos, como somos normalmente. E o último coreano, o último homem de Vladivostok, o último homem da mais longínqua e perdida região da terra está unido a mim precisamente por isto.

A partir daquela tarde nasceu um fluxo humano que chegou até *agora*, até *mim*. Como pertencia a este fluxo a minha mãe, assim pertenceo eu, e dizendo-o a muitos amigos eu torno-os também participantes deste fluxo.

Ainda que já a conheçam, vale a pena reler, porque não é perder tempo, uma carta que me enviaram, e descoberta infelizmente tarde demais, escrita por um jovem doente com Sida, morto dois dias depois de me ter escrito: «Caro Dom Giussani, escrevo-lhe chamando-lhe caro, embora não o conheça, nunca o tenha visto, nem nunca o tenha ouvido falar. Ou melhor, para dizer a verdade, posso dizer que o conheço, porque, se percebi alguma coisa d' *O sentido religioso* e daquilo que me disse o Ziba, conheço-o através da fé e, acrescento eu agora, graças à fé. Escrevo-lhe somente para lhe agradecer, agradecer pelo facto de ter dado um sentido a esta minha vida árida. Sou um colega de universidade do Ziba, com quem tive sempre uma relação de amizade, porque, mesmo não partilhando a sua posição, me tocou sempre a sua humanidade e a sua disponibilidade desinteressada [que é o único modo com que podemos gritar a outro e a todo o mundo: «Cristo é verdadeiro»]. Penso ter chegado ao termo desta atormentada vida, trazido por aquele comboio que se chama Sida e que não dá tréguas a ninguém. Agora, dizer estas coisas já não me mete medo. O Ziba dizia-me sempre que o importante na vida é ter um interesse verdadeiro e segui-lo. Este interesse persegui-o eu muitas vezes, mas nunca era o verdadeiro. Mas agora vi-o, vejo-o, encontrei-o e começo a conhecê-lo e a chamá-lo pelo nome: chama-se Cristo. Não sei propriamente o que é que isto quer dizer, nem sei como posso dizer estas coisas, mas quando vejo o rosto do meu amigo ou leio *O sentido religioso*, que agora me acompanha, e penso em si ou nas coisas que o Ziba me conta de si, tudo me parece mais claro, tudo, até o meu mal e a minha dor. A minha vida esmagada e tornada estéril, como uma pedra lisa onde tudo escorre como a água, ganha um sobressalto de sentido e de significado que varre os pensamentos maus e as dores, aliás, abraça-os e torna-os verdadeiros, fazendo do meu corpo pútrido e cheio de larvas sinal da sua presença. Obrigado, Dom Giussani, obrigado por me ter comunicado esta fé ou, como lhe chama, este acontecimento. Agora sinto-me em paz, livre e em paz. Quando o Ziba recitava o *Angelus* diante

de mim, eu blasfemava-lhe na cara, odiava-o e dizia-lhe que era um covarde porque a única coisa que sabia fazer era dizer aquelas orações estúpidas diante de mim. Agora, quando tento dizê-lo com ele, a balbuciar, percebo que o covarde era eu, porque não via nem a um palmo do nariz a verdade que estava diante de mim. Obrigado Dom Giussani, é a única coisa que um homem como eu lhe pode dizer. Obrigado porque no meio das lágrimas posso dizer que morrer assim agora tem um sentido, não porque seja mais belo – tenho um grande medo de morrer – mas porque agora sei que há alguém que me quer bem e que se calhar eu também me posso salvar e posso também rezar para que os meus companheiros de cama encontrem e vejam o que eu vi e encontrei. Assim sinto-me útil, repare, apenas usando a voz sinto-me útil; com a única coisa que eu ainda consigo usar, posso ser útil; eu que deitei fora a vida posso fazer o bem apenas dizendo o *Angelus*. É impressionante, mas ainda que fosse uma ilusão, esta coisa é demasiado humana e razoável, como diz n' *O sentido religioso*, para não ser verdadeira. O Ziba pendurou sobre a minha cama a frase de São Tomás: “A vida do homem consiste no afeto que principalmente o sustem e no qual encontra a sua maior satisfação”. Ao escrever-lhe esta carta, penso que a minha maior satisfação seja a de tê-lo conhecido [nunca o vi!], mas a maior ainda é que na misericórdia de Deus, se Ele quiser, conhecê-lo-ei lá onde tudo será novo, bom e verdadeiro. Novo, bom e verdadeiro como a amizade que Dom Giussani trouxe à vida de muitas pessoas e da qual posso dizer que “também eu faço parte”, também eu nesta vida suja vi e participei deste acontecimento novo, bom e verdadeiro. Reze por mim; eu continuarei a sentir-me útil no tempo que me resta a rezar por si e pelo movimento. Abraço-o. Andrea».¹⁹

Dois mil anos perpassaram nesta carta. Não foi ontem, *é hoje*, não é hoje para mim, mas é hoje *para ti*, qualquer que seja a posição em que estejas: muda-a, se é de mudar! Também eu todas as manhãs percebo que a devo mudar, porque eu sou responsável de tantas coisas que Ele me deu. Digo só que este acontecimento ou esta presença é de hoje – de hoje! Aquele fluxo humano de que falámos, levo-o hoje à tua vida. Não há nada senão Deus, só Deus, ontem, hoje e sempre. Um grande acontecimento, dizia Kierkegaard, só pode ser um *presente*, porque não é um passado, um morto, que nos pode mudar. Mas se alguma coisa nos muda, está presente: «Existe, se muda», diz um texto nosso.

¹⁹ Cfr. Andrea (Milão), «Il volto buono del Mistero», *Litterae Communionis-Tracce*, dezembro de 1994, p. 4.

Mas não é só esta carta belíssima. Vocês leram (nos jornais ou na «Tracce») a oração que escreveram os nossos amigos de Turim que perderam todos os seus familiares na recente tragédia do Piemonte.²⁰ «Nesta hora tremenda e grande queremos agradecer ao Senhor, Deus nosso e Pai nosso, por nos ter dado, em Cristo, Francesco, Cecilia, Lucia e Cecilia. Através deles Tu, ó Cristo, começaste a dar-te a conhecer a nós com o Batismo, a educação, a adesão de Lucia ao Movimento e a chegada de Cecilia, acolhida como um milagre. Faz, ó Cristo, que agora que está em Ti enquanto fazes toda a realidade, nos ajudem a reconhecer-te sempre mais em cada instante da vida.»²¹ Depois de dois mil anos está presente agora: para Alberto, Mario, está agora. Grita-lhe, que está agora, que deve ter razão para a tua frieza, para a tua ignorância, para a tua distância! Quando era rapaz e adoecia e ficava na cama com febre, via as pessoas longe, longe; o quarto, as paredes, vi-as longe, longe; via os móveis longíssimo e tinha medo de me ver ali sozinho num ambiente enorme, grandíssimo; e quando a minha mãe entrava no quarto, via-a pequenina, quase inexistente. É uma patologia, aquela que O faz ver longe; porque Ele é Deus, o presente. *É, Ele «é», porque está presente.* Aquilo que não existe na nossa experiência presente, que de nenhum modo existe na nossa experiência presente, aquilo que não existisse de nenhum modo na nossa experiência presente, não existe, não existiria.

Há um terceiro testemunho que quero referir. Sete amigos nossos, quatro mulheres dos *Memoires Domini* e três sacerdotes, dos quais dois de Roma, do seminário de Monsenhor Massimo Camisasca, todos do Movimento, estão na grande Sibéria, em Novosibirsk. É a diocese, a paróquia maior do mundo, que vai de Novosibirsk a Vladivostok, 5000 km. E toda esta zona é percorrida por eles, 400 km todas as semanas. Tiveram recentemente o primeiro sínodo católico da Sibéria, em Vladivostok, a cidade próxima do Japão, na extremidade oriental da Sibéria. E os Bispos convidaram também os nossos. Há três anos que estão lá e têm um grupo de amigos que se quiseram batizar: alguns vivem a vida do CL. Um deles contou o que aconteceu na sua vida. É um rapazola de 17 anos.

«Encontrei o Movimento logo a seguir ao meu encontro com a Igreja católica. Na altura não sabia praticamente nada da vida cristã e ainda percebia menos. Encontrei uma companhia de gente bastante jovem, feita sobretudo de estudantes e alguns italianos que falavam pouco ou nada de

²⁰ Referência às graves cheias que atingiram, sobretudo, a região do Piemonte, no outono de 1994.

²¹ «O Cristo o niente», *Litterae Communionis-Tracce*, dezembro de 1994, p. 11.

russo. Ouvi-os falar da vida, do trabalho, falavam da sua experiência cristã, do seu primeiro encontro com Cristo; também cantavam e se divertiam. Depois iam juntos à Missa, às vezes rezavam as Vésperas. Tive a impressão de que eram bons amigos, mas, na verdade, havia algo de estranho para mim: porque é que estes estrangeiros tinham vindo de tão longe, mas porquê? Virem para aqui, onde faz tanto frio e a vida não é tão confortável como em casa deles? E depois, pessoas tão novas, diferentes umas das outras, e no entanto tão amigas, e depois, porquê juntas? Provavelmente, é exatamente nisto, e também nisto, que consiste a graça do primeiro encontro, quando tu, intuitivamente, ouves mesmo aquilo de que precisas na vida, ouves alguma coisa de correspondente, de bom, que desperta em ti curiosidade e desejo, assim de cada vez revives o primeiro encontro sem reconhecer até ao fim porquê. E, com efeito, só depois comecei a intuir e a perceber que nesta companhia está presente Alguém, diante do qual todos se inclinam e que junta pessoas que à primeira vista nunca poderiam estar juntas. Eu penso que para mim este foi uma espécie de “momento extraordinário”, quando reconheci a presença de Cristo, quando o descobri naquela companhia. Reconheci que sou amado [como André], muito amado por Jesus, precisamente através destas pessoas que Ele mesmo colocou ao meu lado e me acompanham. Já há três anos que estou no Movimento do CL e isto ajuda-me. Posso dizer que agora experimento o gosto da vida e que isto me parece mesmo muito importante [o contrário do que predomina hoje: a perda do gosto da vida como sintoma do macabro da cultura presente]. Com efeito, os aspetos da vida são diferentes: trabalho, descanso, estudo, férias, e ver sentido em todos os aspetos da vida, reconhecer que Deus se tornou acontecimento na nossa vida: é exatamente isto o cristianismo. Nada acontece por acaso, nada acontece simplesmente assim e cada momento da história pode testemunhar a presença de Cristo aqui e agora. Tenho muitos amigos, encontro muita gente e sinto sempre uma grande tristeza pelo facto de ainda não terem experimentado a graça do primeiro encontro que permite perceber a Sua presença e nos obriga a segui-la. Queria comunicar a todos aqueles que encontro o desejo de experimentar o gosto desta vida [«gosto»: é um termo tão natural, tão carnal e tão divino: é antecipação da felicidade eterna, daquele gosto eterno, que é a finalidade da vida]. Claro, a minha experiência é ainda pequena, mas peço para que em todos os aspetos da vida eu possa testemunhar Cristo, presente *aqui e agora*. Josif.»²²

²² Josif, «“Dio è diventato avvenimento nella nostra vita”», *LitteraeCommunionis-Tracce*, novembro de 1994, p. 19.

E com efeito, como para Josif, a maior surpresa para mim, cristão, é experimentar agora, é encontrar a correspondência com o coração que Ele é, agora. Quando o jornalista abordou a irmã da madre Teresa de Calcutá, na Índia, uma irmã muito jovem, com menos de vinte anos, e lhe fez algumas perguntas, entre outras coisas ela disse-lhe: «Lembro-me de ter recolhido um homem da rua e de o ter trazido para a nossa casa». «E o que disse aquele homem?» «Não resmungou, não blasfemou, disse apenas: “Vivi na rua como um animal e vou morrer como um anjo, amado e cuidado. [...] Irmã, vou voltar para a casa de Deus” e morreu. Nunca vi um sorriso como aquele do rosto daquele homem.»²³ O jornalista replicou: «Por que é que mesmo nos maiores sacrifícios parece que vocês não fazem nenhum esforço, que não existem dificuldades?». Então interveio a Madre Teresa: «É a Jesus que nós fazemos tudo. Nós amamos e reconhecemos Jesus, hoje».²⁴ Hoje: ontem já passou. Aquilo que existia ontem, ou existe hoje ou já não existe.

Tenho pena de não a poder ler toda, porque é muito grande, mas quero citar pelo menos um excerto numa carta²⁵ da Gloria, a nossa amiga e jovem professora que foi com a Rose para África, para Kampala, e que escreve: «Nada aqui é imediato para mim [nada é conveniente para mim, nada me é fácil]. E em certos momentos, senti como que uma impossibilidade de estar diante das pessoas doentes, sujas, sem o mínimo de condições higiénico-sanitárias [Mas quem é que a leva a fazer isto? A lembrança de uma coisa de há dois mil anos? Não! Alguma coisa agora. Uma presença que existe agora]. Uma manhã, quando cumprimentei a Rose, ela disse-me: “Reza a Nossa Senhora para que hoje não tenhas que te assustar ao ver como Cristo se irá apresentar-te”. Com estas palavras no coração, fui com a Claudia ao estabelecimento de detenção de menores. Tudo me fazia nojo: o cheiro, a porcaria, a sarna, os piolhos. E naquele momento percebi que a minha pergunta coincidia com a posição da minha pessoa». Ela, debruçada sobre o doente, ou sobre a criança presa, ela assim debruçada, naquela posição: o seu pedido, o pedido de ser, que é o pedido do coração do homem – porque mesmo que uma pessoa não pense nisso, grita isso – o pedido de ser, o pedido de ser feliz, o pedido da verdade, o pedido do bem, do bom, do justo, do belo, este pedido coincidia com a própria posição que assumia.

²³ Cfr. *Il Sabato*, n. 5, 1 fevereiro de de 1986, p. 8.

²⁴ Cfr. *Il Sabato*, n. 22, 30 de maio de 1987, p. 4.

²⁵ O texto completo da carta foi publicado em *Litterae Communionis-Tracce*, novembro de 1994, pp. II-III.

Mas a notícia maior destes tempos, talvez a maior de toda a nossa história, é aquela do que aconteceu em Brasília. Peço-vos que vão ler na «Tracce» a história do assassinato de Edimar, um dos muitos miúdos delinquentes de Brasília, várias vezes assassino, porque o seu bando é um bando de assassinos. No início do ano, vai para a sua turma uma professora dos *Memores Domini*, libanesa, atualmente no Brasil. Fala a nossa linguagem. Perturbou o Edimar, também ele que ter os olhos cheios de azul como os dela, e não escuros, negros, sujos, como tem ele. Promete a si mesmo que vai mudar. O chefe do bando percebe que alguma coisa não está bem, e mete-o logo à prova, intima-o a ir matar uma pessoa. Edimar diz: «Eu não mato mais ninguém». E ele: «Então eu mato-te»: matou-o. É o segundo mártir da nossa história.²⁶

* * *

Mas qual é a fórmula sintética de toda a figura de Cristo por si mesma, de Cristo como homem, registado no recenseamento de Belém, e presente agora a solicitar e a exigir a vida e o coração de cada um de nós, para que através de nós o mundo inteiro o reconheça, seja mais feliz, para que toda a gente do mundo seja mais feliz, saiba o «porquê», possa morrer como Andrea? A fórmula sintética que descreve toda a dinâmica de Jesus é que foi «enviado» pelo Pai. Porque é que Jesus, sendo Deus, Verbo de Deus, a expressão de Deus, e por isso origem do mundo, se tornou homem? Por que razão entrou no seio duma rapariguinha de 15 anos, foi gerado neste seio, nasceu criança, tornou-se jovem, adolescente, homem, homem de trinta anos, falava como ouvimos, impressiona o Andrea, impressiona os nossos amigos de Villa Turro (os doentes de Sida de quem os nossos amigos cuidam), impressiona o Edimar? Porque é que se tornou homem e age na história assim, se torna presente na história deste modo? Para realizar o desígnio de um Outro. Ele usa, Ele próprio usa da palavra extrema para indicar a origem de tudo, do qual, portanto, a vida nasce: o Pai. A sua vida define-se como *chamamento do Pai* a cumprir uma *missão*: a vida é *vocação*.

Esta é a definição cristã de vida: *a vida é vocação*. E vocação é cumprir uma missão, realizar uma tarefa, que Deus determina para cada um através das circunstâncias banais, quotidianas, de instante em instante, que Ele permite que nós tenhamos que atravessar. Por isso Cristo é o ideal da nossa vida, na medida em que ela é tentativa de resposta, desejo de responder ao chamamento de Deus; vocação, chamamento de Deus, desígnio que o Mistério tem sobre mim. Porque eu neste instante, se for sincero, se pensar,

²⁶ Cfr. D. Rondoni, «Edimar, olhos e sangue», *Litterae Communionis-Tracce*, setembro de 1994, pp. 28-30.

percebo: não há nada tão evidente, nem sequer tu que estás a dois metros de mim, nada é tão evidente como o facto de que neste instante eu não me faço a mim mesmo, não me dou os cabelos, não me dou os olhos, não me dou o nariz, não me dou os dentes, não me dou o coração, não me dou a alma, não me dou os pensamentos, não me dou os sentimentos, tudo me é dado: para que cumpra o Seu desígnio, um desígnio que não é o meu, através de todas as coisas, através da escrita, através da fala, através do *Angelus*, como dizia o Andrea, através de tudo, tudo. «Quer comais, quer bebaís»,²⁷ diz São Paulo, fazendo a comparação mais banal que se possa pensar; «na vigília ou no sono»;²⁸ «quer vivamos, quer morramos»²⁹ - dirá ainda noutras passagens – tudo é glória de Cristo, ou seja, desígnio de Deus.

Cristo é o ideal da vida. Aquele que João e André ouviam falar era o ideal da vida. Por isso o seu coração se sobressaltou, por isso foram para casa em silêncio, por isso naquela noite André abraçou a mulher como nunca tinha abraçado, sem saber dizer nada. Tinham encontrado o ideal da vida. Não podiam expressar-se logo assim, coitadinhos. Disseram-nos poucos anos depois. Desde aí, foram por todo o mundo dizê-lo: Cristo é o ideal da vida.

O que quer dizer que Cristo é o ideal da vida? Quer dizer que é o ideal para o modo com que tratamos toda a natureza; é o ideal para o modo como vivemos o afeto, com o qual concebemos, olhamos, sentimos, tratamos, vivemos a relação com a mulher e com o homem, com os pais e com os filhos; é o ideal com que nós nos dirigimos aos outros e vivemos as relações com os outros, ou seja, com a sociedade, como conjunto e companhia de homens. Qual é a característica que este ideal infunde nas formas que temos de nos tratarmos uns aos outros, de tratar tudo, da natureza – pretendo indicar com esta palavra tudo aquilo que existe, porque posso tratar mal, injustamente, também o microfone, como fiz antes sem me dar conta – até ao pai e à mãe? A característica está em duas palavras que têm a mesma raiz, mas são uma o princípio e a outra o fim da trajetória da ação: a primeira chama-se *gratidão*. Porquê? Por aquilo que eu disse primeiro, que nada é mais evidente neste momento, para mim e para ti, do que o facto de que não és tu que te fazes, que tudo te é dado, há um Outro em ti que é mais do que tu mesmo, tu jorras duma nascente que não és tu: esta nascente é o mistério do ser. Assim, da mesma forma, percebes que todas as coisas são

²⁷ 1 *Cor* 10,31.

²⁸ 1 *Ts* 5,10.

²⁹ *Ro* 14,8.

feitas por um Outro. Tu, como homem, és a consciência da natureza: o eu é o nível em que a natureza toma consciência de si mesma. Tal como tomo consciência de que não sou eu que me faço, assim tenho consciência de que toda a natureza não se faz por si, é dada: dado, dom. Por isso, grato: a gratidão como fundamento e premissa de toda a ação, de toda a atitude.

O que é que insinua em todas as ações esta gratidão? Insinua um aspeto, um contorno, uma aura de *gratuidade*; gratuidade pura, aquela de que falava, como recordámos tantas vezes, Ada Negri numa poesia sua incomparável,³⁰ que exprime isto numa forma tal que eu não sei dizer melhor: «Tu amas, e não pensas ser amada: a cada / flor que desabrocha ou fruto que amadurece / ou criança que nasce, ao Deus dos campos / e das estirpes das graças no coração». Amas, gostas da flor, não porque a cheiras, mas porque existe, olhas o fruto que amadurece não porque o mordas, mas porque existe. Olhas a criança, não porque é tua, mas porque existe. Esta é a *pureza* absoluta. Por favor, façam um esforço para se identificarem com esta totalidade de pureza. Um sombreado desta pureza, desta gratuidade entra dentro de nós ainda que não demos por isso, entra quase naturalmente dentro de cada ação nossa. Porque se qualquer postura minha em relação a ti não tem dentro esta gratuidade, uma sombra desta gratuidade, é feia, é uma relação perdida, é uma relação no início da sua derrocada, do seu desfazer-se. É somente esta pureza de gratuidade que nunca se desfaz, que não desfaz nada, que mantém todas as coisas que existiam no passado, e que as mantém no presente; de tal forma que o meu sujeito no presente se enriquece de tudo o que fez ontem e antes de ontem, e nada é inútil como dizia o nosso amigo Andrea dois dias antes de morrer.

Por isso, o *resultado* de seguir Jesus como ideal da vida, da vida como vocação, o resultado – como diz o Evangelho – é o *cêntuplo*:³¹ as coisas

³⁰ «Não te perdi. Permaneceste no fundo / do ser. És tu, mas uma outra és: / sem fruto nem flor, sem o luzente / riso que tinhas no tempo que não volta mais, / sem aquele canto. Uma outra és tu, mais bela. / Tu amas, e não pensas ser amada: a cada / flor que desabrocha ou fruto que madurece / ou criança que nasce, ao Deus dos campos e das estirpes das graças no coração. / Ano após ano, em ti mudaste / o rosto e a substância. Cada dor mais forte / te fez: a cada vestígio da passagem / dos dias tua seiva oculta e verde / opuseste, a curá-la. Ora olhas a Luz / que não engana: em seu espelho miras / a duradoura vida. Permaneceste / como uma idade sem nome: humana / entre as humanas misérias, porém somente de Deus vivendo e só n'Ele feliz. / Oh, juventude sem tempo, oh sempre / renovada esperança, eu te confio / aos que virão: – que enfim na terra / volte a florir a primavera, e no céu / nasçam as estrelas quando se oculta o sol.» (A. Negri, «Minha juventude» em *Mia giovinezza*, Bur, Milão 2010, p. 78).

³¹ Cfr. *Mc* 10,29-30.

tornam-se mais potentes, torna-se mais potente a minha relação contigo, é como se tivéssemos nascido juntos: não te conhecia, até há poucos anos não te conhecia, e não tenho nenhum tipo de interesse, no sentido de contrapartida, de benefício, de nenhuma espécie, não é por uma contrapartida que estamos juntos; e estou muitíssimo bem contigo, não obstante aquilo que pensas, mas não me faço amigo teu por isto. Por isso é uma riqueza mais potente em todas as relações, no modo de olhar a flor, no modo de olhar as estrelas, no modo de olhar as plantas, as folhas, no modo de me suportar a mim mesmo, que despudoradamente pretendo que vocês estejam aqui ainda mais cinco minutos, de todas as formas, no modo com que penso nas minhas culpas de ontem, de anteontem: «Senhor, perdoa-me, perdoa-me a mim, pecador», mas dizer isto não me desilude, não me deprime, torna-me mais verdadeiro, porque se dissesse isto seria menos verdadeiro, porque o sou, pecador.

Desta riqueza deriva uma capacidade de *fecundidade* que ninguém tem; de fecundidade, ou seja, de comunicação da própria natureza, da própria inteligência, da própria vontade, do próprio coração, do próprio tempo, da própria vida. É dizer: «Daria a pele por cada um de vocês»; cada um de nós o poderia dizer por cada um dos outros, di-lo. Se não o diz é porque nunca pensou nisto, se nunca pensou nisto é porque nunca pensou dando-se conta da presença de Cristo. Se parte desta, di-lo: «Também eu daria a minha pele» – Jesus, no entanto, ajuda-me! É uma fecundidade no trabalho, uma paixão pelo trabalho que não é interesseira ou por gostos ou por particulares incidências sobre o resultado da minha presença na sociedade: é amor ao trabalho como perfeição de ação, independentemente de como o consegue. É uma fecundidade que é amor a dar aquilo que sou, a dar-me a mim próprio a ti, o que é o mesmo que dar-se a si próprio aos filhos. Amor a tudo o que entra e entrará em relação com os filhos, amor aos outros que são filhos, também eles são filhos, a todos os homens: ao povo. Uma fecundidade no trabalho, uma fecundidade diante dos filhos, uma fecundidade na vida do povo. Em resumo, o ideal da vida torna-se o bem dos outros, o bem para os outros: o bem para os outros, o vosso bem, o meu bem. Este é o objetivo com que Deus fez o mundo: o bem de tudo, o bem. O contrário do livro de Bobbio,³² um ensaio sobre o mal, sério e comovente, eu acho comovente nalgumas páginas; no entanto o desígnio de um pai é o bem do filho. O ideal da vida torna-se o bem.

³² N. Bobbio, «Gli dei che hanno fallito. Alcune domande sul problema del male», in *Elogio della mitezza e altri scritti morali*, Ed. Linea d'Ombra, Milão 1994.

* * *

Agora peço-vos que estejam atentos a estes últimos cinco minutos, porque o que vou dizer é a coisa mais penetrante de tudo o que dissemos hoje, é a consequência mais importante do tema de hoje. Há uma forma de vocação que decide por uma estrada inopinada e inopinável, impen-sada e impensável na mente de quem quer que seja e que se chama, desculpem se o digo já, *virgindade*. É uma forma de vocação que trespassa, como a luz trespassa o vidro (a palavra «trespasa» é um bocado insubstituível), é uma forma de vocação que trespassa as urgências mais naturais, tal como se apresentam na experiência realizando-as, paradoxalmente, segundo um potenciamento novo.

Neles, com esta vida, com esta forma de vocação, o *trabalho* torna-se *obediência*. Porque cada um vai trabalhar por tantos motivos, um dos quais é também aquela sombra que se chama gratuidade: mas aqui o trabalho torna tudo gratuidade, tende a tornar-se totalmente gratuidade. Porque é que vais ao escritório de advogados, porque é que vais às tuas aulas como professor? O fim do mês, ou a carreira, ou o facto que é preciso simplesmente trabalhar, realmente, no tempo que passa, esmorece; subsiste só a vontade do bem pelos outros: que se faça a vontade de Deus. Ou seja, o trabalho torna-se obediência. O que é a obediência? A obediência é fazer uma ação para afirmar um Outro. O que é a ação? A ação é o fenómeno pelo qual o eu se afirma, se afirma a si próprio, se realiza a si próprio. Para me realizar, a ação que faço não a faço por mim próprio, mas por um um Outro: isto é a obediência. A lei da ação é um Outro, é afirmar um Outro, é amor ao Verbo, é amor a Cristo. O trabalho é amor a Cristo.

Se o trabalho se torna obediência, o amor à mulher ou ao homem exalta-se. Um homem que se exalta no sentido físico do termo, é um homem que se ergue direito, em toda a altura da sua pessoa. O amor à mulher exalta-se como *senal* da perfeição, da atração para que o homem é feito. É aquilo que intuiu Leopardi. Teve um momento na sua vida, a partir do qual decaí, no qual intuiu que o rosto da mulher era um sinal: tinha amado tantas mulheres, mas naquele momento intuiu que não era aquele rosto ou aqueloutro, mas um outro rosto, com um «R» maiúsculo, era uma mulher com um «M» maiúsculo, – que fez aquele hino belíssimo – que ele procurava. O amor à mulher exalta-se como sinal de perfeição e de atração do belo, do bom, do verdadeiro e do justo, que é Cristo, porque a perfeição, a fonte da atratividade, a fonte do belo, do bom, do verdadeiro e do justo é o Verbo de Deus. Aquilo que transpa-

rece, como dizia Leopardi no hino *Alla sua donna*,³³ num panorama da natureza, ou na beleza de um sonho, ou na beleza de um rosto, é o divino que está na origem de cada coisa: no rosto do outro – do outro é, para o homem, por excelência, a mulher, e vice-versa – transluz; transluz de modo inefável, que não se consegue dizer. Quem o conseguiu dizer melhor, na minha opinião, foi Leopardi, que não o disse, mas esteve quase, quase a dizê-lo. Desculpem, para que não vos pareçam abstratas estas coisas, leio-vos uma carta escrita à namorada pelo próprio ex-namorado. Andaram juntos três anos. Depois de três anos, ela intuiu que a sua vocação era a da virgindade e disse-lhe que tinha que passado por um período de verificação.

O ex-namorado escreve-lhe assim: «Caríssima, quero só aprisionar poucas palavras, já que tudo está selado nos nossos corações para sempre [para sempre! Não eliminou nada]. Estou comovido, melhor, movido de espanto pelo que se está a cumprir na tua vida, ou melhor, de quem o está a cumprir. É uma alegria que me conduzirá no tempo ao destino de bem que te agarrou a Ele. Até a dor que sinto, às vezes mais forte que outras, por

³³ «Cara beldade, que distante / Ou escondendo o rosto, amor me inspiras, / Menos se no sono do coração / Divina sombra, me abalas, / Ou nos campos onde resplende / Mais belo o dia e da natura o riso; / Talvez tu, a inocente / O tempo alegraste que do ouro tem o nome, / Ou leve, entre a gente / Alma flutuas? Ou a ti a sorte avara / Que a nós te esconde, ao futuro prepara? // De ver-te viva, enfim / Nenhuma esperança me resta; / Se então for, quando, nu e só / Por nova estrada a peregrina morada / Viver o espírito meu. Outrora, diante de novo / Abrir de minha jornada incerta e escura, / Em ti peregrina, neste árido solo / Eu pensei. Mas não há coisa na terra / Que a ti se assemelhe; e ainda que parecida alguma / Contigo fosse em rosto, em gestos, em fala, / Seria, ainda assim, assaz menos bela. // No meio da dor profunda / Que à vida humana expõe o árduo destino, / Se fosses real e como te imagino, / A quem te amasse aqui seria a vida / Um júbilo divino: / E como ainda, a vida erguida / Louvar a glória, qual na juventude / Teu amor me faria. Porém, o céu nenhum / amparo trouxe às nossas aflições. E no entanto / A teu lado seria a mortal vida / Igual àquela que no paraíso, em deuses / Nos pode transformar. // Nos vales, onde soa / Do fatigado agricultor o canto, / Eu me sento e lamento / a juvenil ilusão que me abandona; / E nas colinas, onde relembro e choro / Os perdidos desejos e a perda / Esperança dos dias meus, em ti pensando / A palpitar desperto. E possa eu / No tempo sombrio e neste ar nefando / De ti a nobre impressão guardar, que com a imagem / Já que o ver se me tolhe, muito me contento. // Se das ideias eternas / A única és tu, que de modo sensível / Desprezou do eterno juízo ser vestida, / E entre despojos caducos / Provar os tormentos de funérea vida; / Ou se outra terra, nos superiores círculos / Entre mundos inumeráveis te acolhe, / E, mais bela que o sol, próxima estrela / Te ilumina, e mais benigno ar respiras, / De cá, onde são os anos infelizes e breves, / Este hino de ignoto amante recibes.» (G. Leopardi, «À sua sua dama», in *Cara beltà...*, Bur, Milão 2010, pp. 53-55).

aquilo que te fiz em certos momentos do nosso encontro, é refrescado por uma misericórdia que o torna mais verdadeiro. Permanece um mistério, que no entanto já se revela. Toda a plenitude da relação entre nós, daquele pedaço de história caminhado juntos, é mais explicado assim. Agrade-me acreditar que cada instante que gastaste comigo, até diante da minha incapacidade, não se perde [para sempre!] e tenha servido, ou melhor, tenha sido usado por Cristo para te levar até Ele. Peço-te perdão, ou pelo menos, dares-me a tua mendicância, na certeza de teres dado um amor maior à minha pessoa pertencendo assim aos *Memores Domini*, que me quiseste maior bem assim do que casando-te comigo. Agradeço-te por esta tua espera e rezo a Nossa Senhora para que existam sempre à tua volta rostos de esperança como tens agora, para te protegerem e amarem em cada passo teu. Ofereci-te um ícone de Cristo, sinal da sua encarnação [um conceito que a ortodoxia tem bem claro] para que te confortes sempre na Sua presença e para que te recordes de rezar por mim, pela tarefa que tenho agora de amar a Elisabetta, pelos meus familiares e pelos nossos amigos, mas sobretudo para que não abandone aquele abraço do Espírito Santo que é o movimento e a sua misteriosa sentinela».

Ele percebeu. Perceberam que ele percebeu? O trabalho torna-se obediência, o amor à mulher torna-se sinal supremo de perfeição da atração que ela exerce em nós, da felicidade que nos espera. E o povo, em vez de sujeito de uma história humana, cheia de litígios e de lutas, torna-se a história de gente, de um fluxo, de um rio de consciências que lentamente se iluminam rendendo-se, ao menos na morte, à glória de Cristo.

Chama-se *caridade*, estas mudanças chamam-se caridade. O trabalho que se torna obediência chama-se caridade. O amor à mulher que se torna sinal da perfeição final, da beleza final, chama-se caridade. E o povo que se torna história de Cristo, reino de Cristo, glória de Cristo, é caridade. Porque a caridade é olhar a presença, cada presença, surpreendidos no ânimo pela paixão por Cristo, pela ternura por Cristo. Há uma letícia e uma alegria que só são possíveis nestas condições. Letícia e alegria são duas palavras para riscar do vocabulário humano, porque não existe possibilidade de letícia e de alegria de outra forma: existe o contentamento, a satisfação, tudo o que quiserem, mas a letícia não existe, porque a letícia exige a gratuidade absoluta que só é possível com a presença do divino, com a antecipação da felicidade, e a alegria é a sua explosão momentânea, quando Deus quer, para sustentar o coração de uma pessoa ou de um povo em momentos educativamente significativos. Mas, desculpem, que o trabalho se torne obediência, que o amor à mulher se torne sinal, como o intuiu Leopardi, que o povo não seja um aglomerado de rostos, mas sim o

reino de Cristo que avança, esta caridade é *a lei de todos*, não dos virgens. É a lei de todos, sim, é a lei de todos. A virgindade é a forma visível de vida que relembra a todos o mesmo ideal de todos, para todos, que é Cristo, o único pelo qual vale a pena viver e morrer, trabalhar, amar a mulher, educar os filhos, reger e ajudar um povo. É para todos, mas alguns são chamados ao sacrifício da virgindade precisamente para que estejam entre todos, presentes a relembrar este ideal que é para todos. Devem ter estudado no terceiro volume da Escola de Comunidade,³⁴ se já lá chegaram, o conceito de milagre. O milagre é um acontecimento – como ali se define – que, inexoravelmente, remete para Deus, um fenómeno que nos obriga a pensar em Deus. O milagre dos milagres, maior do que todos os milagres de Lourdes, maior do que todos os milagres de qualquer que seja o santuário do mundo, o milagre dos milagres, ou seja o fenómeno que inexoravelmente nos obriga a pensar em Jesus, é uma bela rapariga de vinte anos que abraça a virgindade.

A Igreja é o lugar deste caminho e de todos os influxos operativos, fecundos, floridos, na gente que caminha junta, na companhia que Deus cria, na qual todos os caminhos estão juntos. A Igreja é o lugar no qual toda esta gente se enriquece, se dá e se enriquece com a dádiva alheia. A Igreja é mesmo um lugar comovente de humanidade, é o lugar da humanidade, onde a humanidade cresce, se incrementa, expurgando continuamente o que de sujo entra, porque somos homens; mas ela é humana, por isso os homens são humanos quando limpam o sujo e amam o puro. A Igreja é uma coisa verdadeiramente comovente.

A luta com o niilismo, contra o niilismo, é esta comoção vivida.

* * *

Julián Carrón. Este é um daqueles momentos em que se percebe verdadeiramente, sem necessidade de explicações, de onde nasce o silêncio: não do simples não falar, mas do estar cheios de alguma outra coisa que nos deixa sem palavras. Esperamos não o desperdiçar no nosso regresso aos quartos.

Regina Coeli

³⁴ L. Giussani, *Porquê a Igreja*, op. cit., pp. 268-274.

Domingo, 26 de abril, manhã

À entrada e à saída:

Ludwig van Beethoven, Sinfonia n. 9 in ré menor, op. 125

Herbert von Karajan – Berliner Philharmoniker

“Spirto Gentil” n. 27, Deutsche Grammophon

Padre Pino. Não foi há dois mil anos, não foi há vinte e um anos, não foi ontem. É agora.

Angelus

Laudes

■ ASSEMBLEIA

Davide Proserpi: Muitas das perguntas que chegaram têm um denominador comum: quer se tenha percebido muito ou pouco, o que domina é uma gratidão por aquilo que nos foi dado nestes dias. Esta gratidão indica que aconteceu alguma coisa. É uma graça. Como ouvimos ontem, a gratidão é o início de uma vida nova. Para aqueles que são escolhidos, o caminho da vida é um contínuo início, porque é o recontecer do encontro com a Presença que nos dá a vida. Nós não fizemos nada, mesmo nada, para o merecer. Mas sem este encontro, a vida seria a procura de uma meta sem o caminho.

Podemos ter chegado aqui com algumas preocupações, com os nossos problemas ou as nossas ideias sobre o movimento, mas se formos leais, temos que reconhecer que recebemos muito mais do que respostas para os nossos problemas. Recebemos um abanão. A nossa vida foi preenchida agora, mais uma vez, por uma Presença “arrebatedora”, totalizante. Foi-nos novamente anunciado e testemunhado o coração do carisma. E esta gratidão enche a vida de pedido. Por isso, as perguntas que escolhemos são apenas um início, para começar um trabalho. Teremos tempo, depois, para retomar tudo.

A primeira pergunta é esta: «Podes explicar melhor o que é que quer dizer que na Ressurreição se encontra a pedra angular da minha relação comigo próprio?»

Julían Carrón. Acabámos de ouvir a canção *Barco negro*,¹ na qual se ilustra o nosso despertar diário: «De manhã, que medo, que [tu] me achasses feia! / Acordei tremendo». Quantas vezes acordamos assim e tudo o resto parece nada diante da sensação que nos oprime. Como seria uma manhã em que nós, tal como os nossos filhos quando choram, não encontrássemos uma presença que abraçasse tudo de nós, qualquer que seja a preocupação com que acordamos, ou a sensação que tivéssemos da vida? «Mas logo os teus olhos disseram que não, / e o sol penetrou no meu coração.» Quem é que não deseja isto todas as manhãs? E qual é a condição para que isto possa acontecer? Que aquela Presença que preencheu a nossa vida, despertando uma promessa, pelo olhar cheio de ternura que teve para conosco, permaneça, permaneça no tempo, reaconteça agora. Nenhum outro dom teria sido suficiente, se Cristo, que deixou os céus por uma piedade por nós, não tivesse ficado vivo no meio de nós para sempre. Este é o facto: Cristo ressuscitou. Um facto, não um pensamento. Mas muitas vezes também nós temos a tentação de pensar como as velhas da canção: «Que não voltas». Só a certeza do encontro com Ele, a quem quer que nos diga que não voltará mais, nos pode fazer responder: «São loucas! São loucas!». «Tudo, em meu redor, / me diz qu'estás sempre comigo.» Porque Cristo ressuscitou para sempre Ele está aqui, presente, ainda antes de eu acordar, para que eu O possa encontrar todas as manhãs e possa olhar-me com ternura, como deve ter acontecido a Maria Madalena. Voltemos ao seu encontro com Jesus e ao episódio na casa do fariseu tal como nos foram contados por Dom Giussani: «Madalena está ali, na calçada, curiosa [...], olhando a multidão que vai atrás daquele Jesus que se diz o Messias (irão matá-lo alguns meses depois); e Jesus, passando ali sem sequer parar um instante, olha-a: de então em diante, ela nunca mais olhará para si mesma, nunca mais se verá a si mesma e nunca mais verá os homens, as pessoas, a sua casa, Jerusalém, o mundo, a chuva e o sol, nunca mais poderá olhar para todas estas coisas a não ser através do olhar daqueles olhos. Quando se olhava no espelho, a sua fisionomia era dominada, de-

¹ *Barco Negro*, letra e música de Caco Velho, Piratini e D. Mourão-Ferreira. «De manhã, que medo, que me achasses feia! / Acordei, tremendo, deitada n'areia. / Mas logo os teus olhos disseram que não, / e o sol penetrou no meu coração. // Vi depois, numa rocha, uma cruz, / e o teu barco negro dançava na luz. / Vi teu braço acenando, entre as velas já soltas: / dizem as velhas da praia, que não voltas. / São loucas! São loucas! // *Eu sei, meu amor, / que nem chegaste a partir / pois tudo, em meu redor / me diz qu'estás sempre comigo. // No vento que lança areia nos vidros, / na água que canta, no fogo mortíço, / no calor do leito, nos bancos vazios, / dentro do meu peito, estás sempre comigo. // *Eu sei, meu amor...*»*

terminada por aqueles olhos», qualquer que fosse a aparência, a impressão que tinha de si mesma. Não podia deixar de se olhar assim: «Aqueles olhos estavam ali, dentro dela – estão a perceber? O seu rosto estava plasmado neles. [...] Madalena olhou para toda a sua vida – nos pormenores e no seu todo – através daquele olhar ao qual não se seguiu uma única palavra, a não ser alguns dias depois quando ele, que se dizia profeta, foi convidado para comer em casa do chefe dos fariseus que o queriam apanhar em falta; ela entrou a direito na sala do almoço sem pedir licença a ninguém e atirou-se aos seus pés, lavando-os com o seu pranto e enxugando-os com os seus cabelos, para escândalo de todos (“Se fosse um profeta, saberia que tipo de mulher é aquela que lhe faz isto!”). Mas ela já não poderá ver, sentir, viver toda a vida – nos pormenores e no seu todo – se não através daquele olhar». ² Imaginem como ela deve ter chorado quando O viu morrer e que comoção deve ter sentido quando ouviu: “Maria!”.

A Ressurreição não é um facto do passado. É este olhar que invadiu para sempre a vida de cada um de nós, determinando a nossa forma de olhar para toda a realidade. E a primeira relação com a realidade é a relação com nós mesmos. A Ressurreição indica uma presença, uma presença presente, que permanece presente qualquer que seja a situação que eu possa atravessar, qualquer que seja a impressão que eu tenha de mim, qualquer que seja a aversão que eu sinto por mim! Cristo diz-nos: «Tu és meu, e as tuas objeções não contam para nada! Não são nada!». A questão é se nós damos crédito a Cristo ressuscitado, que reacontece, que está presente, mas que não tem nada a ver com a nossa vida se eu não O deixar entrar cada manhã, se não me abrir totalmente para O receber. A vida torna-se verdadeiramente pesada se nós não nos olharmos com esta Presença no olhar. Que dom maior do que este teríamos podido imaginar?

Prosperi. «Gostaria de perceber melhor o que quer dizer que o maior aliado contra o ofuscamento é a própria realidade».

Carrón. Fico sempre impressionado com a parábola do filho pródigo: ele tinha um pai, uma casa, os bens, tudo, tudo, tinha tudo diante de si, mas não o reconhecia! Porque não basta ter tudo, não basta sequer ter feito o encontro. Não basta! Com efeito, muitas vezes nós não vemos mais do que ele e pensamos que há outro caminho, diferente do encontro, um atalho, para chegar mais facilmente à meta, à felicidade que todos desejamos (o filho pródigo também saiu de casa por isso). Mas a realidade é

² L. Giussani, *Dal temperamento un metodo*, op. cit., pp. 5-6.

teimosa: podes ir-te embora, fazeres tudo o que quiseres para ser feliz, até que a realidade te mostre quem és e, então, talvez te comeses a se dar conta do que recebeste. Há tempos contaram-me de alguém que tinha saído da nossa Fraternidade, como o filho pródigo, e que 17 anos depois, ligou para um amigo da Fraternidade para dizer: «Vocês ainda se veem? Ainda se encontram?». «Claro!». «Posso ir também? Porque não aguento mais as saudades!». O que é que fez com que ele percebesse, o que é que venceu o seu ofuscamento, se não a realidade? Toda a realidade o fez perceber o que tinha lhe acontecido e que tudo o ele tinha na cabeça era nada comparado com aquilo! Seria bonito não decair, mas nós somos uns pobres coitados e, infelizmente, decaímos. Então, a realidade faz-nos voltar a nós mesmos, quando todas as nossas ilusões e imagens desmoronam, podemos ver com clareza toda a dificuldade de viver e quanto tempo precisamos para reconhecer aquilo que nos aconteceu. Quanto mais depressa o reconhecemos, menos tempo perdemos e mais gozamos a vida na Sua presença.

Prosperi. «Ficamos muito impressionados como, sem nos darmos conta disso, deixamos de estar centrados em Cristo. Sem nos darmos conta, portanto inevitavelmente, e sem o podermos impedir. Os apóstolos tinham-nO diante de si e isso não bastava! O que significa, então, que devemos mudar de posição, como diz Dom Giussani: «Se é para mudar, muda!» se, sem nos apercebermos, nos descentramos de Cristo? Como não cair, também aqui, num dever “fazer” alguma coisa? E o que significa, existencialmente, “decidir” participar num acontecimento? Em que consiste esta decisão?»

Carrón. Os apóstolos tinham-n’O diante de si, em carne e osso. Não é que faltasse alguma coisa ao testemunho de Cristo. No entanto, decaíam. Por isso, não podemos justificar-nos dizendo: «Os amigos da Fraternidade não são testemunhas bastante». Não! Nós não decaímos por culpa dos outros, mas porque somos uns pobres coitados. Uma das frases citadas por Dom Giussani, que me repeti mais vezes é esta: «Não nos devemos admirar que a fraqueza seja fraca» (São Francisco de Sales). Qual é o mistério de que a fraqueza seja fraca? Que nós decaíamos é normal, amigos. Mas, diante da nossa queda, olhemo-nos por um instante com ternura! Aos apóstolos, não bastou nem mesmo toda a imponência do testemunho de Cristo para que não decaíssem, como vimos. Lembro-me sempre do testemunho de Dom Giussani na Praça de São Pedro, quando disse: «A infidelidade sempre surge no nosso coração, mesmo diante das coisas mais bonitas e mais verdadeiras, onde [...] o homem pode decair

por fraqueza e preconceito mundano». ³ Que conhecimento tinha Dom Giussani do tecido humano do qual somos feitos! “Sem mim, nada podeis fazer”, ⁴ disse-nos Jesus. Não basta nem mesmo o mais imponente testemunho, porque envolve a liberdade. No fundo, nós sonhamos com uma relação com a realidade, com a evidência, que não implique a liberdade. Mas isso é impossível. Somos livres e, por causa disso, podemos decair a cada instante.

O que quer dizer, então, decidir participar num evento, num acontecimento como é a nossa Fraternidade na Igreja? Significa decidir “estar mergulhado” dentro de um lugar onde, ainda que eu decaia – como decaio, é inevitável que eu decaia! – ainda assim sou abraçado e despertado, um lugar onde tudo me é dado novamente.

Uma de vocês escreveu-me contando o período difícil que está a atravessar. Uma noite, como sempre, vai à reunião do seu grupo de Fraternidade e volta para casa contente, mudada. Na noite seguinte, a filha de quinze anos diz-lhe: «Estava a deixar-te um bilhete, no caso de não te ver chegar, para te dizer que devias ir mais vezes àquele lugar onde foste ontem à noite!». Isto pode acontecer aos de dentro, como nós, e aos de fora. No outro dia, um rapaz do CLU contava: «Na sexta-feira, almocei com um amigo do Direito que tem um ano mais que eu e não frequenta o Movimento, ou melhor, começou a frequentá-lo há algumas semanas. Falamos de várias coisas, das eleições, do estudo e, num determinado momento, ele disse-me: “Peço-te, por favor, para nos revermos, para nos continuarmos a ver, talvez estudarmos juntos, na universidade, vermo-nos mais vezes, almoçarmos juntos mais vezes”. Naturalmente, perguntei-lhe: “Desculpa, por que é que me queres ver mais vezes?” E ele disse: “Quero estar mais contigo e com vocês”» – cá está, esta é a decisão! – «“com vocês do movimento, porque noto que há algo de diferente em vocês, tanto que já não consigo não estar com vocês”. Pergunto-lhe: “Mas que coisa diferente é essa?”. E ele responde: “Quero ter um relacionamento com vocês não porque sejam simpáticos, tenho amigos mais simpáticos, não porque sejam estudiosos, tenho amigos muito mais estudiosos, mas porque vocês são mais verdadeiros, mais profundos. São diferentes e eu já não consigo não estar com vocês. Comecei a ler *O sentido religioso* e a ir sempre à Escola de Comunidade; tenho um colega de apartamento que estuda Economia e tenho a certeza

³ L. Giussani, «*Nella semplicità del mio cuore lietamente Ti ho dato tutto*», Roma, 30 de maio de 1998. Pubblicato in L. Giussani – S. Alberto – J. Prades, *Generare tracce nella storia del mondo*, Rizzoli, Milão 1998, p. VI.

⁴ Jo 15,5.

de que, mais cedo ou mais tarde, também ele irá à Escola de Comunidade, porque ao jantar não fazemos mais nada do que falar disso, do sentido religioso”. Fiquei muito impressionado, e comecei a interrogar-me: mas o que será esta diferença que ele viu em nós, ao ponto de dizer: ‘Não são os mais simpáticos, não são os mais estudiosos, mas já não consigo não estar com vocês?’».

«A Igreja», diz Dom Giussani, «é mesmo um lugar comovente de humanidade, é o lugar da humanidade, onde a humanidade cresce, se incrementa, expurgando continuamente o que de sujo entra, porque somos homens; mas ela é humana»; e sublinha: «Por isso, os homens são humanos quando limpam o sujo e amam o puro». Não justificam o sujo, mas expurgam o sujo porque amam o puro. «A Igreja é uma coisa verdadeiramente comovente».⁵ Reconhecer este lugar não implica um dever fazer alguma coisa. É simples, porque a pessoa não pode resistir, como este rapaz que não consegue deixar de estar com os universitários que encontrou.

Prosperi. «Habitado há anos, durante a universidade, a estar diariamente com a companhia, muitas vezes o meu seguimento pareceu-me facilitado por esta possibilidade de ‘viver com’. Entrado na vida adulta, as ocasiões deste “viver com” diminuíram. Hoje, falaste do seguimento como identificação com a experiência de um outro. Podes ajudar-me a perceber melhor o que isso significa? E, sobretudo, como é possível não reduzir isso a um esforço moralista?».

Carrón. As ocasiões não diminuíram. Nem penses nisso! Apenas mudaram. Ninguém nos impede de viver em relação com as pessoas através das quais vemos que a nossa vida é ajudada. Depende do que decidimos fazer com a nossa vida e com o nosso tempo. É inútil continuar a pôr objeções que não existem. Para as coisas que nos interessam, encontramos todo o tempo necessário. Não devemos viver a condição adulta pensando que tudo pode continuar como era no tempo da universidade! Tudo depende de nós, do quanto queremos envolver-nos com as pessoas porque – como sempre ouvimos Dom Giussani dizer – «há sempre *pessoas*, ou *momentos de pessoas*»⁶ em que nós podemos ver do que é que precisamos para viver, e com cuja experiência nos podemos identificar. Mas ver nelas o ideal vivido não pode substituir a verificação que cada um tem que fazer na sua própria

⁵ Ver p. 88.

⁶ L. Giussani, *Un avvenimento di vita, cioè una storia*, Edit-Il Sabato, Milão 1993, p. 459.

vida, porque é a verificação que torna a adesão e o caminho cada vez mais certos, que nos faz alcançar aquela certeza sobre Cristo à qual somos provocados pela Escola de Comunidade deste ano. Para conquistar essa certeza não basta simplesmente estarmos juntos. «A fé», diz Dom Giussani, «não pode enganar, não te pode dizer: ‘É assim’, obtendo a tua aprovação nua e crua gratuitamente». Isso não faz com que ela se torne tua. «Não! A fé não pode enganar, porque está de algum modo ligada à tua experiência: no fundo, é como se ela tivesse que comparecer no tribunal onde tu és juiz através da tua experiência.»⁷ Só se comparecer no tribunal onde eu sou juiz através da minha experiência, é que o olhar de Jesus pode entrar até o mais profundo de mim, penetrar até às vísceras, de modo tal que eu já não me consigo conceber fora desta relação. “Já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim.”⁸ Mas ninguém pode fazer este percurso em vez de mim. Se o nosso estar juntos não é para que este “já não sou eu que vivo...” possa ser verificado por cada um de nós até se tornar cada vez mais nosso, a companhia permanecerá algo externo a nós, não penetrará nas nossas vísceras, na percepção que tenho de mim, na concepção que tenho de mim, no modo com o qual eu digo “eu”, não modificará a consciência que tenho de mim mesmo. Sem esta verificação pessoal, a fé não se tornará minha.

Portanto, se a fé não pode enganar, «também tu não podes enganar», continua Dom Giussani, «porque para poder julgá-la é preciso usá-la; para poder ver se transforma a vida, deves vivê-la seriamente; e não se trata de uma fé que nasce de uma tua interpretação, mas a fé como te foi transmitida, a fé autêntica. Por isso, o nosso conceito de fé tem um nexo imediato com as horas do dia, com as coisas quotidianas da nossa vida [...]. Se tu, quando te apaixonaste por uma jovem, ou tendo vivido diversas vezes a experiência de te apaixonares, nunca te deste conta de que modo a fé muda aquele relacionamento, se tu nunca pudeste dizer: “olha como a fé, iluminando esta minha tentativa de relacionamento, o muda, como o muda para melhor!”; se nunca pudeste dizer algo assim [...], se tu nunca pudeste dizer: “Olha como a fé torna a minha vida mais humana”, se tu nunca pudeste dizer isso, a fé nunca se tornará convicção, nunca se tornará construtiva, nunca gerará nada, porque não tocou o teu eu mais profundo”.⁹ É esta experiência que somos convidados a fazer, a mesma que, no vídeo de ontem, Dom Giussani fez acontecer mais um vez diante de nós.

⁷ L. Giussani, *L'io rinasce in un incontro* (1986-1987), op. cit., p. 300.

⁸ *Gal* 2,20.

⁹ L. Giussani, *L'io rinasce in un incontro* (1986-1987), op. cit., pp. 300-301.

Prosperi. A próxima pergunta pede um esclarecimento, à luz destes Exercícios, sobre aquilo que o Papa nos disse na Praça São Pedro. «O que significa a ênfase na autorreferencialidade?».

Carrón. O Papa disse-nos que «“sair” significa também rejeitar a autorreferencialidade, em todas as suas formas, significa saber ouvir quem não é como nós, aprendendo com todos, com humildade sincera».¹⁰ Ao preparar os Exercícios e relendo alguns textos da nossa história, deparei-me com uma conversa de 1978 entre Dom Giussani e os professores do Movimento, onde ele lê o que um deles lhe tinha escrito. Cito isto apenas para mostrar que entre nós, esta é uma velha questão: «A fama generalizada», escreve-lhe a pessoa, «é que o celino típico é incapaz de estar com os outros porque julga tudo o que é diferente como sendo inferior, ou supérfluo, ou inimigo. Então, fecha-se entre aqueles que são da comunidade porque com os outros sente-se mal, não se sente compreendido». Independentemente de ser esta ou não a nossa situação – não é isso que me interessa agora –, é um dado que, de qualquer forma, é preciso ter em conta. Com efeito, Dom Giussani comenta: «No entanto [nos primórdios, não foi assim] nos primeiros tempos o *raggio* era feito de tal modo que se aprendia com todos, vinham judeus, protestantes, ateus, era feito exatamente para abrir o coração do cristão para perceber que a fé é capaz de valorizar, compreender o que há de verdadeiro em qualquer experiência».¹¹

Este é o olhar que Dom Giussani sempre nos ensinou, é o olhar católico, que ele identifica com a palavra “ecumenismo”. Com ecumenismo «quer indicar-se que o olhar cristão vibra com um ímpeto que o torna capaz de exaltar todo o bem que existe em tudo o que se encontra, na medida em que o faz reconhecer-se participante daquele desígnio cuja realização será cumprida na eternidade, e que em Cristo nos foi revelado. Nada é excluído deste abraço. «É o acontecimento de Cristo que cria a cultura nova e dá origem à verdadeira crítica», porque «a valorização do pouco ou do muito bem que existe em todas as coisas conduz à criação duma nova civilização, a amar uma nova construção [...], uma cultura nova».¹² Ficaré sempre no nosso olhar o exemplo do cão putrefato: “Há um episódio atribuído a Cristo por um evangelho apócrifo, segundo o qual, enquanto atravessava os campos, Jesus viu a carcaça apodrecida de um cão; São Pedro, que ia

¹⁰ Francisco, *Discurso ao Movimento de Comunhão e Libertação*, 7 de março de 2015.

¹¹ *Agli educatori. L'adulto e la sua responsabilità*, op. cit., p. 57.

¹² L. Giussani – S. Alberto – J. Prades, *Generare tracce nella storia del mondo*, op. cit., pp. 157-158.

à Sua frente, disse: ‘Mestre, afasta-te’. Mas, Jesus, pelo contrário, seguiu em frente e, parando a um passo do cão, exclamou: ‘Que dentes brancos!’. Era a única coisa boa naquele corpo putrefato. Os limites, esmagadores, saltam aos olhos de todos [todos sabemos ver os limites!], porém o valor verdadeiro das coisas só o encontra quem tem a percepção do ser e do bem, quem deixa emergir e ama o ser, sem obliterar, eliminar, fechar ou negar, porque a crítica não é hostilidade às coisas, mas amor a elas. Por isso, não é possível sermos verdadeiramente críticos se não estivermos pacificados por um amor que nos possui e que possuímos. Só se formos possuídos inteiramente por um amor, só se nos reconhecemos pertencentes ao amor de Cristo “transbordante de paz”, é que podemos ser como crianças que entram numa floresta escura, sem medo». Dom Giussani continua: «O mundo foi conquistado pelo cristianismo, em última instância, graças a esta palavra sintética: “misericórdia”». Misericórdia! Antes, muito antes do Papa Francisco falar dela! E ninguém pode dizer que seja ambíguo falar dela nestes termos! A misericórdia, de facto, está no início do cristianismo: «A capacidade de misericórdia exprime-se como sensibilidade ao bem, como certeza de que o bem vence com a força de Cristo». Portanto, esta abertura, na certeza de Cristo, faz-nos reconhecer o bem em quem quer que seja, mesmo no mais distante: «Esta abertura faz-nos sentir em casa junto de quem conserva um resquício de verdade, faz-nos sentir à vontade em qualquer lugar».¹³ Nesta última frase encontra-se o critério para que cada um possa julgar se o seu modo de viver o movimento é autorreferencial ou não: se está «à vontade em qualquer lugar».

Prosperi. «Que valor tem o passado, se o que conta é só o momento presente? Se o acontecimento se dá agora, que valor tem a história que nos precedeu?».

Carrón. A história que nos precedeu é fundamental porque, como diz Dom Giussani n’ *O Sentido Religioso*, sem a experiência e sem a riqueza do passado não há possibilidade de comunicação, tudo é aridez. «Quanto mais cheio de experiência eu for, tanto mais serei capaz de te falar». Mas para que tudo o que nos acontece se possa tornar verdadeiramente nosso, ou seja, riqueza da qual partimos para a relação com o outro e com tudo, é preciso estarmos empenhados na vida como experiência. E isto não é automático. «O diálogo e a comunicação humana têm raízes na experiência. Na verdade, de que resulta a aridez [...] da convivência entres comunidades, se-

¹³ *Ibidem*, pp. 158-160.

não do facto de que muito poucas pessoas podem dizer estar empenhadas na experiência, na vida como experiência? É o descompromisso com a vida como experiência que faz tagarelar e não falar. A ausência de verdadeiro diálogo, essa terrível aridez na comunicação, essa incapacidade para comunicar é apenas comparável à bisbilhotice.» Para que possamos compreender o dinamismo que gera a participação e a comunicação, Giussani faz duas observações: «A experiência é guardada pela memória. A memória é a guardiã da experiência; a experiência é, portanto, guardada pela memória, porque eu não posso dialogar contigo se a minha experiência não estiver guardada em mim, protegida em mim como uma criança no seio da mãe, a crescer em mim à medida que o tempo passa». A segunda observação, e aqui está o ponto, é que «a experiência tem de ser verdadeira, isto é, julgada pela inteligência; se não, a comunicação passa a ser um chilrear de palavras, ou um vomitar de lamentos. E como faz a inteligência para julgar a experiência? Tem de comparar sempre o conteúdo expressivo desta com base nas exigências constitutivas da nossa humanidade, com base na “experiência elementar”, porque a experiência elementar é a inteligência em ato, na sua essência».¹⁴

Então, qual é o problema? O problema é que podemos não fazer experiência, não perceber o que o passado nos ensinou. Para os judeus, que viram tudo o que lhes foi dado continuamente por Deus, o que quer dizer aprender com o passado? Estar constantemente abertos ao novo dom que lhes será oferecido. Se, pelo contrário, não se aprendeu com o passado esta disponibilidade para receber, quando o novo dom de Deus chegar, não nos encontrará disponíveis para o acolher, e vamos recusá-lo. Por isso, em vez de aprender aquela postura simples que acolhe constantemente a modalidade com a qual o Mistério renova para nós, agora, o seu dom, num determinado momento podemos pensar que percebemos, que possuímos aquilo que devemos aprender continuamente, desde o primeiro instante da experiência cristã e, então, estamos perdidos. Por isso Giussani nos diz: «Aquilo que sabemos ou aquilo que temos torna-se experiência se aquilo que sabemos ou temos é algo que nos é dado agora: há uma mão o oferece agora»; caso contrário, perco tudo o que sei e o que tenho. E acrescenta esta frase tremenda: «Fora deste “agora” não há nada!».¹⁵ Para compreender a verdade destas palavras, basta que vocês olhem para os vossos relacionamentos: sem este ‘agora’, toda a experiência que viveram com a mu-

¹⁴ L. Giussani, *O sentido religioso*, op. cit., pp. 118-119.

¹⁵ Cfr. ASAEMD, documento transcrito intitulado «Dedicazione 1992 Rimini, 2-4 Ottobre 1992». A. Savorana, *Vita di don Giussani*, op. cit., p. 851.

lher ou com o marido se torna árida, vocês já não se dão conta do início, a mulher ou o marido já não os surpreende como no início. Mas para que serve toda a vossa experiência, senão para vos preparar cada vez mais para se surpreenderem com o facto de que ele, ou ela, ainda esteja ali e ainda vos ame? “«Fora deste “agora” não há nada!» Na experiência percebemos bem isso, porque tudo nos é dado. Quando, porém, já não nos surpreendemos “agora”, no presente, mesmo com toda a experiência passada, dizemos: “Sim, está bem, foi assim antes, mas agora já não é, é tudo velho!”. E então sucumbimos à convicção de que o matrimónio é o túmulo do amor e que o cristianismo é o túmulo do desejo. Mas não dizemos isso porque realmente o sejam! Acabamos por pensar assim porque já não estamos abertos, já não estamos disponíveis. Por isso os novos amigos que encontramos, dizia eu ontem, são os que nos oferecem de novo o olhar que Cristo introduziu no mundo. O que é que estás a perder, se não vês aquilo que os novos veem? E no entanto, muitas vezes nós achamos que eles são ingénuos, assim como os fariseus achavam de João e André. «Acaso acreditou nele alguém dentro das autoridades?»,¹⁶ replicavam duramente os fariseus a quem depois de ter encontrado Jesus afirmava, maravilhado: «Nunca um homem falou assim!».¹⁷ No dia em que nos acontecer surpreender também em nós esta atitude de fechamento, podemos todos ir para casa! Porém o cego de nascença, o último a chegar, não podia deixar de reconhecer aquilo que lhe estava a acontecer naquele momento.

Temos que pedir a Nossa Senhora para nos manter na disposição do início. É aquilo que o Papa recomendava aos Movimentos: «A novidade das vossas experiências não consiste nos métodos e nas formas, [...] que também são importantes, mas na disposição para responder com renovado entusiasmo ao chamamento do Senhor».¹⁸ Como que a dizer: podem ter feito muitas coisas, mas se perderam a disposição da origem, então todo o fogo do início se transforma em cinzas. Não há fuga. Podemos falar muito, protestar, irritarmo-nos, mas se perdemos aquela disposição, é inútil depois lamentarmo-nos. No entanto, as coisas não correm necessariamente assim! É preciso, porém, uma decisão da nossa parte. E se ainda não somos capazes de a tomar, comecemos a pedir ao Senhor que nos ajude. Depressa! Antes que o deserto avance em nós.

¹⁶ Jo 7,48.

¹⁷ Jo 7,46.

¹⁸ Francisco, *Discurso aos participantes no Congresso Mundial dos Movimentos eclesiais e das Novas Comunidades*, 22 de novembro de 2014.

Prosperi. Portanto, aceitar que o acontecimento se dá agora depende do reconhecimento de que Aquele que entrou na nossa vida, Aquele que nos agarrou através do encontro, continua a conduzir a nossa vida.

Carrón. Lembrei-me do episódio do maná. No deserto, o povo tem fome. Deus responde enviando-lhes o maná todas as manhãs. Mas como não confiam que o Senhor continua presente (“que não voltas”), os israelitas começam a acumular o maná, em vez de crescerem na confiança e na consciência, com uma postura de criança, num abandono àquela Presença que já deu provas, de forma tão evidente, de estar interessada neles. Percebo a tentação, porque este abandono faz-nos depender sempre de um Outro, faz-nos estar sempre à mercê de um Outro, do desígnio de um Outro, e isso não nos agrada porque significa que não somos os patrões da nossa vida. Mas o problema é termos uma verdadeira afeição por nós mesmos, isto é, um amor por nós tão grande a ponto de estarmos disponíveis para nos deslocarmos constantemente para reconhecer que Ele está no centro, porque só Ele nos pode realizar. Ainda bem que Cristo nos *primerea* sempre!

Prosperi. «A posição sobre o trabalho que se torna gratuidade para o bem dos outros parece-nos ser particularmente desejável. Porém, a experiência normal de trabalho é de ambição, de projeto individual, até mesmo de mesquinhez. Como é que o encontro presente com Cristo pode mudar a nossa atitude no trabalho? Como é que a atitude no trabalho se pode estabelecer como obediência, em lugar de visar em primeiro lugar o dinheiro, o poder, a carreira?»

Carrón. O que é que procuramos no trabalho? O que é que vocês procuram no trabalho quando têm como objetivo o dinheiro, o poder, a carreira? A vossa realização. Mas tentem, tentemos verificar se isso basta para se realizarem, para nos realizarmos. Porque o problema da vida – como sempre vos disse – começa quando a vida corre bem, quando tens tudo aquilo que procuras no trabalho e, no entanto, descobres que isso não basta. E não basta pela razão descrita por Pavese: «Aquilo que o homem procura nos prazeres é um infinito, e ninguém renunciaria nunca à esperança de alcançar essa infinitude».¹⁹ Se nós não reconhecemos que o que realiza a vida é aquela relação com o Mistério de que estamos a falar, não podemos pensar que se introduza qualquer novidade na nossa relação com o trabalho. Porque aquilo que se obscurece em nós – e por

¹⁹ C. Pavese, *Il mestiere di vivere*, Einaudi, Turim 1973, p. 190.

isso, depois, obscurece o modo de viver o trabalho – é a consciência da natureza do nosso eu: a consciência da desproporção sem limites entre as coisas que tenho diante de mim e a amplitude do meu desejo é eliminada e, por isso, mesmo quando consigo obter aquilo que quero, tudo é pouco e pequeno para a capacidade da minha alma e nem mesmo se as coisas correrem bem poderei ficar satisfeito. Este não é um problema ético, não se trata de dizer: «Tenho que me contentar com um pouco menos», até porque não nos conseguimos contentar com um pouco menos. Só podemos “contentar-nos” – isto é, sermos livres – se tivermos tudo, porque qualquer outra coisa que não seja tudo – dinheiro, poder, carreira –, é muito pouco. Então, a questão é se começamos a perceber que o que realiza a nossa vida não é aquilo que fazemos, mas sim a relação com a Sua presença, agora.

Por isso Dom Giussani dizia que só da gratidão pode surgir a gratuidade – esperamos trabalhar sobre isto –, isto é, um relação nova e diferente com o trabalho, aquela modalidade «subversiva e surpreendente» de viver as coisas habituais que entra na história com o cristianismo,²⁰ como vimos nas imagens de Millet projetadas no salão: a vida quotidiana, as coisas habituais mudadas pela presença de Cristo, por um olhar dentro do nosso olhar. Só podemos mudar se o nosso trabalho for investido pela memória de Cristo. O problema é a memória, de outro modo viveremos com todos, exatamente como todos.

No seu último livro, o escritor francês Emmanuel Carrère fala do início do cristianismo nestes termos: «Estou convencido de que a força de persuasão da seita cristã [talvez use essa expressão porque num certo período da sua vida foi cristão, mas agora já não é] se baseava sobretudo na capacidade de inspirar gestos que deixavam de boca aberta, gestos – e não apenas palavras – que contradiziam os comportamentos usuais dos homens. Os homens são assim, não há nada a fazer: os melhores entre eles querem [...] bem aos amigos, e querem mal aos inimigos; preferem ser fortes a ser fracos, ricos a pobres, grandes a pequenos, comandar a obedecer. É assim, é normal, ninguém nunca disse que era mau. Não o disse a sabedoria grega e nem a religião judaica. E então aparecem homens que não apenas dizem, mas fazem exatamente o contrário. No início, ninguém conseguia entender as suas razões, ninguém percebia qual o benefício daquela absurda inversão de valores. Depois, alguém começou a perceber. Começou a perceber qual era o benefício, ou seja, quanta alegria, quanta força, quanta intensidade a vida ganha com aquela conduta

²⁰ Ver p. 83.

aparentemente insensata. E então só tem um único desejo [ouvimos ontem]: fazer como eles».²¹

Prosperi. «Dom Giussani disse-nos que a virgindade como raiz da relação com as coisas é o caminho de todos. Podemos dizer que é o segredo da vida. O que quer dizer que a virgindade é a modalidade mais verdadeira para viver a vida, também dentro do matrimónio?»

Carrón. Quer se trate do trabalho ou da afeição, voltamos sempre ao mesmo ponto: a consciência da natureza do eu. O problema da relação com o outro está no eu, quer dizer, na percepção que tenho de mim e, portanto, do outro. Mas isto parece-nos individualismo. Não, *não!* O problema está na percepção de si, e se a pessoa não tem isso claro então descarrega no outro (ele ou ela) a responsabilidade de “resolver” o seu próprio desejo de realização. Mas o outro não o resolve, não pode fazê-lo: por isso, muitas vezes, a relação torna-se violência. *O Sentido Religioso* fala nestes termos sobre o “caráter exigencial da vida”: «Uma passagem de *Romeu e Julieta*, de Shakespeare, exprime sinteticamente a abertura analógica do dinamismo do amor no homem: “Mostra-me uma amante que seja belíssima; que será a sua beleza senão um conselho em que leia o nome daquela que é mais bela do que essa belíssima?”. A atração de uma beleza segue uma trajetória paradoxal: quanto mais bela for, tanto mais chama para outrem [...], não fecha, mas escancara o desejo, é sinal de outro. [...] O caráter exigencial da existência humana acena a *qualquer coisa para além de si* como ao seu sentido, ao seu próprio fim. As exigências humanas constituem referência, afirmação implícita de uma resposta última que está *para além* das modalidades existenciais experimentáveis».²²

A experiência diz-nos que um eu e um tu despertam um no outro, reciprocamente, um desejo infinito – de plenitude, de realização – que é desproporcional à capacidade que têm de lhe responder. Por isso, só o horizonte de um amor maior pode impedir que cada um dos dois se consuma numa pretensão (em última instância, violenta) de que o outro ou a outra – estruturalmente limitados – realize aquele desejo infinito que, no entanto, despertou.²³

²¹ E. Carrère, *Il Regno*, Adelphi, Milão 2015, p. 148.

²² L. Giussani, *O sentido religioso*, op. cit., pp.159.

²³ Cfr. J. Carrón, «Raggio divino al mio pensiero apparve, Donna, la tua beltà» (G. Leopardi), *Tracce-Litterae Communionis*, outubro de 2006, pp. I-IV.

O teu coração de homem chamado ao matrimónio, e o meu coração de homem chamado à virgindade como forma de vocação, têm ambos a mesma exigência: Cristo, o único capaz de responder à sede de felicidade que o outro suscita constantemente em mim. Neste sentido, a virgindade, como ouvimos ontem pela voz de Dom Giussani, «é a forma visível de vida que relembra a todos o mesmo ideal de todos, para todos, que é Cristo, o único pelo qual vale a pena viver e morrer, trabalhar, amar a mulher, educar os filhos, reger e ajudar um povo». Por isso, é para todos. Convém-nos. Porque só se Cristo determinar a minha relação com o outro, com a mulher ou com o marido, só se Cristo estiver realmente presente e for aceite na minha vida, é que aquele relacionamento poderá não se tornar violento, poderá ser gratuito. A virgindade como dimensão que todos somos chamados a viver indica, de facto, uma relação com o outro como pura afirmação do seu ser (“amas o outro o outro porque existe”), que tem em si aquela «aura de gratuidade», de «pureza absoluta», de que ouvimos falar ontem, e que só Cristo torna possível. É em virtude da gratidão por ser amado por Cristo, sob a pressão da comoção pela caridade que Cristo tem para comigo, que pode florescer na minha vida a gratuidade. Sob a pressão dessa comoção, posso amar e olhar gratuitamente para o outro, sem pretender que ele possa preencher aquilo que não pode preencher – o meu coração, que é necessidade infinita –, por causa do seu limite. O final da intervenção de Dom Giussani impressionou-me: «A luta [...] contra o niilismo [que pode estar presente na sociedade ou nas relações] é esta comoção vivida».²⁴

Prosperi. «Qual é a diferença entre alegria e letícia? Giussani disse-nos que a letícia é mais do que a alegria. Como é possível sentir letícia?».

Carrón. Só vivendo como estamos a dizer. Olhem bem para as frases pronunciadas por Dom Giussani no vídeo de ontem: «A letícia exige a gratuidade absoluta que só é possível com a presença do divino».²⁵ Só se Cristo invadir a nossa vida é que podemos sentir letícia, caso contrário dependeremos de qualquer outra coisa, e nenhuma alegria se poderá comparar a esta letícia. Por isso, Jesus diz que a letícia suscitada pela Sua presença não poderá ser tirada por ninguém.

Prosperi. «Como sustentar e dilatar a unidade entre nós seguindo, hoje, quem nos guia?».

²⁴ Ver p. 88.

²⁵ Ver p. 87.

Carrón. Há muitos anos, numa *Équipe* do CLU, perguntaram a Dom Giussani como aprofundar esta unidade. Alguém lhe falava da exigência e da vontade de aprofundar a comunhão (muitas vezes pensamos que aprofundar a possibilidade de comunhão é algo que nós podemos fazer). Escutem a resposta de Dom Giussani: «Dizer: “Há uma falta de comunhão, então, existe uma vontade de aprofundar a possibilidade de comunhão entre nós”, leva a algo de fictício, como tal levaria a algo de fictício. Pelo contrário, é a vontade de aprofundar a fé em mim [...], é o aprofundamento da fé em mim, que me coloca em comunhão com vocês. Há um perigo presente e muito difundido no Movimento: o de pensar que a questão é aprofundar a própria pertença à objetividade da comunhão. Mas a objetividade da comunhão nasce do aprofundamento da fé pessoal, porque a fé é o relacionamento com Cristo e Deus».

Não é que João e André tenham aprofundado a comunhão entre eles pondo-se de acordo ou procurando “inflamar-se” um pouco falando sobre a comunhão. Não! Como ouvimos ontem pela voz de Dom Giussani, aqueles dois estavam cheios da mesma coisa. E quanto mais uma pessoa está cheia da mesma coisa que a outra, mais comunhão há entre elas. Senão, sucumbimos à tentação de pensar que a comunhão é algo que nós podemos realizar. E de facto, continua Dom Giussani: «Quanto mais aprofundo a fé, mais me uno a ti, ainda que tu resistas. Quando forem casados, quanto mais um homem aprofundar o sentido da sua relação com Cristo [come veem, volta sempre ao mesmo ponto] dentro da função que lhe é dada, tanto mais amará a sua mulher, ainda que ela o traia. É o aprofundar da fé na pessoa que, como corolário, como consequência, amadurece a comunhão. Não é querendo aprofundar a comunhão entre nós que a nossa comunhão amadurece [nós trocamos a origem, o ponto onde surge a comunhão, com outra coisa: identificamo-la com a nossa vontade de construção]: dessa forma, surgem e são privilegiados, de facto, os aspetos psicológicos, sentimentais, ideológicos». Dom Giussani detém-se longamente sobre o tema para sublinhar «que o problema é a pessoa, que tudo deriva da fé da pessoa».²⁶ Tudo, também a presença: «A presença será uma consequência disto, uma consequência, também do ponto de vista dinâmico [...]: a presença acontece quanto mais é profunda a consciência da fé que tenho em mim. Por isso sublinhei alguns termos», diz Giussani: «A presença “preenche”, dá “gosto”, dá “paz”, porque são tudo sintomas pessoais. A que é que se opõe esta enfatização, vinda ao de cima especialmente este ano, com a ideia de presença? Opõe-se à ideia de uma presença como “co-

²⁶ L. Giussani, *Dall'utopia alla presenza (1975-1978)*, op. cit., pp. 250-252.

munidade”, como coletividade, como grupo. Não é que não deva existir, mas é a consequência», porque quanto mais uma pessoa vive o que foi dito como experiência pessoal, tanto mais se exprime também enquanto grupo. «Caso contrário, torna-se ideológico [como acontece tantas vezes], e desperdiça-se mais cedo ou mais tarde, se nos cansar.»²⁷

O problema, portanto, é a pessoa, tudo deriva da fé da pessoa. Por isso, «o que nos reúne aqui? [...] É o problema da própria vida, da minha vida, do significado da minha vida, da verdade da minha vida, da verdade da minha relação com o mundo e, por isso, da verdade da minha relação com o tempo, com o destino! Este é o problema: a fé». Parece-me que, depois daquilo que vimos acontecer diante dos nossos olhos ontem durante duas horas, isto está claro para todos: o problema é a fé, ou seja, «o que quer realmente dizer que Cristo é o significado da minha vida. O resto é tudo corolário, surge, vem à tona, com os seus instrumentos de mediação, mas este é o ponto.»²⁸

Então, a questão é seguir. Seguir é o que fará com que aquilo que nos aconteceu se torne cada vez mais nosso. «Hoje, uma pessoa falava-me de um problema seu e terminou com uma pergunta: “O que devo fazer?”. E a resposta foi: “Segue! Segue [...] a autoridade. Segue. Se seguires, vais perceber; se não seguires, não perceberás”. Este é o erro daqueles que não acompanharam o desenvolvimento da história do Movimento: ficaram, por exemplo, nos primeiros anos e agora, diante da vastidão do Movimento, ressurgem neles a nostalgia dos primeiros tempos e querem julgar o que o Movimento diz agora com a própria cabeça, com o próprio modo de sentir e de pensar” [Na verdade, alguns dizem até que eu estou a mudar a estrutura genética do Movimento!]. Ao passo que deveriam voltar a seguir, como no princípio. No princípio, perceberam porque seguiram. Agora, pelo contrário, são adultos e dizem: “Não, queremos perceber; queremos seguir aquilo que nos parece justo”. E assim, erram, também na política”.²⁹

Amigos, a vida é uma coisa séria.

Ajudemo-nos a vivê-la com seriedade!

²⁷ *Ibidem*, pp. 251-252.

²⁸ *Ibidem*, p. 252.

²⁹ L. Giussani, *Affezione e dimora*, Bur, Milão 2001, p. 71.

AVISOS

Oração pelos cristãos perseguidos

O Papa Francisco lançou um novo apelo premente em favor dos cristãos perseguidos: “Infelizmente, ainda hoje, ouvimos o grito sufocado e negligenciado de tantos irmãos e irmãs nossos desamparados que, por causa da sua fé em Cristo ou da sua pertença étnica, são pública e atrocemente assassinados – decapitados, crucificados, queimados vivos – ou então, obrigados a abandonar a sua terra” (12 de abril de 2015). Esta grave situação não pode deixar de nos interrogar, a cada um de nós e a todo o Movimento. A Conferência Episcopal Italiana está pensar numa iniciativa de oração que envolva toda a Igreja. Assim que sejam decididas a modalidade e a forma do gesto, damos-vos notícia.

Meeting pela amizade entre os povos 2015

Como já sabem, este ano o Meeting acontecerá de quinta-feira, 20 de agosto (abertura às 12h) a quarta-feira, 26 de agosto (encerramento às 0h). Os organizadores pensaram nestas novas datas, em primeiro lugar, para favorecer a participação do maior número de pessoas, porque o Meeting é construído participando pessoalmente no evento, como nos dizia Dom Giussani, pelo menos um dia. O Meeting é o gesto mais expressivo de uma história: tomar consciência disso é o primeiro modo de apoiá-lo. Nestes anos, muitas pessoas, visitando-o pela primeira vez, ficaram tocadas pelos encontros e pelas mostras, mas sobretudo pelas pessoas que o realizam, que dele participam, que ouvem, que estão interessadas, que se deixam provocar e fazem perguntas, que trabalham gratuitamente e estão contentes. Muita gente encontra no Meeting um espaço de diálogo, de convivência e de encontro, ao ponto de perguntar quem são aqueles que o realizam, querendo conhecer a origem desta experiência. Por isso, participar pessoalmente no Meeting é uma ocasião para todos, para redescobrir a experiência da qual nasce e o que traz consigo.

O título deste ano é tirado de uma poesia de Mario Luzi: “De que é falta esta falta, / coração, / que, de repente, dela ficas cheio?”. Todos podemos entender o alcance cultural de um título como este, porque, como vimos nestes dias, na origem de toda a confusão atual – graças à qual já não há nenhuma evidência – está um obscurecimento da consciência no que diz respeito à natureza do eu. Portanto, será interessante encarar esta pergunta em busca de uma resposta, porque, de outra forma, o empobrecimento da pessoa e a redução do desejo serão sempre cada vez mais inevitáveis.

Vida da Fraternidade

Retomo alguns aspectos da vida da Fraternidade sobre os quais nos chegaram perguntas de esclarecimento.

Visitor dos grupos de Fraternidade. Já por ocasião do encontro dos priores – que vocês puderam ler – dos grupos de Fraternidade da diocese de Milão, no dia 4 de dezembro de 2013, eu tive a oportunidade de recordar aquilo que eu próprio sempre ouvi dizer a Dom Giussani, e imagino que vocês também, como eu, a propósito da função do *visitor* dum grupo de fraternidade. Dizia: “Tu, *visitor*, vais aonde eu não posso chegar; já que eu não posso ir até lá, vais tu”. O *visitor* não pertence diretamente à estrutura da Fraternidade como tal. É simplesmente uma figura que tem como objetivo a oferta de uma amizade, de um relacionamento; é uma modalidade para fazer chegar o olhar do guia, o abraço de quem tem a responsabilidade de guiar, e que o guia não consegue levar diretamente. A função do *visitor* não é outra senão levar, portanto, com a sua própria presença, a minha própria presença onde me é impossível chegar (eu gostaria de ir a todo o lado, mas não é possível, uma vez que somos muitos e estamos em tantos lugares do mundo). Neste sentido, o *visitor* é indicado ou, pelo menos, verificado por quem guia. Um grupo de Fraternidade que queira a ajuda de um *visitor* para o próprio caminho deverá, portanto, depois de ter identificado a pessoa, perguntar ao responsável diocesano ou regional se é oportuno ou se a pessoa é adequada, exatamente pelo seu valor em relação ao guia central da Fraternidade.

Eleições dos responsáveis diocesanos. Julgo que é útil explicar bem como enfrentamos e como tentamos responder a este aspecto da vida da Fraternidade. Desde o início da constituição da Fraternidade, Dom Giussani tinha pensado numa estrutura para a sua condução, a da Diaconia central, da qual participam os responsáveis regionais da Fraternidade que são eleitos – lá onde a Fraternidade é reconhecida pelo bispo da diocese – pelos responsáveis diocesanos que, por sua vez, são eleitos pelos inscritos residentes na diocese. Para a designação do responsável diocesano (segundo a norma do artigo 30 do Estatuto) foi redigido um procedimento específico, de modo tal que todos possam ser informados acerca dos tempos e dos modos desta eleição. Em algumas dioceses já se começou a usar este procedimento. Mas, de algumas, recebemos perguntas que revelam uma dificuldade em compreender a natureza deste gesto. O ponto mais importante a esclarecer diz respeito à autoridade da Fraternidade e o que quer dizer que a Fraternidade escolhe o seu guia. Dom Giussani descreve como se identifica a autoridade: a autoridade, ou «o ponto de referência, não é a soma dos participantes numa reunião».

Então, onde está a autoridade? «A história judaico-cristã assinala numa autoridade fixada por Deus, segundo uma gama variada, seguindo a qual e obedecendo à qual nós estamos seguros de estar no caminho certo». Nós pertencemos a esta história. Por que é que seguimos a autoridade de Dom Giussani? Fomos nós que a escolhemos? Foi-nos dada por Deus e nós reconhecemo-la. Esta é a modalidade, como Deus sempre fez na história do povo judeu. Então, como é escolhida a autoridade? Abstratamente é possível dizer que são três as formas com as quais os homens podem escolher quem é a autoridade. Diz Giussani: uma, através duma votação democrática; outra, porque alguém se impõe como chefe; e outra ainda, reconhecendo que é dada por Deus. Dom Giussani diz: «Esta autoridade não é fruto de votação democrática, muito menos pode ser a impetuosidade pretenciosa de alguém que diz “eu sou o chefe”. Resta apenas uma solução: que é uma graça oferecida por Deus». E já que é uma graça, pode-se acolher ou recusar, mas continua a ser uma graça. «A autoridade é alguém em quem Deus nos fez a graça de estabelecer o nosso ponto de inserção na história». É exatamente o que nós reconhecemos em Dom Giussani. Uma vez que a autoridade é fixada por Deus, qual é a sua tarefa? A autoridade tem o dever de indicar quem é mais útil para ajudar a Fraternidade a fazer um caminho. E, por isso, dizia Dom Giussani: «Esta autoridade tem também como máxima preocupação e como máxima tarefa indicar quem, entre aqueles que se juntam, melhor traduz aquilo que ele trouxe. Isto é: a indicação da nova autoridade passa através da autoridade com a qual Deus nos chamou». Vocês viram o que aconteceu comigo. Eu não estou aqui porque eu o escolhi, ou porque vocês me escolheram. Foi ele que me escolheu, chamando-me de Espanha. Ele indicou a autoridade. Isto não impediu, depois, ter que passar através de todos os procedimentos estabelecidos para a confirmação, por parte da Diaconia central, daquilo que Dom Giussani tinha indicado. E a Diaconia Central da Fraternidade, seguindo a indicação de Dom Giussani, elegeram-me. A sua primeira preocupação foi indicar a autoridade. «De outra forma, a alternativa é que a continuidade fosse o método democrático ou a imponência pretenciosa de alguém». Mas, fazendo assim, retornaremos a um dos métodos que Dom Giussani recusou para identificar o guia da Fraternidade, porque «o prosseguimento é [sempre] um obedecer, mesmo o prosseguimento é obedecer: afirmar a obra de um Outro [...]. A indicação que a autoridade nos dá de uma nova autoridade que prossiga, esta indicação não é necessariamente a indicação do máximo ou do mais santo». É um alívio! «A palavra obediência, portanto, entra dentro do campo da liberdade e purifica a liberdade, e fá-la ser aquilo que deve

ser, ou seja, espanto, reconhecimento e adesão àquilo que Deus nos oferece através da autoridade que estabeleceu. Esta autoridade estabelece uma outra autoridade e nós seguimos esta outra autoridade”, diz ainda Dom Giussani. «Aquilo que dizemos do nosso Movimento é análogo à Igreja de Deus. Por isso, a humildade é a característica da autoridade: a humildade, a não imposição. Porque é a obediência que salva a unidade da história» (FCL, *Documentação audiovisual*, Diaconia do CL Espanha, Milão, 4 de junho de 1993).

Tudo o que foi dito é também válido para identificar o responsável nas próprias dioceses e o responsável da região pastoral na qual está organizada a Fraternidade. Com efeito, a proposta de designação é feita por aqueles que guiam a Fraternidade e é submetida à livre expressão dos participantes da assembleia.

SANTA MISSA

Liturgia da Santa Missa: Act 4,8-12; Sl 117 (118); 1 Jo 3,1-2; Jo 10,11-18

HOMILIA DO PADRE FRANCESCO BRASCHI

“Por isso o Pai ama-Me, porque dou a minha vida para a retomar... Tenho o poder para a dar e para a retomar” (Jo 10, 17-18a). Estas palavras de Cristo poderiam escorregar, passar despercebidas entre as tantas palavras ouvidas nestes dias. Ou então, poderiam deixar em nós – mas apenas por pouco – um eco sentimental, talvez até o pressentimento de que sejam palavras importantes, mas que dizem respeito, em última análise, mais ao relacionamento entre Cristo e o Pai, do que às exigências do nosso viver concreto, aqui e agora.

E, pelo contrário, estas palavras foram-nos não simplesmente lidas, mas anunciadas. Mais: foram-nos ditas por Cristo mesmo, que fala e é o sujeito da liturgia da Igreja. E, portanto, já não podemos pensar que representem algo de diferente ou de separado do Seu reacontecer, do Seu ser uma Presença presente agora, aqui, para cada um de nós.

Mas, o que significa “*Por isso* Pai ama-Me, porque dou a minha vida para a *retomar*” – quer dizer: “*para que* eu a retome de novo”? O que significa que a razão do amor do Pai por Cristo não está simplesmente no facto de que Ele dê a Sua vida, mas que a dê “com o objetivo” de a retomar, “para que” Ele a retome? Nós todos pensamos saber o que significa “dar a vida”: significa oferecer-se, sacrificar-se, e estamos mais do que dispostos – pelo menos no termo dos Exercícios Espirituais – a reconhecer a grandeza do dar a vida de Cristo por nós.

Mas, há um risco neste “saber”. Se a Páscoa de Cristo não se torna o *método* de estar no real, há o risco de que o dar a vida por nós, da parte de Cristo, permaneça como um gesto distante no espaço e no tempo, permaneça como uma recordação devota à qual voltar, de vez em quando, com a mente.

Há o risco que olhemos para a Cruz de Cristo, para o Seu dar a vida como se fosse uma “missão cumprida”, que comemoramos em Caravaggio (ou noutra lugar), na Sexta-Feira Santa, mas para a qual, agora, olhamos sobretudo como algo que permanece nas nossas costas, que se torna a *nossa* Cruz. Que alimenta até mesmo – não queira Deus! – uma amarga suspeita: que Cristo, cumprida a sua obra, tenha ido embora; ou que – pelo menos – permaneça apenas se o meu juízo lhe consentir.

Pelo contrário, há bem outra coisa para nós! Que Cristo retome a própria vida depois de tê-la dado, muda toda a perspectiva, muda todo o juízo! O Pai ama o Filho porque, retomando a própria vida depois de a

ter dado, Cristo faz da Sua vida uma oferta permanente, um dom contínuo, uma fecundidade da qual não se subtrai nenhum átimo da história e nenhum lugar da Criação.

O Pai e o Filho conhecem-se recíproca e perfeitamente – como afirma o Evangelho que acabamos de ler (cf. Jo 10, 15) –, porque compartilham em total comunhão o Espírito Santo, que é manifestação e realidade daquele ímpeto de amor que lhes faz dirigirem-Se para fora de Si, e que constitui o único “poder” (cf. Jo 10, 18) que Cristo tem de dar e retomar a Sua vida. Eis o que significa que Cristo é a “pedra angular”, aquela pedra que sustenta tudo sem nunca se cansar.

Dom da própria vida, oferta de Si da parte de Cristo, são a Sua obediência amorosa ao amor e ao comando do Pai. Aquela obediência que transforma a história no lugar da contínua fecundidade da Páscoa, na contínua geração do homem novo, do *sujeito tornado novo*, que se reconhece regenerado “para uma esperança que não se desfaz” (cf. I Pd 1, 3-4). Este é o facto novo que irrompe na história com a Páscoa de Cristo. E que *nos* define, que define cada existência humana de modo indelével e inevitável.

Mas, quem é, quais são as características deste homem novo gerado pela Páscoa?

O homem novo é aquele que se sabe conhecido por Cristo e que O conhece como o pastor que não é um mercenário, que *nunca* abandona as suas ovelhas (cf. Jo 10, 11-13), que nunca pensa dele: “Não está aqui”.

É aquele que sabe ser realmente filho de Deus (cf. 1 Jo 3, 1), gerado para uma existência *já certa* do facto de que a própria consistência vem do Pai, e ao mesmo tempo permeado pela espera, pelo anseio por aquilo que ainda não foi revelado.

É aquele que, na consciência de toda a sua pobreza, se sabe chamado a viver da mesma vida de Cristo, e que, por isso, não teme sair, porque Cristo mesmo *já está fora*, em busca das ovelhas que estão fora do recinto seguro, para além do recinto seguro (cf. Jo 10, 16).

Permanentemente, objetivamente presente entre nós, Cristo ressuscitado é a única pedra sobre a qual se pode construir e reger a realidade. É Ele que nos constrói como *homens salvos*: salvos, em primeiro lugar, da pretensão de querer determinar, segundo a nossa medida, o rosto da realidade.

A realidade é Cristo. E Cristo sabe bem como e quando recontecer para cada um de nós. Experimentámos isso em Roma. Experimentámos isso, ontem à tarde. Experimentámos isso, esta manhã.

Estamos gratos porque Cristo não deixa que nos faltem testemunhas e mestres certos do Seu recontecer. Nós encontrámo-los uma vez mais.

Nós escutámo-los. Cruzámos com o seu olhar aceso pelo reconhecimento de Cristo presente: o Papa Francisco, Dom Giussani, o Padre Julián.

Rezemos para que cada um de nós se torne certo e cheio de letícia pelas graças que se derramam com inimaginável abundância sobre nós e sobre todo o Movimento.

MENSAGENS RECEBIDAS

Caríssimos

Não quero que vos falte a minha saudação e a minha bênção na ocasião do importante gesto no qual, também neste ano, se renova a consciente pertença de todos vós à Igreja, segundo o carisma de Monsenhor Luigi Giussani.

Uma Presença no olhar, sobretudo neste tempo em que muitos cristãos, homens das religiões e construtores de justiça pagam pessoalmente com a vida, com o exílio e com grandes sofrimentos, representa um convite premente para a conversão radical que disponha para a oferta total de si.

Rezo para que uma fé madura comece a existir em cada um. Ela é assim quando o desejo de ver Jesus face a face se torna, por graça e por fé, ao longo do nosso dia dominante e permite aquela “posse na distância” de que o Servo de Deus Dom Luigi Giussani não se cansava de chamar a atenção.

Com afeto, uma bênção especial

S. E. R. Cardeal Angelo Scola

Arcebispo de Milão

Caríssimo Padre Julián,

Uno-me a toda a Fraternidade de Comunhão e Libertação, neste momento de graça, em que o Senhor nos tocou novamente por meio da Audiência Pública com o Papa Francisco, no passado dia 7 de março. O Santo Padre recordou-nos que “depois de sessenta anos o carisma original não perdeu a sua frescura e vitalidade” e, ao mesmo tempo, convidou-nos a sermos “descentrados” porque “o centro é só um, é Jesus, é Jesus Cristo!”.

O tema deste ano – “uma presença no olhar” – ajudará a captar este centro, como sempre fez Dom Giussani, para que possa ser realmente o centro da nossa vida e a nossa missão no mundo. Neste tempo de martírio, peço ao Espírito a graça de que os Exercícios Espirituais renovem a verdade da nossa experiência e o ardor do testemunho, sempre abertos às surpresas de Deus.

Rezo também à Mãe do Senhor por todos vós e desejo que possamos levar a todos os lugares aquele “olhar” inconfundível de Jesus, que aprendemos de Dom Giussani, e que tu nos convidas a manter vivo nas periferias da existência, seguindo o Papa Francisco.

A todos o meu abraço cordial e a bênção do Senhor.

S. E. R. Dom Filippo Santoro

Arcebispo Metropolitano de Taranto

TELEGRAMAS ENVIADOS

Sua Santidade Francisco

Santidade,

A sua mensagem, no início dos nossos Exercícios Espirituais, e a sua saudação que nos foi trazida pelo cardeal Müller, renovaram em nós a certeza da presença de Cristo ressuscitado que nos alcança através da maternidade da Igreja. Por isto estamos-lhe gratos, juntamente com os 24 mil membros da Fraternidade de Comunhão e Libertação presentes em Rimini e os milhares de amigos que assistiram por vídeo, de 17 países do mundo.

Todos arrebatados pelo grande evento do encontro com Sua santidade, na Praça de São Pedro, demo-nos conta de que ainda temos necessidade de perceber o alcance do dom de Deus à nossa vida que foi Dom Giussani: «Tudo, na nossa vida, começa com um encontro. Jesus Cristo sempre nos *primerea*». Na Praça de São Pedro, Sua Santidade fez acontecer diante de nossos olhos aquilo sobre o que nos falou: um encontro, cheio de misericórdia. As suas palavras tornaram-nos mais conscientes da nossa necessidade sem limite, fazendo-nos pedir para sermos pobres de espírito, para receber o dom da conversão.

Por isso, percorreremos outra vez a nossa história, marcada por contínuas chamadas de atenção de Dom Giussani: «O nosso coração está como que isolado, ou melhor, Cristo está como que isolado do coração» porque «não O esperamos dia e noite». Sentimos a urgência de uma fé madura, para a propor, de um modo mais intenso, a todo o mundo. Seguir Cristo e amar em tudo Cristo é a característica principal do nosso caminho.

Com a intenção de fazer memória viva dos dez anos do seu nascimento para o Céu, vimos e ouvimos um testemunho de Dom Giussani sobre Cristo que não foi ontem, mas acontece agora, que nos encheu de silêncio, fazendo-nos reviver o acontecimento do encontro de João e André no Jordão, para os quais foi fácil reconhecê-Lo pela excepcionalidade sem comparação que Cristo comunicava, porque correspondia às expectativas do coração: «Aqueles dois disseram-no aos outros amigos, como um grande fluxo que se engrossava; e chegaram a dizê-lo a minha mãe. E minha mãe disse-o a mim que era pequeno, e eu digo: ‘Só Tu tens palavras que correspondem ao coração’».

No sulco traçado por Dom Giussani, queremos seguir o sucessor de Pedro afetiva e efetivamente, para sermos colaboradores ativos da sua paixão missionária, isto é, «braços, mãos, pés, mente e coração de uma Igreja “em saída”».

Perseverando na oração quotidiana em apoio ao seu ministério universal, pedimos a Nossa Senhora, *Salus populi romani*, que obtenha do seu Filho ressuscitado a ternura da misericórdia para todos os nossos irmãos cristãos per-

seguidos e assassinados pelo simples facto de ter a fé e pelos irmãos homens que morrem fugindo de suas casas em busca da felicidade.

A si, Santo Padre, pedimos uma oração para que cada um de nós mantenha vivo o fogo da memória do primeiro encontro e seja livre, centrado em Cristo e no Evangelho.

Sacerdote Julián Carrón

Sua Santidade Papa Emérito Bento XVI

Santo Padre,

Nos Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação meditámos sobre a situação do homem contemporâneo, onde – como Sua Santidade disse – «o colapso das antigas seguranças tornou-se um facto realizado». Neste contexto, a memória grata do carisma de Dom Giussani e o grande encontro com o Papa Francisco, em Roma, chamaram-nos a atenção para a urgência de que cada um de nós viva cada vez mais a fé como a resposta às exigências profundas do próprio coração, de forma a que cada circunstância e encontro sejam vividos com a presença de Cristo no olhar, para ser «braços, mãos, pés, mente e coração de uma Igreja “em saída”».

Assegurando-lhe a nossa oração quotidiana, pedimos que o Senhor ressuscitado continue a ser a luz que resplandece na letícia do seu rosto.

Sacerdote Julián Carrón

*S. E. R. Cardeal Angelo Bagnasco
Presidente da Conferência Episcopal Italiana*

Eminência caríssima,

No final dos Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação, dos quais participaram 24 mil adultos e outros milhares por vídeo-conferência, voltamos para as nossas casas mais desejosos de estarmos centrados em Cristo, no sulco traçado por Dom Giussani, para sermos, na sociedade italiana, «braços, mãos, pés, mente e coração de uma Igreja “em saída”», segundo o mandato recebido na Praça São Pedro, do Papa Francisco.

Sacerdote Julián Carrón

*S. E. R. Cardeal Stanislaw Rylko
Presidente do Pontifício Conselho para os Leigos*

Eminência caríssima,

No final dos Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação, dos quais participaram 24 mil adultos e outros milhares por vídeo-conferência, renovamos a vontade de sermos «braços, mãos, pés, mente e coração de uma Igreja “em saída”, para ir buscar os distantes nas periferias», como nos pediu o Papa Francisco, na Praça de São Pedro, conscientes de que «o centro é um só, é Jesus, Jesus Cristo!», como Dom Giussani nos testemunhou com toda a sua vida.

Sacerdote Julián Carrón

*S. E. R. Cardeal Angelo Scola
Arcebispo de Milão*

Caríssimo Angelo,

Vivemos estes dias como pedido daquela conversão da qual nos escreveste na tua carta, conscientes de que à necessidade sem limite do nosso coração não podemos responder com discursos ou com o nosso fazer, mas somente reconhecendo Cristo que nos está a acontecer agora, como sempre nos testemunhou Dom Giussani, e como vimos reacontecer com o Papa Francisco, em Roma. “O centro é um só, Jesus Cristo”, este é todo o nosso programa de vida.

Sacerdote Julián Carrón

*S. E. R. Dom Filippo Santoro
Arcebispo de Taranto*

Caríssimo Filippo,

Gratos pela tua carta, nestes dias vivemos a frescura e a vitalidade do carisma, porque vimos reacontecer Cristo presente aqui e agora, como o Único que preenche a necessidade sem limite do nosso coração. Seguindo o Papa Francisco, pedimos para ser cada vez mais descentrados de nós mesmos para sermos, «centrados em Cristo, braços, mãos, pés, mente e coração de uma Igreja “em saída”».

Sacerdote Julián Carrón

A ARTE NA NOSSA COMPANHIA

Ao cuidado de Sandro Chierici

(*Guia para a leitura das imagens retiradas de história da Arte que acompanhavam a escuta dos trechos de música clássica na entrada e na saída do salão*)

No duplo percurso do dia – do alvorecer ao pôr-do-sol – da infância à velhice –, as obras de Jean-François Millet captam a sacralidade da existência do homem em cada seu momento. O convite eucarístico de «fazer tudo em memória de mim» encontra nos gestos simples da vida quotidiana, a resposta de uma fê capaz de captar a positividade inexorável da realidade.

- 1 *O maço de margaridas*, 1871-74, Paris, Musée d’Orsay
- 2 *A sopa*, 1861. Marseille, Musée des Beaux-Arts
- 3 *A proposta*, 1860, Lille, Musée des Beaux-Arts
- 4 *Mãe embalando o seu filho*, 1870-73, Cincinnati, Taft Museum of Art
- 5 *Mulher e criança (Silêncio)*, 1855-60, Chicago, The Art Institute
- 6 *O sono da criança*, 1854-55, Norfolk, Chrysler Museum of Art
- 7 *Camponês enxertando uma árvore*, 1855, Munique, Neue Pinakothek
- 8 *A criança doente*, 1858, Coleção privada
- 9 *Primeiros passos*, 1858-1866, Cleveland, Museum of Art
- 10 *No jardim*, 1860, Boston, Museum of Fine Arts
- 11 *Nos limites da aldeia de Gréville*, 1856, Boston, Museum of Fine Arts
- 12 *Primeira aula de tricô*, 1854, Boston, Museum of Fine Arts
- 13 *Aula de tricô*, 1869, Saint Louis, Art Museum,
- 14 *Fiação*, 1863, Coleção privada
- 15 *Mulher a cozinhar o pão*, 1853-54, Otterlo, Kroller-Muller Museum
- 16 *Jovem mulher a fazer manteiga*, 1848-51, Boston, Museum of Fine Arts
- 17 *Fiadora em pé*, 1850-55, Boston, Museum of Fine Arts
- 18 *Fiadora sentada (Emélie Millet)*, 1854, Boston, Museum of Fine Arts
- 19 *A casa de Millet em Gruchy*, 1863, Boston, Museum of Fine Arts
- 20 *A casa em Gruchy*, 1863 circa, Boston, Museum of Fine Arts
- 21 *O poço da casa de Gruchy*, 1854, Londres, Victoria and Albert Museum
- 22 *Jovem no poço*, 1866-68, Paris, Musée du Louvre
- 23 *O cordeiro recém-nascido*, 1866, Boston, Museum of Fine Arts
- 24 *A tosquia* 1852-53, Boston, Museum of Fine Arts
- 25 *A matança do porco*, 1867-1870, Ottawa, National Gallery of Canada
- 26 *O regresso da quinta*, 1850, Milão, Galleria d’Arte Moderna
- 27 *Mulher que leva uma trouxa e um balde*, 1858-60, Coleção privada

- 28 *Camponesa queimando a erva*, s.d, Gand, Museum voor Schone Kunsten
- 29 *A fiadora*, 1854-57, Nova Iorque, The Metropolitan Museum of Art
- 30 *Auvergne, a fiadora*, 1868-69, Paris, Musée d'Orsay
- 31 *Pastorinha sentada*, 1871, Boston, Museum of Fine Arts
- 32 *Em Auvergne*, 1866-69, Chicago, The Art Institute
- 33 *Menina dos gansos em Gruchy*, 1854-56, Cardiff, National Museum of Wales
- 34 *Pastorinha com o seu rebanho*, 1863-64, Paris, Musée d'Orsay
- 35 *Pastorinha sentada na beira da floresta*, 1848-49, Boston, Museum of Fine Arts
- 36 *Camponesa adormecida à sombra de um arbusto*, 1872-74, Reims, Musée Saint-Denis
- 37 *Observando o voo de gansos selvagens*, 1866, Boston, Museum of Fine Arts
- 38 *Partida para o trabalho*, 1850-51, Glasgow, Art Gallery and Museum Kelvingrove
- 39 *Outono, os feixes*, 1874, Nova Iorque, The Metropolitan Museum of Art
- 40 *Verão, os batedores de grãos*, 1868-70, Boston, Museum of Fine Arts
- 41 *Verão, as catadoras de espigas*, 1853, Kofu, Yamanashi Prefectural Museum of Art
- 42 *As respigadoras de espigas*, 1857, Paris, Musée d'Orsay
- 43 *Ceifeiros descansando*, 1850-53, Boston, Museum of Fine Arts
- 44 *Plantadores de batatas*, 1861, Boston, Museum of Fine Arts
- 45 *A colheita das batatas*, 1855, Baltimore, The Walters Art Museum
- 46 *Batendo o linho*, 1850-51, Baltimore, The Walters Art Gallery
- 47 *O desfolhador*, 1847-48, Londres, National Gallery
- 48 *Mulher que conduz a vaca ao pasto*, 1858, Bourg-en-Bresse, Musée de l'Ain
- 49 *Camponês espalhando esterco*, 1854-55, Raleigh, NC, Museum of Art
- 50 *O nascimento do bezerro*, 1860, Princeton, University Art Museum
- 51 *O nascimento do bezerro*, pormenor, 1864, Chicago, The Art Institute
- 52 *Os lenhadores*, 1850-52, Londres, Victoria and Albert Museum
- 53 *O semeador*, 1850, Boston, Museum of Fine Arts
- 54 *O catador de feno*, 1866-67, Hiroshima, Museum of Art
- 55 *Na vinha*, 1852-53, Boston, Museum of Fine Arts
- 56 *O vinicultor*, 1869-70, Haia, Rijksmuseum Mesdag
- 57 *O homem com a enxada*, 1860-62, Los Angeles, The Paul J. Getty Museum

- 58 *O pastor reúne o rebanho, à noite*, 1860, Nova Iorque, Brooklyn Museum of Art
- 59 *Pastagens perto de Cherbourg*, 1871-72, Mineápolis, Institute of Arts
- 60 *O retorno da colheita de feno ao entardecer*, 1868-70, Hiroshima, Museum of Art
- 61 *A guardiã das aves, outono*, 1872-73, Nova Iorque, The Metropolitan Museum of Art
- 62 *Pastor no crepúsculo*, 1856-60, Baltimore, The Walters Art Gallery
- 63 *A passagem no prado*, 1867, Boston, Museum of Fine Arts
- 64 *O convento de Vauville, Normandia*, 1872-74, Boston, Museum of Fine Arts
- 65 *Noite de inverno*, 1866-68, Boston, Museum of Fine Arts
- 66 *Mulher que cose ao lado da criança adormecida*, 1858-62, Boston, Museum of Fine Arts
- 67 *Angelus*, 1857-59, Paris, Musée d'Orsay

Sexta-feira, 24 de abril, noite

INTRODUÇÃO	4
SANTA MISSA — <i>HOMILIA DE PADRE STEFANO ALBERTO</i>	20

Sábado, 25 de abril, manhã

PRIMEIRA MEDITAÇÃO — <i>O centro é só um, Jesus Cristo</i>	21
SANTA MISSA — <i>HOMILIA DE S.E.R. CARDEAL GERHARD L. MÜLLER</i> <i>PREFEITO DA CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ</i>	57

Sábado, 25 de abril, tarde

SEGUNDA MEDITAÇÃO — <i>Reconhecer Cristo</i>	63
--	----

Domingo, 26 de abril, manhã

ASSEMBLEIA	89
SANTA MISSA — <i>HOMILIA DE PADRE FRANCESCO BRASCHI</i>	110
MENSAGENS RECEBIDAS	113
TELEGRAMAS ENVIADOS	114
A ARTE NA NOSSA COMPANHIA	117

